

Análise e Discussão das sessões exploratórias

É aquela tal história...
Mila

Apresentarei, neste capítulo, a (co)construção dos entendimentos que desenvolvemos acerca das questões emocionais envolvidas no processo de aprendizagem e uso da(s) língua(s) estrangeira(s), em especial a ansiedade. Como mencionei no capítulo anterior, a imagem da espiral é a que, ao meu ver, melhor traduz o movimento do processo reflexivo gerado na pesquisa, pois representa a oscilação de posicionamentos das participantes em relação às suas crenças e ao sentimento de ansiedade. A construção da análise das sessões exploratórias será baseada nas perguntas de pesquisa propostas para esta investigação e apresentadas no capítulo introdutório:

- 1- Por que as aprendizes participantes se sentem ansiosas em situações envolvendo línguas estrangeiras?
- 2- Que avaliações emergem durante as sessões exploratórias realizadas?
- 3- Que crenças surgem durante o percurso reflexivo e que relação há entre essas crenças e a AAULE?
- 4- De que modo o percurso reflexivo apresenta oscilação avaliativa em relação à polaridade e à gradação?
- 5- De que maneira o processo reflexivo contribui para a resignificação da AAULE através das crenças?

A construção dos entendimentos dar-se-á a partir dos conceitos do arcabouço teórico da Teoria da Avaliatividade, no que diz respeito aos subssistemas AFETO, APRECIACÃO e JULGAMENTO, considerando-se os aspectos concernentes à gradação e à polaridade. Os fragmentos selecionados para integrar a interpretação serão tomados como instâncias de reflexão, com foco principal no elemento *avaliação*. Deste modo, darei mais atenção à prática avaliativa e seus componentes,

sendo os demais elementos narrativos abordados quando se mostrarem relevantes para o entendimento da AAULE.

Para possibilitar a análise da GRADAÇÃO, os excertos serão apresentados e analisados na ordem em que ocorreram durante as interações. Segundo Martin e White (2005), podemos iniciar a análise do discurso a partir de uma perspectiva descendente, ou seja, começando pelos segmentos do texto buscando padrões de realização do léxico atitudinal ou ascendente, começando pelas realizações de AFETO, APRECIACÃO ou JULGAMENTO e suas ocorrências no texto. A primeira perspectiva, seguida durante esta análise, não considera as realizações de AFETO, APRECIACÃO ou JULGAMENTO como conceitos *a priori*, isto é, como elementos externos que deverão ser localizados no texto. Ao invés disso, a perspectiva descendente toma o texto do modo como se apresenta e constrói uma interpretação na qual os elementos referentes a AFETO, APRECIACÃO e JULGAMENTO são analisados e relacionados ao sobressair lexical e sintaticamente. Como sugerido pelos autores citados, serão utilizadas cores para destacar o léxico referente a AFETO, APRECIACÃO e gradação, seguindo a legenda:

	AFETO
	APRECIACÃO
	GRADAÇÃO
	JULGAMENTO

7.1

O início da espiral – sessão 1 (29/04/2010)

A seguir, apresento a análise dos fragmentos selecionados, retirados da primeira sessão exploratória. Neste encontro, tanto as participantes como eu tivemos a oportunidade de falarmos sobre nossas vivências e Mila inicia a sua apresentação narrando um episódio ocorrido durante um teste de compreensão auditiva que realizou aos onze anos de idade:

Fragmento 1- Sessão 1

- 1 F: Então vamos começar, quem quer começar a se apresentar?
- 2 Mila A minha experiência com línguas foi até certo ponto dramática. Eu
- 3 tinha onze anos de idade quando eu fui fazer uma prova de
- 4 inglês na ... lá, eu e mais cinco amigos numa prova de listening
- 5 comprehension então o que acontecia era o seguinte: na época a gente
- 6 não era treinado pra isso e lá chegando nós saímos de Niterói pra
- 7 Copacabana fazer essa tal dessa prova. Chegando lá, puseram a fita no
- 8 gravador e nada (ênfase), uma palavra sequer eu entendi. Não entendi
- 9 uma palavra. Esta palavra corresponde a este item, E na segunda vez,
- 10 foi posta a fita novamente e nós começamos a rir desbragadamente e
- 11 fomos postas de lá da XX⁴⁰
- 12 pra fora por desacato.
- 13 [risos]
- 14 Mila Seis mulheres todas pra fora, pela primeira vez na minha vida eu fui
- 15 posta pra fora na frente do meu pai e ele querendo saber o que que
- 16 significava aquilo e dali pra frente vocês não me perguntem o verbo *to*
- 17 *be* em inglês que eu não sei.

No fragmento 1, Mila inicia a sua narrativa apresentando uma avaliação negativa da experiência vivida durante um teste, quando diz: “A minha experiência com línguas foi até certo ponto dramática”. Neste fragmento avaliativo podemos observar a presença da APRECIÇÃO/reação em relação ao impacto (WHITE, 2005) ilustrada pelo adjetivo “dramática” (linha 2), porém precedida pelo elemento gradativo moderado “até certo ponto”. O uso da gradação moderada justifica-se quando Mila insere um tom de humor na narrativa durante a ação complicadora ao dizer: “nós começamos a rir desbragadamente” (linha 10). Por conseguinte, temos nesta primeira narrativa:

EXPERIÊNCIA VIVIDA	AValiação
Não entender o que ouviu durante um teste de compreensão auditiva com um grupo de amigas	Rir desbragadamente
Ser posta para fora do estabelecimento de ensino por desacato na frente do pai	Situação dramática

Quadro 9- Experiência vivida e avaliação

⁴⁰ Os nomes das instituições de ensino mencionadas ao longo dos encontros serão representadas pelas letras XX

A escolha da narração deste episódio como sendo uma abertura, isto é, a apresentação de suas vivências em relação à língua estrangeira traz uma importante relação com a AAULE, no que diz respeito ao medo da avaliação negativa (HORWITZ, 1986). O fato de ter sido expulsa da escola de idiomas perante o pai, uma figura muito significativa em sua vida, foi avaliado por Mila com tanta intensidade que na coda ela apresenta o seu bloqueio em relação à língua inglesa: “e dali pra frente vocês não me perguntem o verbo *to be* em inglês que eu não sei” (linhas 16 e 17).

No segundo excerto destacado, Mila justifica sua necessidade de aprender línguas estrangeiras para fins acadêmicos, e já no início, podemos perceber em sua fala uma atitude negativa em relação a aprender línguas, quando diz na linha 19:” (...) então eu não tinha outra alternativa(...):

Fragmento 2- Sessão1

18	Mila	Então o que que acontece, as minhas fontes primárias ou eram em
19		francês ou eram em alemão, então <u>eu não tinha outra alternativa</u> senão
20		aprender uma coisa ou outra, comecei com o francês, fiz (curso de
21		francês) (pausa) me comunico em francês, saio daqui, vou pra França,
22		falo mal , sei eu que muito mal . As pessoas insistem em falar que eu
23		não falo mal francês, eu custei a convencer Ruth que eu não sabia
24		francês, porque eu conheço, eu me comunico, é diferente , ... a
25		minha, a minha lida com o francês é a lida de um trabalhador de obra
26		eu falo francês como um pedreiro fala francês, e não é isso que eu
27		quero pra mim. Tá tudo bem e aí depois de um certo tempo fui fazer
28		alemão, comecei lá lá lá na UFRJ [fala interposta] O professor
29		Fernando, uma pessoa fora do comum, e ele nos dava aula de alemão
30		de graça, nos dá e a gente começou a se entrosar e hoje eu digo a vocês
31		que o o alemão das três línguas que eu tentei aprender é a mais fácil .
32		Agora, eu tenho um bloqueio absoluto com línguas, não consigo
33		aprender, é aquela constante, Isto fora a prova, eu fiz com o material
34		que eu tinha do ... eu fiz o DLF na XX e passei, agora como eu sou
35		especialista em fazer prova isso aí não é o problema, agora eu conheço
36		as minhas dificuldades .

O modo como avalia seu desempenho em francês “falo mal” (linha 22), representa uma crença observada na APRECIACÃO/composição, pois ela não considera sua fala bem elaborada, e enfatiza essa avaliação através do advérbio de intensidade “muito” (linha 22). Um dos componentes da ansiedade em língua

estrangeira é o medo da avaliação negativa, por parte dos outros, mas no caso da Mila, a avaliação negativa parte, nesse momento, dela mesma, quando diz:” (...) falo mal, sei eu que muito mal (...)” (linha 25), e temos um JULGAMENTO/ capacidade, percebido na comparação que estabelece entre o francês que fala e o francês do “trabalhador de obra” (linha 25), ou seja, Mila, sendo uma juíza, acredita que um trabalhador de obra não se utiliza dos mesmos recursos estilísticos e gramaticais da mesma maneira que uma magistrada. Podemos observar neste fragmento uma crença construída por ela de que deve apresentar na língua estrangeira a mesma eloquência e precisão gramatical percebida na língua materna. Em decorrência desta crença, Mila desenvolve outra: acredita que tem um bloqueio absoluto para aprender línguas estrangeiras.

Outra APRECIÇÃO/composição é observada quando Mila classifica o alemão como “a mais fácil” (linha 31). O primeiro léxico atitudinal em relação ao AFETO/ insatisfação e à AAULE é o substantivo “bloqueio”, intensificado pelo adjetivo “absoluto” (linha 32), então considerando uma escala de gradação, “absoluto” representaria o nível mais alto, confirmado pelo substantivo “dificuldades” (linha 36) e pelo verbo conseguir na forma negativa “não consigo” que, vale ressaltar, aparece seis vezes nos depoimentos selecionados.

A AAULE torna-se evidenciada no discurso do terceiro fragmento através de escolhas lexicais que representam AFETO, tais como “problema”, “frustrada”, “frustração”, e através das formas verbais “representa”, “custa”, “não aguentei” e novamente “não consigo”. Em relação ao AFETO, a fala pode ser autoral ou não-autoral (WHITE, 2005), nesse caso, temos somente falas autorais, ou seja, há envolvimento por parte do enunciador, que assume total responsabilidade sobre o posicionamento. Deste modo, temos o uso constante de pronomes possessivos como em “meu problema”, “minha dificuldade”, assim como o uso dos verbos em primeira pessoa. Neste trecho, observamos gradação em nível alto, através de escolhas como “sobrehumano”, “incrível”, “horrivelmente”, “enorme” e “do quanto”, como ilustra o fragmento 3, a seguir:

Fragmento 3- Sessão 1

37 Mila Não, não tem problema, você me dê prova pra fazer, que isso aí não é
 38 o problema agora o meu problema é que eu saio daqui em excursão e
 39 volto frustrada porque as pessoas fazem um esforço sobrehumano pra
 40 me compreender, a boa vontade incrível do povo francês, se você
 41 chega nos Estados Unidos pra falar inglês mal o sujeito quase que te
 42 bate, mas na França é diferente, eles procuram de todas as maneiras
 43 louvar o que você tá fazendo, e eu sinto das pessoas aquele esforço
 44 sobrehumano e isso me custa horivelmente. Você não tem noção do
 45 que representa pra mim, eu participo da aula, eu pergunto, eu não
 46 tenho vergonha de dizer que eu não sei mas eu não consigo aprender
 47 francês, ESTUDO, eu digo, gente, não é possível! Eu dou conta de
 48 Husserl, de Heidegger, eu dou conta, não é possível isso Então é essa
 49 a minha dificuldade.... há alguma coisa no meio do caminho que eu
 50 não consigo ultrapassar. As pessoas me dizem: “não, você fala
 51 muito bem”. Aí a Ruth depois de algum tempo ela disse pra mim “não,
 52 tem esse esse, esses problemas porque é uma frustração enorme
 53 (pausa), vocês não têm noção do quanto e o inglês, já fiz, já entrei
 54 em todos os cursos de inglês, que vocês podem imaginar mas saí
 55 porque não aguentei.

Percebemos neste excerto, uma referência identitária de cunho cultural (BUCHOLTZ E HALL, 2005), quando Mila compara a atitude do povo americano aos franceses. Em sua experiência, os estadunidenses não apresentam a mesma “boa vontade” (linha 40) em tentar compreender os estrangeiros que os franceses. E essa mesma “boa vontade” gera, para ela, um desconforto, pois sente que está ocasionando um esforço por parte dos franceses para tentarem entendê-la, como percebemos em suas palavras: “(...) eu sinto das pessoas aquele esforço sobrehumano e isso me custa horivelmente.” (linha 44), através das escolhas léxicas gradativas: “sobrehumano” e “horivelmente”. Já esboçando uma busca por entendimentos, Mila nos apresenta mais uma crença, quando diz: “há alguma coisa no meio do caminho que eu não consigo ultrapassar” (linhas 49 e 50). Ela acredita que alguma coisa se põe como um obstáculo impedindo-a de aprender inglês, fato que causa uma “frustração enorme” (linha 52), como observamos em sua escolha lexical afetiva de alta gradação.

No fragmento 4, Mila compartilha conosco algumas características da sua personalidade e inicia sua fala classificando-se como uma pessoa “extrovertida” (linha 59). Este traço de personalidade pode representar uma antítese em relação à ansiedade. Segundo alguns estudos (CHEEK e BUSS, 1981; EYSENCK, 1979, 1981;

DWEALE e FURNHAM, 1999), as pessoas introvertidas tendem a ser mais ansiosas do que as extrovertidas, apontando que as pessoas extrovertidas apresentam uma memória de curto prazo superior à dos introvertidos resultando em uma vantagem em interações orais. De acordo com Mathews e Deary (1998, apud DWEALE e FURNHAM, 1999), as características previamente apresentadas são reforçadas por dois fatores: melhor resistência ao estresse psicológico e menores níveis de ansiedade:

Fragmento 04- Sessão 1

56	F	e sobre a sua vida, você gostaria de compartilhar alguma coisa com a
57		gente?
58		quem você é, o que faz fora da sala de aula ?
59	Mila	Eu sou extrovertida , sou uma pessoa que eu tento me dar o máximo no
60		que eu faço, procuro fazer o melhor , tenho tido por exemplo, é aquela
61		constante, tenho um senso de organização muito grande , eu consigo,
62		consegui por exemplo na minha vara eu consegui um resultado
63		sensacional, quando eu saí da vara eu os meus funcionários todos, só
64		tinha uma que não estava fazendo direito, os outros todos estavam
65		fazendo direito. Então é assim, tem um envolvimento profissional
66		me aposentei e fui fazer doutorado em filosofia do direito. Por que?
67		Porque eu tô fazendo uma releitura através da filosofia, sabe, eu quero
68		saber o porquê das coisas pra pelo menos fazer uma contribuição,
69		entende ? (...)

Prosseguindo, Mila continua a sua descrição introduzindo um outro traço importante para nossos enendimentos nesta análise: o perfeccionismo (PRICE, GREGERSEN e HORWITZ, 2002), ilustrado por seu esforço em dedicar-se ao máximo a tudo em que se envolve. Através das gradações altas “máximo” (linha 52), “o melhor” (linha 53) e “muito” (linha 54), ligadas aos verbos “dar” (linha 52) e “fazer” (linha 53), percebemos uma tentativa de atenuação por meio de um discurso modalizado, percebido no uso das formas verbais “tento” (linha 52) e “procuro” (linha 53). Neste fragmento, Mila nos explica o motivo pelo qual decidiu cursar o doutorado em filosofia do direito: o desejo de querer “saber o porquê das coisas” (linhas 59 e 60). Este motivo entra em sintonia com um dos princípios norteadores da Prática Exploratória: a busca pelo entendimento. Mila apresenta a crença de que para fazer uma contribuição para a sua área, precisa saber o porquê das coisas, o que

corroborar sua participação nesta pesquisa e um dos propósitos deste trabalho: a busca dos entendimentos acerca da ansiedade na aprendizagem e uso de LE.

Nota-se até o momento que não houve oscilação de polaridade, ou seja, Mila não apresentou nenhuma forma de AFETO ou APRECIACÃO positiva em relação à língua estrangeira. O que vemos até então, é uma certa repetição lexical negativa, como percebemos no trecho abaixo:

Fragmento 05-Sessão 1

72	Mila	Você tem que questionar se vale a pena, essa angústia , (...) o
73		bloqueio mesmo A coisa é assim: o inglês eu desisti (ênfase), agora o
74		francês e o alemão...
75	F	Quer dizer que desde aquele episódio da ... você nunca ?
76	Mila	(...) e nada funcionou . Sabe assim quando você chega num lugar que
77		não é aquilo e o pior de tudo é que você tem a impressão que a coisa
78		está lá em algum lugar há um depósito onde aquilo deve estar, mas e
79		assim nem em situação de risco porque eu sou muito impulsionada por
80		situações de pressão, mas nem em situações de pressão eu funcionei
81		com o inglês. Isso aí pra mim foi ... foi um dado, porque realmente e
82		não teve jeito, ... não teve jeito . Pra você ver eu cheguei a .. Budapeste
83		e lá não se fala outra língua a não ser húngaro ou inglês. Não, fala-
84		se alemão também, o meu desespero foi tanto pra me comunicar com
85		aquelas pessoas, eu fiz uma bobagem, comprei um pacote errado eu na
86		realidade eu pra me comunicar com aquelas pessoas, eu fiz uma
87		bobagem, comprei um pacote errado, eu na realidade eu pra me
88		comunicar então a minha angústia era tanta que eu falei em alemão.

O AFETO, aqui representado pelos substantivos “angústia” (linha 72), “bloqueio” (linha 72) e “desespero” (linha 84) enquadra-se na subdivisão (in)felicidade e as escolhas lexicais são típicas em depoimentos de pessoas que sofrem de ansiedade em língua estrangeira (ROCHA SILVEIRA, 2008). O comentário “nada funcionou” (linha 76) pode ser considerado APRECIACÃO em relação à reação, pois avalia os cursos de inglês que tentou realizar. Aqui, percebemos a diferença entre AFETO e APRECIACÃO, pois nos comentários considerados como APRECIACÃO, o foco está no que está sendo avaliado, e não no enunciador, como no AFETO, logo, o que está sendo avaliado neste caso são os cursos e a situação de aprendizagem nesses lugares, como percebemos também no comentário “não teve jeito” (linha 82). A repetição desse comentário apresentou-se

aqui como um intensificador, assim como “de tudo”, “nem em” (linha 80), “tanto” (linha 84) e “tanta” (linha 88). Neste fragmento, observamos um indício de ressignificação da AAULE, quando Mila reflete sobre a relevância de sofrer para aprender uma LE em seu comentário: “Você tem que se questionar se vale a pena essa angústia, (...) o bloqueio mesmo (...)”. A escolha do verbo questionar, precedido do modalizador deôntico “tem que” (linha 72) indica que Mila está trilhando o percurso reflexivo para reconstruir entendimentos sobre seu sofrimento, sua angústia.

Uma outra crença emergiu em seu discurso quando afirmou: “a coisa está lá em algum lugar, há um depósito onde aquilo deve estar” (linhas 76 e 77). Neste sentido, como explicado por Mila em um encontro posterior, “depósito” representa um espaço da sua memória no qual ela acredita que os conhecimentos sobre língua inglesa estejam armazenados sem que ela possa acessá-los quando necessita.

Após as apresentações iniciais, abordei o tema da pesquisa e explicitiei a natureza exploratória do estudo (PE), salientando como um momento inicial, a questão da qualidade de vida. Em seguida, perguntei a elas (Mila e Lea) o que pensavam sobre o assunto:

Fragmento 6- Sessão 1

133	F	O que é qualidade de vida em sala de aula? O que que vocês acham?
134	Mila	É um conforto, um relativo conforto em tudo que se faz
135	Lea	É engraçado que aqui conversando sobre a nossa vida profissional, o
136		que passei, o que passaram e passam inúmeras situações que se você
137		fosse imaginar, muito mais difícil do que aprender uma língua, então,
138		e o porquê de aprender uma língua, então, e o porquê de aprender uma
139		língua fazer um bicho de sete cabeças na vida da gente... a gente vive
140		situações bem mais difíceis e tira de letra

Ao começar a refletir sobre o tema, Mila e Lea apresentam suas percepções do que seria a qualidade de vida em sala de aula. Mila recorre à escolha lexical “conforto”, uma palavra de cunho positivo, atenuada pelo adjetivo (cf. cap. 2) “relativo”. A participante Lea, em sua reflexão, apresenta um *puzzle*: por que fazer da aprendizagem de línguas um “bicho de sete cabeças” (linhas 139 e 140) Em sua enunciação, Lea estabelece um paralelo entre duas construções identitárias: uma profissional e a outra como aprendiz de LE e avalia as situações da vida profissional

como mais complexas do que aprender uma língua estrangeira, através do uso da APRECIÇÃO e dos elementos gradativos “muito mais” (linha 137) e “bem mais” (linha 140). Neste excerto, observamos um eco com outro princípio norteador da Prática Exploratória: o desenvolvimento mútuo. Quando Lea reflete sobre a importância dada à aprendizagem da língua estrangeira, ela introduz sua ideia comentando: “É engraçado, que aqui conversando sobre a nossa vida profissional (...) a gente vive situações bem mais difíceis e tira de letra” (linhas 135 a 140). O ato de conversarem sobre suas vidas profissionais levam-nas a refletir sobre questões como “o porquê de aprender uma língua” (linha 138), que podem contribuir para a busca por entendimentos coletivamente construídos durante as sessões. O uso da forma de tratamento “a gente”, implica na inclusão das outras participantes, ou seja, eu e a Mila, e isso demonstra que Lea não está pensando somente em si, no seu desenvolvimento e entendimento, mas está pensando no grupo reflexivo.

Quando perguntadas sobre o que esperavam das sessões exploratórias, Mila apresenta seus primeiros comentários positivos:

Fragmento 07- Sessão 1

152	F	Vocês vão participar dessa pesquisa, da elaboração dos novos
153		encontros então pra a gente começar a fechar um pouco hoje, o que
154		vocês teriam de expectativas em relação ao trabalho, vocês poderiam
155		falar um pouquinho ?
156	Mila	mim seria uma reprogramação mental com relação ao estudo da
157		língua, eu acho que na realidade a questão sou eu , eu tive inúmeros
158		professores, ótimos professores, inclusive eu estou vivendo uma
159		experiência absolutamente diferente que eu tenho com Ruth uma
160		relação muito mais aberta , então eu me fecho menos no perguntar
161		porque a coisa vinda pra mim como um pacote fechado, é <u>essa</u>
162		dificuldade que eu tenho com o estudo do inglês, nesse espaço há uma
163		certa adivinhação um comércio enfim, é, e é uma coisa muito
164		estapafúrdia , gente, você pegar um texto, eu já obtive a seguinte
165		informação: você vai lendo, você não precisa se preocupar com o que
166		diz cada palavra, você vai vendo que pela forma que as palavras são
167		postas você vai chegar a uma ideia daquilo que (.....) então eu vou
168		adivinhar, fazer um jogo de palavras pra ver ou então você vai pra
169		frente da televisão pra ver que palavras você identifica, que diabo é
170		isso? (29/04/10)

Ao avaliar os professores que já teve ou tem, Mila se utiliza de adjetivos de qualidade eufórica como “ótimos” (linha 158) e “aberta” (linha 160), mas volta à questão da ansiedade, representada pelo substantivo “dificuldade” (linha 160) e na APRECIÇÃO/reação “estapafúrdia” (linha 161). Percebemos neste trecho um nível intermediário de gradação, no uso de “muito mais” (linha 158), indicando ascendência e “muito” (linha 164) para intensificar o adjetivo “estapafúrdia” (linha 164). Martin e White (2005) argumentam que a fronteira entre os posicionamentos de AFETO, APRECIÇÃO e JULGAMENTO é sutil, pois o AFETO, em seu sentido macro, estará sempre presente na avaliação. Ao avaliar sua situação de aprendizagem, Mila apresenta um comentário: “a questão sou eu” (linha 157), que representa bem a sutileza e a interface entre AFETO e APRECIÇÃO, pois tanto se refere a AFETO, na medida em que envolve o enunciador, quanto à APRECIÇÃO, pois há a definição/ elaboração da questão de forma metafórica, através do uso do verbo “ser”.

No trecho selecionado, nota-se um primeiro esboço de entendimento por parte da Mila quando ela reflete sobre sua história como aprendiz de línguas e diz: “a questão sou eu” (linha 157). Ao (re)visitar o seu passado, através do seu relato, Mila não atribui a dificuldade que sente para aprender línguas aos professores com quem estudou. Entretanto, quando se refere ao inglês, há um conflito entre suas crenças sobre o que significa aprender línguas e metodologias de ensino que são apresentadas aos aprendizes como um “pacote fechado” (linha 161). Estamos vivendo em um momento no qual inúmeras pesquisas em Linguística Aplicada já comprovaram que não há somente um método que seja eficaz e capaz de atender a todas as necessidades e propósitos de todos os aprendizes de LE. Este momento é bem caracterizado por Kumaravadivelu (1994) como “pós-método”, entretanto, as escolas de idiomas persistem em ‘vender’ a seus alunos a ‘solução’ para aprender uma LE em alguns meses! Apresentam a seus alunos, como Mila bem disse, um “pacote fechado”, no qual os aprendizes não serão capazes de exercitar sua agentividade. Ao dizer:” (...) é essa dificuldade que eu tenho com o estudo do inglês, (...)” (linhas 161e 162), Mila constrói mais um entendimento sobre aprender a língua estrangeira. O pronome demonstrativo “essa” (linha 159) delimita a questão e aponta para um dos cerne da rejeição ao estudo da língua inglesa por sua parte: ser entregue a ela como um pacote

fechado. Ressalto que, na sessão exploratória, Mila consegue posicionar-se acerca dos pacotes fechados que ‘já comprou’, assunto este que não é discutido em contextos dos institutos de ensino de LE.

Um outro ponto questionado por Mila refere-se à compreensão dos textos escritos e orais. Da linha 165 à 170, Mila descreve um procedimento, uma estratégia de leitura na qual deve-se tentar compreender os textos sem conhecer o significado de todas as palavras. Ela não concorda, como percebemos pelo uso da expressão: “que diabo é isso?” (linha 170). Mila avalia essa metodologia como uma “coisa muito estapafúrdia”, na qual temos a APRECIACÃO “estapafúrdia”, intensificada por “muito” (linha 164), e associa o espaço de aprendizagem aos substantivos “advinhação” e “comércio”. Por conseguinte, este modelo de estratégia não reflete o seu estilo de aprendizagem, aparentemente mais estrutural e tradicional, logo Mila acredita que deve saber o significado de todas as palavras para entender o texto ou o programa na televisão.

Lea apresentou suas expectativas em relação às sessões exploratórias, construindo a crença de que os encontros lhe apresentarão uma ‘solução’ para a sua dificuldade em aprender o inglês, como observamos no excerto a seguir:

Fragmento 08- Sessão 1

171	F	E o que você espera, Lea desse trabalho?
172	Lea	Eu realmente espero que eu possa gostar mais e de repente descobrir
173		uma técnica explorativa, exploratória que eu consiga aprender.

Percebemos, nesta primeira sessão, que tanto Lea quanto Mila atribuem à pesquisa e aos encontros subsequentes um caráter prescritivo, insinuado pela GRADACÃO/força “realmente” (linha 172), com foco na resolução de problemas. Mila inicia o relato das suas expectativas afirmando que o processo constituiria uma “reprogramação mental em relação ao estudo da língua” (linha 156). O termo “reprogramação” apresenta uma conotação mecanicista, neurolinguística e reducionista do processo reflexivo. Lea imagina que a Prática Exploratória seja uma “técnica” que a ajude a transpor os obstáculos para aprender a língua inglesa.

Para o início da construção da espiral interpretativa, incluirei crenças e entendimentos para que, ao longo da análise, o(s) leitor(es) possa(m) acompanhar a oscilação de posicionamentos assumidos por Mila, que se envolve de forma mais saliente. Lea e eu atuaremos na co-construção de significados e entendimentos, seguindo os princípios propostos pela Prática Exploratória referentes ao desenvolvimento mútuo e ao envolvimento de todos.

Com relação às crenças que emergiram na primeira sessão exploratória, por tratar-se de uma sessão introdutória, podemos observar a prevalência por parte da Mila de crenças centrais sobre si mesma como aprendiz de LE, ou seja, surgiu em seu discurso inicial porque pertencem mais à ordem identitária. Entretanto, há também crenças mais periféricas, como percebemos no quadro a seguir:

CRENÇAS CENTRAIS	CRENÇAS PERIFÉRICAS
Falo mal francês, sei eu que muito mal. Eu tenho um bloqueio absoluto com línguas. A questão sou eu. Há alguma coisa no meio do caminho que eu não consigo ultrapassar Eu quero saber o porquê das coisas.	A coisa está lá em algum lugar, há um depósito onde aquilo deve estar. Sou muito impulsionada por situações de pressão. De tanto repetirem, os jovens aprendem. O povo árabe tem um raciocínio de todas as partes do cérebro.

Quadro 10: Crenças centrais/periféricas da sessão 1

Este quadro inicial nos mostra algumas certezas com as quais Mila chegou ao nosso primeiro encontro. Ao longo da análise e discussão das interações, “nos encontraremos” novamente com essas crenças em um movimento de reflexão e negociação de sentidos.

7.2

Sessão 2- Sobre a arte de aprender...**06/05/2010**

Como já mencionado, as sessões normalmente iniciam-se com os relatos das aprendizes sobre suas semanas em aulas de LE. Em seu relato, Lea compartilha conosco um episódio no qual sentiu-se ansiosa:

Fragmento 09- Sessão 2

08	Lea	Na verdade o que que acontece, nós tamos lá no grupo de
09		inglês, a professora pergunta pra uma e eu mentalmente
10		consigo responder a pergunta dela, de todo o mundo, quando
11		chega na minha vez aí eu travo, eu fiquei só respondendo a
12		pergunta de todo mundo aí chega na minha vez eu até entendi a
13		pergunta , tento responder, aí...
14	F	O que é que você sente na hora?
15	Lea	Ah, me sinto mal, entendeu, assim... tem uma outra menina, a
16		Bia que estuda comigo, ela também se sente assim, eu me sinto
17		mal porque acho que eu tô atrapalhando a aula, todo mundo ali,
18		e a professora perdendo tempo comigo, entendeu? É horrível!
19	Mila	Eu me sinto mal também, sinto uma irritação profunda, me
20		sinto um asno de botas

A situação narrada por Lea enquadra-se como um fato recorrente quando lidamos com a ansiedade: “congelar” em casos nos quais existe certa pressão psicológica (LEDOUX, 2002). O fato dela mentalmente conseguir responder todas as perguntas significa que não houve dificuldade de compreensão das perguntas, mas sim uma antecipação de um possível erro ou de uma situação de JULGAMENTO negativo por parte da professora e/ou colegas de turma, ocasionando o congelamento, como percebemos pelo uso do verbo “travar” (linha 11). Esse episódio foi avaliado negativamente por Lea, quando diz: “me sinto mal porque acho que eu tô atrapalhando a aula, todo mundo ali, e a professora perdendo tempo comigo, entendeu? É horrível!” (linhas 16-18). Neste trecho, Lea justifica seu sentimento através da crença de que estaria atrapalhando a aula e os colegas, na qual percebemos o JULGAMENTO relacionado à sanção social, reiterado pelo comentário: “e a

professora perdendo tempo comigo,...” (linha 18). A escolha lexical ‘perder tempo’ nos mostra uma perspectiva da Lea sobre a relação professor/aluno não colaborativa, como se o aluno que comete erros ou faz perguntas em aula fosse um aluno inconveniente, e conclui seu relato com a APRECIACÃO/reacção “É horrível” (linha 18)

Ao final do fragmento, Mila apresenta solidariza-se com a situação apresentada por Lea, ao dizer: “Eu me sinto mal também, sinto uma irritação profunda,” (linha 19) como mostra suas escolhas lexicais : “sinto mal” e “irritação” intensificada pelo adjetivo “profunda”. Em seguida, Mila produziu uma imagem, ao comentar: “me sinto um asno de botas” que, segundo ela, é um animal com dificuldades de locomoção, especialmente se estiver calçando “botas”. Entretanto, ao compartilhar sua semana, Mila apresenta sua primeira avaliação positiva e entendimentos:

Fragmento 10- Sessão 2

21	F	E a sua, Mila, como foi?
22	Mila	Eu achei que deu uma melhoria considerável no momento em
23		que eu tomei consciência de que não sou só eu que me sinto
24		assim, então eu comecei a pensar, dar uma invertida na (fala
25		interposta) eu acho que eu comecei a ter uma noção através do
26		outro, que você, quando você está no problema você não
27		consegue ter uma visão mais ampla daquilo e essa questão da
28		relevância por que que a gente tá fazendo esse curso? A gente
29		tem algum objetivo de ganhar dinheiro com isso? A gente tá
30		precisando disso pra alguma coisa? Não, no momento não, é
31		prazer, gente, então não pode ser insatisfação
32		[fala interposta] ,a angústia

Neste fragmento, Mila avalia sua semana de forma positiva, quando diz “deu uma melhoria considerável” (linha 22), explicando os motivos que a levaram à avaliação. Em sua explicação, podemos perceber entendimentos baseados em diversos momentos:

- Primeiro momento: Mila tomou consciência de que outras pessoas sentiam-se da mesma maneira: “eu tomei consciência de que não sou só eu que me sinto assim” (linhas 23 e 24). Percebemos, assim, um sentimento de pertença (BLOCK, 2007)

ao grupo (imaginário) de pessoas que também apresentam dificuldades para aprender LE.

- Segundo momento: Mila iniciou seu processo reflexivo: “então eu comecei a pensar, dar uma invertida” (linha 24)
- Terceiro momento: Mila consegue se distanciar da questão: “eu acho que eu comecei a ter uma noção através do outro, que você, quando você está no problema você não consegue ter uma visão mais ampla daquilo (...)” (linhas 25-27). Neste momento, torna-se explícito um dos princípios da PE: o trabalho para o desenvolvimento mútuo, pois a fala da Lea no fragmento anterior, relatando seu episódio envolvendo AAULE contribuiu para que Mila fosse capaz de desenvolver alguns *puzzles*, que constituem o quarto momento:
- Quarto momento: Mila desenvolve seus primeiros *puzzles*: “A gente tem algum objetivo de ganhar dinheiro com isso? A gente tá precisando disso pra alguma coisa?” Apesar de não iniciarem-se como um porquê, essas perguntas constituem *puzzles* na medida em que trazem ideias ao processo de ebulição, ou seja, essas questões marcam o início do processo de ressignificação da AAULE, pois esta é posta ‘em xeque’.
- Quinto momento: Mila alcança um entendimento:” (...) é prazer, gente, então não pode ser insatisfação.” (linha 31) A inserção da ideia do “prazer” (linha 31) em vez da “angústia” (linha 32) representa um entendimento fundamental para a ressignificação da AAULE, pois na medida em que Mila entende que o aprendizagem de uma LE não deve trazer sofrimento ao aprendiz, ela parece sentir-se apta a iniciar uma busca pelo prazer em aprender.

No fragmento 11, Mila reitera a necessidade do prazer:” (...) não pode ser fonte de desprazer, quando a gente assimilar isso, eu acho que a gente aprende.” (linhas 57 e 58). Pelo uso do futuro do subjuntivo “quando a gente assimilar” (linha 57), observamos que essa capacidade ainda não se apresenta como algo possível para Mila, mas representa mais um entendimento sobre a aprendizagem de LE.

Nesta sessão, inicialmente dedicada ao tema “O que é aprender?”, pensamos sobre o que seria aprender, e Mila fez o seguinte comentário:

Fragmento 11- Sessão 2

68	Mila	Aprender pra mim é quase que um ato de apreender o que há
69		na vida e que você reaplique, você metaboliza aquilo e
70		reaplica, metabolizar aquilo pra aplicar (...) apreendido e
71		aprendido..... Eu acho que fica muito mais fácil quando você
72		começa a distribuir que só uma pessoa consegue fazer que é
73		você mesmo, aprender o mecanismo daquilo ali.

No fragmento destacado, Mila associa aprender a apreender, ou seja, aprender seria um ato de conhecer, tomar para si “o que há na vida” (linhas 68 e 69). Outra escolha relevante neste depoimento é o verbo “metabolizar” (linhas 69 e 70), dando-nos uma dimensão do que Mila entende por aprendizagem. Sua enunciação em ‘tom quase que poético’ apresenta aliterações que traduzem o movimento esperado por ela de uma aprendizagem efetiva, ou seja, a pessoa toma para si o que há na vida, apropria-se daquele conhecimento, customiza-o para poder aplicar e reaplicá-lo. Entretanto, para tal, ela deve “aprender o mecanismo”, a estrutura, algo que para Mila tornar-se-á latente em seus entendimentos sobre a aprendizagem da LE. Como ela mesma disse:” (...) a aprendizagem tem mais a ver com o sentido da coisa.” (linha 105), ou seja, podemos observar mais um entendimento sobre o ato de aprender, com ênfase na questão da busca pelo sentido do que se está aprendendo, daí a sua rejeição à repetição e aos “pacotes fechados” (sessão 1).

Prosseguindo com a reflexão acerca do que seria aprender, Lea apresenta seus *puzzles* em relação ao método de ensino:

Fragmento 12- Sessão 2

163	Lea	(...)mas eu também questiono, numa sala que tem doze
164		alunos só sobraram dois em um ano, então perder os alunos
165		assim, o método é tão bom ? Os alunos saíram porquê, todo
166		mundo desistiu, eu tenho uma colega que disse qua vai sair
167	F	Por que que ela vai sair?
168	Lea	Ela comentou que ela acha que é muito rápido, creio que pra
169		pessoas mais velhas como nós deveria ter mais fixação, se
170		tratasse a gente igual, como bebês, entendeu? Se fosse
171		repetição, no modo que fosse dar

172	Mila	O livro tem todo o conteúdo ali, mas a aplicação .O que me
173		fazia falta e que hoje eu tô ,eu já tive uns quinze professores de
174		francês e que eu encasquei que eu não ia deixar acontecer
175		com o francês o que aconteceu com o inglês, que realmente é
176		uma coisa grotesca , não é possível (ênfase) que uma pessoa
177		apague cinco anos da sua vida não é possível que nada tenha
178		ficado em mim, alguma coisa deve ter acontecido, que é uma
179		tal aversão à coisa que eu não consigo nem em momento de
180		crise verbalizar uma frase em inglês, não consigo, não consigo,
181		se você me pedir o verbo To be eu tinha listas inteiras, a gente
182		lia livros de bolso de Shakespeare, alguma coisa tinha que
183		saber daquilo ali, então o que que acontece, no francês eu
184		entrei no XX e eu falo francês, como eu falei, um francês mas
185		eu falo francês, vou pra França e me comunico perfeitamente ,
186		faço de tudo , só que eu, Mila, sei que não sei francês (...)

No início do trecho selecionado, Lea apresenta um *puzzle*: se o método é tão bom, por que os alunos saíram? Como resposta a esse *puzzle*, ela apresenta uma crença de que pessoas mais velhas necessitam de mais fixação e repetição. Em contrapartida, Mila volta a defender a “aplicação” (linha 172) em vez da “repetição” (linha 171), e parte para explicitar a sua indignação a respeito do esquecimento da língua inglesa, ilustrado pela APRECIACÃO/composição “que realmente é uma coisa grotesca” (linha 176). Em meio ao seu depoimento, temos novamente a crença de que “alguma coisa deve ter acontecido”, para gerar a “aversão” (linha 179) ao inglês. Percebemos neste excerto um episódio de AAULE, quando Mila comenta que nem em momentos de crise ela consegue utilizar o inglês (linhas 179 e 180).

A seguir, Mila apresenta uma contradição quando diz: “(...) vou pra França e me comunico perfeitamente, faço de tudo, só que eu, Mila, sei que não sei francês (...)”. O modo como Mila avalia a sua comunicação em francês, através da APRECIACÃO/composição “perfeitamente” (linha 185) não condiz com a sua crença mais central/JULGAMENTO/capacidade: “sei que não sei francês” (linha 186) e institui um conflito entre suas crenças, pois para comunicar-se perfeitamente é necessário ter um bom conhecimento da LE. A escolha do adjetivo/ qualidade (cf. cap. 5) ‘perfeito’ sugere ausência de defeitos, entretanto, Mila acredita que fala francês “como um pedreiro” (Fragmento 2/sessão 1). A partir desta contradição, perguntei-lhe o que seria saber francês:

Fragmento 13- Sessão 2

187	F	O que é saber francês pra você, por exemplo?
188	Mila	Você ter ter uma linguagem um pouco mais elaborada , você
189		conseguir se comunicar de uma maneira mais condizente como
190		eu falo português, então se eu domino uma língua, eu tenho
191		que ter no mínimo o mesmo conhecimento que eu tenho em
192		português
193	F	Mas aí, uma coisa pra você refletir, o português é a sua língua
194		nativa
195	Mila	Sim, mas se eu me propus a aprender e aí está a diferença do
196		aprender pra o repetir, se eu me propus a aprender uma língua,
197		eu tenho que dominá-la, eu tenho que saber, eu tenho que
198		conhecer as estruturas
199	Lea	Vamos dizer aqui no Brasil, o português de uma empregada
200		doméstica e o português de uma juíza
201	Mila	O meu francês é o da empregada doméstica , não tem
202		substituição, pronome e complemento, não tem noção de um
203		superlativo.
204	Lea	Ela fala pra se comunicar.

Neste fragmento, Mila explicita a crença de que o domínio de uma LE deve corresponder à eloquência que possui na língua materna. Intensificada pela expressão “no mínimo” (linha 191), a obrigação imposta por ela gera mal-estar e AAULE, já que o conhecimento da língua materna tende a ser sempre superior ao da LE. Através da modalização deôntica “tenho que”, Mila reitera a sua crença de que para dominar a LE ela precisa “conhecer as estruturas” (linha 198). Torna-se visível em sua fala um conflito entre o “eu” esperado e o “eu” possível (DÖRNYEI, 2005), já que o esperado (aquele que detém o mesmo domínio em LE e língua materna), no momento não faz parte das suas possibilidades, e isso gera a AAULE.

Lea participa da interação, propondo uma comparação entre o “português de uma empregada doméstica e o português de uma juíza” (linhas 199 e 200), e Mila classifica seu francês como “o da empregada doméstica” (linha 201), justificado pela falta de precisão gramatical. Podemos perceber que para Mila, não basta ser capaz de comunicar-se em francês, ela busca o mesmo domínio da língua materna.

Para poder compreender melhor a sua lida e contato com o francês, perguntei a Mila se ela possuía acesso a canais de TV em francês:

Fragmento 14- Sessão 2

212	F	Você tem TV a cabo em francês?
213	Mila	Tenho e eu ouço meia hora por dia
214	F	E quando você ouve esse canal, o que que você consegue
215		entender?
216	Mila	Eu compreendo praticamente tudo , compreendo praticamente
217		tudo
218	F	Isso já daria uma dimensão de domínio...
219	Mila	Sim, mas se eu me propus a aprender e aí está a diferença do
220		aprender pra o repetir, se eu me propus a aprender...
221	F	Sim porque ter o domínio dessa língua, por exemplo, eu falo
222		com os meus alunos quando dizem "Ah, eu não falo nada, não
223		falo nada" aí eu pergunto pra eles: o que você fez ontem?
224		Agora fala isso em russo Então é isso, de ligar a TV e
225		conseguir compreender.
226	Mila	É, é a linguagem da doméstica
227	F	Se a gente pensar na habilidades, quais são as habilidades que
228		um falante ou um estudante de línguas tem que ter ?
229	Lea	Eu pra mim, se eu conseguisse no inglês o que ela conseguiu
230		no francês, pra mim tá ótimo!

O que observamos neste trecho é que Mila não atribui muito valor à compreensão, pois afirma, através da GRADAÇÃO/força ser capaz de compreender “praticamente tudo” (linha 216), mas não sente-se realizada emocionalmente com essa habilidade. Desta forma, há uma crença implícita de que a televisão representa um meio de comunicação em massa, logo qualquer pessoa é capaz de compreender, quando utiliza-se da representação identitária/JULGAMENTO: “É, é a linguagem da doméstica”. Por outro lado, apontando para a idiosincrasia de cada participante, Lea nos apresenta um entendimento: compreender a LE como Mila o faz com o francês já a deixaria satisfeita.

Nesta sessão, nós refletimos sobre o ato de aprender LE, assim como outras atividades, e Mila volta à questão do prazer:

Fragmento 15- Sessão 2

326	Mila	Tudo tem a relação com o prazer, porque o grande problema é
327		o insucesso , a cada insucesso você dá uma travada
328	Lea	Uma amiga minha pra dirigir teve que fazer terapia, entrava no
329		carro ela suava, ela chorava

330	Mila	Infelizmente eu não gosto de dirigir, eu sei porque. O meu
331		problema é saber o porquê das coisas. O dia que eu souber que
332		eu não aprendo inglês por isto, a minha questão é o porquê da
333		coisa. Por exemplo, o dirigir: eu não gosto mas eu não gosto de
334		dirigir porque a minha avó sempre me disse e eu sempre gostei
335		muito das ideias da minha avó ela sempre me disse que o
336		acessório indispensável no carro é o motorista, então pra mim
337		acessório indispensável no carro é o motorista. Por que que eu
338		vou me sentar no volante, deixando de ver o que está a minha
339		volta pra ficar tocando um carro? (risos)

Nesta fase da sessão, Mila desenvolve mais um entendimento: “o grande problema é o insucesso”, do qual destaco a GRADAÇÃO/foco “o grande” (326) e as realizações de AFETO/infelicidade “insucesso” e AFETO/insegurança “travada” (linha 327). O insucesso causa AAULE, como observamos através da escolha do verbo ‘travar’ e conseqüentemente não traz prazer que, para ela, é o centro de tudo. Sobre o ato de dirigir, Mila apresenta uma experiência pessoal introduzida por um dos pilares da Prática Exploratória: “saber o porquê das coisas” (linha 331). É curioso como isso é avaliado por Mila como um “problema” (linha 331). Podemos inferir que, segundo ela, seria mais fácil se não desejasse saber o porquê das coisas. Entretanto, na medida em que o processo reflexivo avança, Mila começa a organizar seus entendimentos e alguns pontos tornam-se mais prevaletentes, como a questão do prazer:

Fragmeno 16- Sessão 2

340	Lea	Mas lá é diferente. Em casa, as crianças preferem que eu dirija
341		do que o meu marido, então até pra viajar, daqui a Campo
342		Grande, quase 1.500Km, na estrada
343	Mila	Porque você gosta (...) Pra mim, o centro dessa questão é o
344		prazer, porque tudo que você faz por prazer você faz bem,
345		agora é impressionante: eu sou movida a estímulo positivo, eu
346		não sei lidar com estímulo negativo

Neste excerto, Lea comenta que gosta de dirigir, e Mila reitera o seu entendimento quando diz: “Pra mim, o centro dessa questão é o prazer” (linha 343) e em seguida apresenta uma crença: “(...) tudo que você faz por prazer você faz bem” (linha 344). Essa crença representa um sinal de resignificação da AAULE, pois a partir do momento em que Mila entende que a aprendizagem da LE deve trazer prazer

e não sofrimento, ela passa a ter a possibilidade da escolha: prazer ou sofrimento. Quando diz que é movida a estímulos positivos (linha 345), Mila desenvolve outro entendimento: “eu não sei lidar com estímulos negativos” e, por conseguinte, inicia neste momento o exercício de ‘lidar com’, ou seja, Mila terá, como todo ser humano, de aprender a lidar com os insucessos, sem que estes a façam desistir de aprender as línguas, como aconteceu com a língua inglesa.

Um outro ponto crucial para Mila aparece a partir da fala da Lea sobre a obrigação pelo sucesso na sociedade moderna. Lea cita um ponto relevante para a nossa reflexão: a cobrança da sociedade. No fragmento 17, podemos observar o JULGAMENTO, quando Lea estabelece algumas condições exigidas pela sociedade para as pessoas serem felizes, para a estima social, tais como possuir objetos de valor, serem “magras” (linha 356), excelentes profissionais, às quais podemos relacionar ao conceito de ‘eu ideal’ (HIGGINS, 1987) e desenvolve um entendimento: “eu não consigo ser a melhor em tudo” (linhas 357 e 358).

Fragmento 17- Sessão 2

347	Lea	Hoje em dia o que que acontece, com filho, a maioria dos pais
348		é sim, sim sim, porque trabalha fora, não dá atenção, (...)
349		quando ouvem um não eles não aceitam, tem que ser pra
350		ganhar, pra se dar bem, aí, quando a pessoa não consegue, ter
351		sucesso ou qualquer coisa, têm pessoas que ficam doentes, (..)
352		a gente tá numa sociedade que a mídia cobra muito, pra você
353		ser o melhor, você tem que ter aquele carro, pra você ser uma
354		pessoa feliz você tem que comprar aquela geladeira que saiu,
355		então o sucesso é aquelas que tão super magras, enfim, então a
356		mídia prega muito que você tem que ser magra, uma excelente
357		profissional, uma excelente mãe, uma excelente esposa, eu não
358		consigo ser a melhor em tudo
359	Mila	Essa coisa da cobrança sempre existiu lá em casa mesmo, eu
360		era uma criança extremamente levada, irrequieta, e eu podia
361		fazer tudo aquilo que eu quisesse, desde que eu voltasse pra
362		casa com a minha tarefa cumprida eu tinha que dar conta do
363		meu trabalho, a minha responsabilidade eu tinha que dar conta,
364		tem que ser o melhor? Então tem que ser o melhor.
365	F	Em criança, onde você estudou?
366	Mila	Eu estudei no Colégio Nossa Senhora das Dores, eu estudei no
367		Santa Teresinha do Menino Jesus, e estudei no Colégio São
368		Gonçalo. E filha da professora.

Sessão 2

Para Mila, a questão da cobrança entra no cenário da reflexão quando ela nos conta sobre a sua infância e nos fornece uma informação importante para o nosso processo de entendimento: “Tem que ser o melhor? Então tem que ser o melhor” (linha 364). Essa crença, presente em sua vida desde a infância contribui para explicar a AAULE sentida por Mila e o seu perfeccionismo (HEWITT e FLETT, 2002). A modalização deôntica “tem que” indica o dever social de ser o melhor, estabelecendo uma constante competição implícita em qualquer atividade realizada por Mila. Quando a perguntei sobre onde estudou, Mila cita os nomes das escolas e uma outra informação relevante: era “a filha da professora” (linha 368). Ser a filha da professora acarretava, para Mila, mais uma situação de JULGAMENTO na constituição de sua identidade de aprendiz, pois sua estima social dependia da performance escolar obtida. No excerto a seguir, Mila explicita a cobrança em sua infância:

Fragmento 18- Sessão 2

388	Mila	O meu foi linear. Eu saí do Santa Teresinha, como eram que
389		escolas que havia uma continuidade, os donos eram os
390		mesmos, o método era o mesmo, só que sempre foi, era aquela
391		tal história, era uma história de cobrança permanente , etc,etc,
392		eu era a filha da professora, então o negócio ficava um pouco
393		pior .
394	F	Ela era a sua professora?
395	Mila	Não
396	F	E cobrava notas em casa?
397	Mila	Sim, menos de nove, se eu aparecesse em casa com menos de
398		nove...

Mila utiliza-se da GRADAÇÃO/força “permanente” (linha 391) para explicitar que o fato de ser a filha da professora tornava a situação pior. Neste trecho, Mila enfatiza a sua obrigação social como a “filha da professora” (linha 392), e através da sua fala, podemos inferir que sua mãe mantinha a mesma crença e por isso havia uma “cobrança permanente” (linha 391), também em relação às notas:” (...), menos de nove, se eu aparecesse em casa com menos de nove...” (linhas 397 e 398). A avaliação/JULGAMENTO desta experiência passada, ou seja, viver sob pressão constante por ser a filha da professora contribuiu para sua construção identitária como

aprendiz, permanecendo latente até os dias de hoje. Mesmo não sendo mais a ‘filha da professora’, Mila insiste em cobrar-se.

Para encerrar a sessão, sugeri que as participantes pensassem em *puzzles* sobre o ato de aprender e Mila apresenta dois questionamentos:

Fragmento 19- Sessão 2

418	Mila	Pra mim seria uma superação de barreira , entre pessoas.
419	F	Como e que você formaria uma pergunta?
420	Mila	Por que eu não sou capaz de interagir com outra pessoa que
421		fala uma linguagem diferente da minha?
422	Lea	Na verdade o inglês é a linguagem universal, a única barreira
423		entre os países é a língua. Quando você consegue se comunicar
424		você quebra essa barreira, né?
425	F	Você consegue pensar em mais alguma coisa?
426	Mila	Por que eu não consigo superar esse bloqueio ?

Mila organiza seu primeiro *puzzle* tendo como base uma crença: a de que não é capaz de interagir com falantes de outras línguas. Entretanto, em outros momentos da sessão, Mila nos relata situações nas quais interagiu em francês e em alemão. O segundo puzzle nos remete à AAULE, ilustrada pelas escolhas lexicais “superar” e “bloqueio”.

7.3- Sessão 3- Sobre o ato de aprender

13/05/10

Desde o início deste trabalho, procurei enfatizar, também para as participantes, que esta é uma pesquisa inclusiva, participatória (GUBA e LINCOLN, 2006) realizada a várias mãos. Logo, apesar de pensar sobre temas a serem refletidos e discutidos durante as sessões, estas estavam sempre abertas a reflexão de temas propostos pelas participantes. O início das sessões normalmente era dedicado à semana das participantes em suas respectivas aulas de LE, e esses momentos, carregados de emoções, compunham o cenário exploratório, onde surgiam crenças e entendimentos. Em seu depoimento sobre a sua semana, Mila apresenta uma APRECIACÃO de polaridade positiva:

Fragmento 20- Sessão 3

5	Mila	Eu acho que pra mim tá sendo um avanço grande , eu até
6		comentei com Ruth eu tive a oportunidade, não sei, é aquela tal
7		história a gente tá sempre sem saber na realidade o que está
8		atuando, mas eu acho que eu tô aprendendo a ter mais um
9		pouco de paciência com as minhas dificuldades, ... eu tô
10		conseguindo dividir com vocês
11	F	Começando a pensar um pouco
12	Mila	É, pensar, e a coisa, o processo inverso tá começando a , o o
13		como é que o, a técnica do espelho tá começando a funcionar
14		melhor, porque eu liguei pra França e eu eu tenho uma pessoa
15		lá que eu tenho contato com ela permanente, é até a pessoa de
16		quem eu alugo apartamento quando eu vou pra lá, fico no
17		apartamento dela, então o que que acontece, ela sempre
18		questionou muito o meu francês e ela disse que eu falava
19		francês do cais do porto , então essa semana ela parou e eu
20		disse, ué, Ângela"você tá aí, e ela disse, ""não, eu tô aqui
21		refletindo sobre o seu francês, porque eu acho" que o seu
22		francês deu uma guinada de 360 graus
23	F	Olha!
24	Mila	Você tá empregando os verbos corretamente , você tá fazendo
25		concordância, corretamente, e até apresentou, usou a expressão
26		(...), pois é e eu até contei a ela da experiência que a gente tá
27		vivendo coisa e tal, tal tal tal e eu tenho a impressão que
28		realmente tem dois fatores nisso aí: Ruth tem sido assim uma
29		sustentação , porque ela é uma professora que pela primeira vez
30		eu encontro alguém que tenha mais do que didática pra ensinar,
31		é a boa vontade de ensinar, prazer em ensinar, tudo está no
32		prazer, de um lado e de outro.

Mila avalia a sua semana positivamente como observamos através da APRECIÇÃO/valor "(...) tá sendo um avanço grande" (linha 5), com alta gradação. Mila relaciona esse avanço aos nossos encontros exploratórios, compartilhando conosco um entendimento: "Mas eu acho que eu tô aprendendo a ter um pouco mais de paciência com as minhas dificuldades,... eu tô conseguindo dividir com vocês" (linhas 8-10). O uso da locução verbal "tô aprendendo" (linha 8) nos mostra uma ação em andamento, ou seja, as reflexões durante as sessões exploratórias começam a contribuir para a ressignificação da AAULE, a partir do momento em que Mila passa a perceber-se, a olhar para si mesma como aprendiz e falante de LE. A escolha lexical "paciência" (linha 9) representa um importante passo para uma melhor convivência e

lida com as LE, e quando diz: “eu tô conseguindo dividir com vocês”, podemos perceber a importância da interação e de um processo reflexivo cooperativo, no qual Mila avalia sua professora de francês através das APRECIÇÕES/valor “sustentação” e “boa vontade” (linhas 29 e 31), que ilustra alguns dos princípios da PE: o desenvolvimento mútuo e a busca pela qualidade de vida.

Lembrando toda a cobrança mencionada por Mila e a avaliação da sua performance em francês, é possível agora entender um de seus motivos, a avaliação da sua amiga francesa. Após todo o convívio com Mila, pude perceber que grande parte da sua motivação para aprender francês é integracional (DÖRNYEI, 2005), já que ela viaja para a França todos os anos e admira a cultura e o povo francês. Por conseguinte, receber este tipo de JULGAMENTO por parte da amiga francesa” (...) ela disse que eu falava francês do cais do porto” (linha 18) foi recebido por Mila como uma sanção social, uma condenação, que justifica todas as suas falas anteriores sobre a sua lida com o francês, presentes nas sessões anteriores. Por isso é que mesmo sendo avaliada positivamente por sua professora de francês brasileira, ela não aceita e persiste na crença de que “fala muito mal”. Entretanto, houve um fato que a fez sentir-se alegre com sua performance, a nova avaliação da amiga: “eu acho que o seu francês deu uma guinada de 360 graus.” (linhas 21 e 22), por estar apresentando mais precisão gramatical em sua fala.

Prosseguindo com a reflexão, Mila atribui sua melhora às sessões exploratórias e à professora de francês, por ter “mais do que didática pra ensinar” (linha 31), e menciona novamente a questão do prazer, mas desta vez, o prazer tanto dela como aluna quanto da professora:” (...) tudo está no prazer, de um lado e de outro” (linhas 31 e 32). Seu comentário: “de um lado e de outro” ressalta o desenvolvimento mútuo proveniente do viés de mão-dupla na relação de prazer professora/aluna, ou seja uma aluna interessada em aprender e uma professora com alegria em ensiná-la. Essa relação pode gerar uma melhor qualidade de vida tanto para Mila quanto para a sua professora.

Neste encontro, as participantes confeccionaram um pôster no qual expuseram suas ideias a respeito de como ocorre e o que está envolvido na aprendizagem de LE:

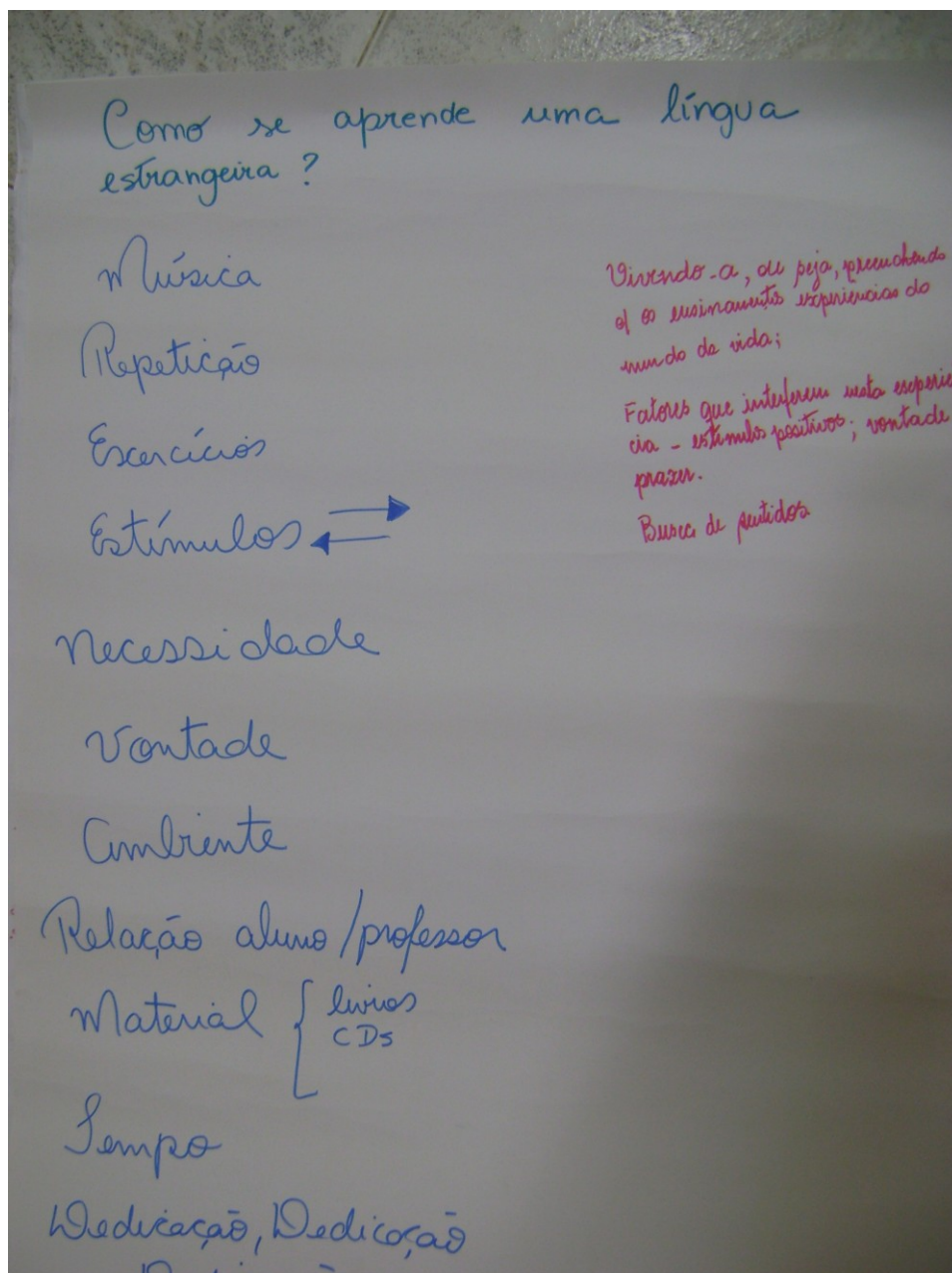


Figura 5: Pôster Exploratório sobre aprender LE

As ideias escritas em azul pertencem à Lea e as em vermelho à Mila. Observando as duas exposições, Lea apresenta seu repertório de fatores envolvidos na aprendizagem da LE: “música, repetição, exercícios, estímulo (em uma via de mão-dupla), necessidade, vontade (representando a motivação para aprender a LE), ambiente, relação professor/aluno, material, tempo e dedicação. Mila, por sua vez, centra-se questão da vivência da LE, influenciada por fatores como “vontade”,

“estímulos positivos”, “prazer” e “busca de sentidos”. Para fins de melhor visualização, transcrevi a parte que Mila escreveu: “ Vivendo-a, ou seja, preenchendo com os ensinamentos, vivências do mundo da vida/ Fatores que interferem nesta experiência, estímulos positivos, vontade, prazer/ Busca de sentido”.

Após a confecção do pôster, eu realizei a leitura de trechos de textos acadêmicos sobre aprendizagem de LE, que abordam os diferentes métodos. Sobre o método direto, Mila comentou:

Fragmento 21- Sessão 3

122	Mila	Fernanda, posso fazer um questionamento?
123	F	Claro!
124	Mila	Em que isto mudou?
125	F	Aí é que tá, é isso que a gente vai ver, isso ainda acontece
126	Mila	Pois é, eu acho que a coisa meio que mudou, tá meio que
127		camuflada, porque isto que se faz é exatamente isso. A
128		gramática perdeu o nome de gramática, mas o que se faz é
129		receber uma lista de palavras pra você memorizar, e aí vai ter
130		um acréscimo, ao meu ver negativo, que é você não saber o
131		que está fazendo, você utilizar a estrutura por hábito.

Neste excerto, Mila faz uso da APRECIACÃO/composição expressa pelo adjetivo “camuflada” (linha 127) e explicita sua crença de que o conhecimento da estrutura da língua é essencial. Quando diz:” (...) que é você não saber o que está fazendo, você utilizar a estrutura por hábito” (linhas 130 e 131), Mila critica a chamada “estratégia do papagaio” (REVUZ, 1998). A escolha lexical “por hábito” refere-se à repetição, procedimento ao qual Mila se opõe. Após a leitura sobre o método audiolingual, perguntei a Mila como era a instituição onde cursava francês, e segundo ela:

Fragmento 22

157	Mila	XX é misto, XX manteve, é aonde eu digo pra você, eles
158		tiveram a capacidade de acumulação de métodos. A sensação
159		que você tem é de que ninguém chegou a uma conclusão
160	F	Porque não há conclusão
161	Mila	Pois é, então a coisa é mal aplicada de um jeito ou de outro e
162		fica uma miscelânea

A partir de seu comentário: “A sensação que você tem é de que ninguém chegou a uma conclusão” (linhas 158 e 159), observamos a crença implícita de que deveria haver uma conclusão a esta altura da história humana. Logo, Mila infere que por não haver uma conclusão, as escolas de idiomas e professores confundem-se, e utiliza o substantivo “miscelânea” (linha 162) para representar a situação.

Prossigo com a história dos métodos de ensino/aprendizagem de línguas, apresentando-as à abordagem comunicativa e o período atual: a era pós-método. Em seguida, nós tomamos o pôster e as participantes relacionaram suas exposições as informações sobre os métodos, e Mila diz:

Fragmento 23- Sessão 3

243	Mila	Não, mas é isso que eu digo a você, estímulo não está em lugar
244		nenhum, em momento algum você fala de estímulo
245	F	É, você não garante estímulo, claro que hoje em dia a gente
246		não pode dizer: ah, não existe método, os métodos existem,
247		agora não existe o método, acabou, isso na linguística, na
248		academia, os lugares continuam existindo, com as suas
249		bandeiras, mas não existe um método milagroso , não tem
250	Mila	Eu acho que o objetivo maior seria a busca de sentido, porque
251		é produção de sentido.

Percebemos em seu entendimento uma evolução de crenças, observada nos substantivos “busca” (linha 250) e “produção” (linha 251). Quando Mila explicita que o “objetivo maior seria a busca de sentido” (linha 250), do qual destaco a GRADAÇÃO/foco “maior”. A palavra “busca” denota a procura de algo que existe, logo, esse “sentido” estaria mais relacionado à ideia positivista de que existe uma verdade externa a ser descoberta e alcançada. Entretanto, Mila em seguida aprofunda seu entendimento e diz” (...), porque é produção de sentido” (linhas 250 e 251), e neste trecho ela sintetiza a sua visão de aprendizagem da LE: “produção de sentido” (linha 251), e não mais um sentido externo, dado na realidade.

Em um momento subsequente, Mila reenfatiza que fala francês mal e nos apresenta crenças e um *puzzle*:

Fragmento 24- Sessão 3

252	F	E pra produzir esse sentido, você precisa da gramática?
253	Mila	Sim, você precisa ter todo o contexto de base, você não tem,
254		não adianta, eu me comunico em francês, mas não é o francês ,
255		eu me comunico mal , então é uma coisa que eu lutei muito, até
256		porque como é que você vai se sentir bem falando mal a língua
257		do outro?
258	F	O que que você chama de falar mal?
259	Mila	É um refinamento, você imagina, isso fere os ouvidos do
260		outro, um desrespeito "você imagina que um americano aqui,
261		"eu quer comer isso"

Neste trecho, Mila mantém a crença de que para se comunicar bem em uma língua, é necessário haver precisão gramatical, e como acredita que não apresenta um discurso acurado em francês, como percebemos através da contraposição entre a preposição “em francês” (linha 254) e a GRADAÇÃO/foco “o francês” (linha 254). Mila compartilha um puzzle: “como é que você vai se sentir bem falando mal a língua do outro?” (linhas 256 e 257), que está diretamente relacionado à outra crença: “isso fere os ouvidos do outro, um desrespeito” (linhas 259 e 260), na qual observamos um JULGAMENTO em relação à sanção social, representado pela escolha lexical “desrespeito” (linha 260). Mila julga seu comportamento social como inadequado ao não apresentar um discurso preciso na LE.

Entretanto, quando eu pus esta crença em debate, é possível perceber uma discrepância entre crença e ‘realidade’:

Fragmento 25- Sessão 3

266	F	Você já perguntou se eles ficavam ofendidos com o seu modo de falar?
267		
268	Mila	não, pelo contrário, eles são assim extremamente, ficam
269		extremamente gratificados quando o francês deixou de ser a
270		primeira língua estrangeira no mundo, se sentem gratificados
271		quando encontram um estrangeiro procurando aprender a
272		língua dele, então eles são extremamente receptivos aquele que
273		se propõe a falar francês e não inglês então eles fazem o
274		impossível pra te incentivar no aprofundamento daquilo, então
275		eles fazem, eles te orientam, eles te assinalam o erro, eles
276		realmente fazem o papel que você espera de um aprendizagem
277		de língua, porque não é nem uma questão, que você vê, é a
278		criatura do metrô, que percebe que você tá em dificuldade, ele
279		vem te atender, bem desde que você se proponha a falar

280	francês. Se você falar uma palavra em inglês, você fechou a
281	porta, acabou, eles não te recebem, eles têm esse resguardo à
282	língua incrível você percebe que muito pouca coisa foi
283	absorvida de outras línguas, eles não gostam do emprego
284	de estrangeirismos, eles não gostam, não aceitam
285	estrangeirismo. Então é aquela tal história, eu acho que, eu me
286	sinto muito mal quando as pessoas vêm ao Brasil e acham que
287	podem falar a nossa língua de qualquer maneira

Quando Mila se refere ao povo francês, observamos o AFETO de polaridade positiva com alta gradação: “Extremamente gratificados” (linha 269) e “extremamente receptivos” (linha 272). Os adjetivos “gratificados” e “receptivos” não condizem com a crença mantida por Mila sobre o desrespeito que seria falar a LE de modo não proficiente. Neste excerto, Mila compara a postura identitária do povo francês e a do povo brasileiro. Segundo ela, os franceses são mais cuidadosos e preservam sua identidade nacional: “eles têm esse resguardo à língua incrível (...), eles não gostam do emprego de estrangeirismos (...) (linha 285) . Por outro lado, Mila percebe que os estrangeiros que vêm ao Brasil não buscam falar português corretamente:” (...) as pessoas vêm ao Brasil e acham que podem falar a nossa língua de qualquer maneira.” (linhas 286 e 287). Mila prossegue com a comparação identitária entre povos, e desta vez menciona o povo estadunidense:

Fragmento 26- Sessão 3

306	Mila	(...) ele teria aprendido porque é uma coisa assim: ah, pra nós,
307		qualquer um que diga meia dúzia de palavras em português, é
308		assim uma dádiva, ninguém valoriza a nossa língua, a gente
309		acha que as pessoas estão nos fazendo um favor e se conseguir
310		dizer bom dia a gente já tá batendo palminha, quando você vai
311		aos EUA e não produz uma frase completa à moda deles, eles
312		simplesmente não param pra te ouvir, então eu acho que não é
313		assim , eu acho que a coisa funciona de uma maneira um pouco
314		própria
315	F	As identidades então, né? Como cada povo se constroi, sua
316		identidade na língua
317	Mila	Por aí você vê, pela própria variação e pela história, ao
318		conhecer as raízes de cada povo, você mais ou menos traça a
319		identidade de cada um

Neste fragmento, Mila apresenta um JULGAMENTO em forma de crença em relação à língua portuguesa: “ninguém valoriza a nossa língua, a gente acha que as pessoas estão nos fazendo um favor” (linhas 308 e 309). Este comentário indica uma tensão entre JULGAMENTOS: por um lado, Mila, brasileira, condena a fala descuidada dos estrangeiros e por outro lado, Mila afirma que os brasileiros aprovam esse tipo de fala dos estrangeiros. Já o povo estadunidense, segundo ela, não é receptivo e quando os estrangeiros não são proficientes, os americanos não os auxiliam. O quadro abaixo sintetiza as crenças da Mila em relação às três línguas:

FRANCÊS	INGLÊS	PORTUGUÊS
O povo francês valoriza a sua língua, coopera com os visitantes que se propõem a falar francês e estes mantêm o respeito à língua;	Os americanos não cooperam com os visitantes estrangeiros não proficientes;	Os visitantes estrangeiros não precisam falar português corretamente visto que o povo brasileiro acredita que poucos estrangeiros se interessam pela língua portuguesa.

Quadro 11: Crenças sobre as LE

Podemos perceber que com relação ao uso do francês como LE, há JULGAMENTO em relação à estima social, ou seja, os visitantes que tentam se comunicar em francês vêm os seus esforços louvados pelo povo francês, já que o francês perdeu o status de língua universal. Entretanto, no uso do inglês como LE, percebemos o JULGAMENTO/sanção social, logo os visitantes que não apresentam uma fala acurada não são respeitados nos Estados Unidos (segundo Mila), devido à posição do inglês como a língua universal.

No decorrer da sessão, Mila argumenta que a instituição na qual começou a aprender francês insistia que os alunos interagissem na língua alvo desde a primeira aula, mesmo que cometessem erros. Contudo, Mila não concorda com este procedimento, pois acredita que os erros cristalizam-se e tornam-se hábitos difíceis de

ser ‘corrigidos’ e comenta: “Mas desconstruir é muito complicado.” (linha 342). O uso do verbo “desconstruir” significaria corrigir a fala incorreta.

Caminhando para o fim da sessão, nossa conversa direcionou-se para a importância da relação professor/alunos, e Mila nos apresentou mais uma crença a partir de uma narrativa da Lea:

Fragmento 27- Sessão 3

404	Lea	E também têm as diferenças, assim, eu gosto do visual, mas
405		pelo menos a estrutura da pergunta, (...) eles não querem sair
406		da cadeira, querem dar aula só falando , professora, dá pra
407		colocar no quadro? Aí a professora virou pra mim: vocês não
408		são bebezinhos , né? Aí na próxima aula, você já não vai
409		pedir de novo. Aí eu disse, desculpa, mas eu sou visual, mas aí
410		a professora faz naquela má vontade , vai no quadro
411	F	É isso que nós discutimos no início, que tipo de profissional,
412		que leituras ele têm?
413	Mila	Isso aí é aquela tal história, realmente tem que ser levado à
414		direção, porque é complicado , a identidade professor/aluno,
415		esse canal de passagem que é aberto se não for aberto você não
416		consegue aprender
417	F	Se tá num estado que você não tem voz
418	Mila	Você não tem voz, você não consegue falar, você não tem
419		voz!!

Em sua fala, Lea apresenta alguns JULGAMENTOS negativos em relação aos professores que não proporcionam aos alunos oportunidades de aprendizagem (ALLWRIGHT,) variadas quando diz: “eles não querem” (linha 405), “só falando” (linha 406), “bebezinhos” (linha 408) e “má vontade” (linha 410). Em seu comentário, Mila explicita a sua crença de que a aprendizagem depende da boa relação entre professores e alunos e, utilizando-se da imagem do professor como aquele que ‘transmite’, a qual descreve como “esse canal de passagem” (linha 415). Em outro fragmento, Mila apresenta mais entendimentos através de uma narrativa sobre suas colegas de curso:

Fragmento 28- Sessão 3

427 Mila É aquela tal história, eu acho que esses cursos como
 428 incultiram nos professores essa questão do tempo de
 429 cumprimento, de de de modos de ensinar, etc e etc, e
 430 esqueceram do humano, porque **você não consegue**, se você
 431 não penetra, gente, eu tenho um exemplo vivo, nós tínhamos
 432 trigêmeas no semestre anterior, as gurias são assim umas
 433 figuras, eu particularmente me dou super bem com as gurias,
 434 (...) cheias de vontades, filhas de pais separados, uma
 435 bagagem terrível, e as gurias simplesmente não deixavam o
 436 professor dar aula, sabe assim, não deixar o professor dar
 437 aula, brincar o tempo todo? Perturbando que ninguém escutava
 438 nada . Uma delas, uma delas um dia "teve assim um ""piti"" e
 439 saiu da sala chorando,ta ta ta ta ta, resultado: Ruth foi lá fora
 440 chamou, conversou com a guria e vocês não acreditam, a guria
 441 tá falando francês, as outras duas foram perdidas no tempo que
 442 não quiseram mesmo , agora esta **se sensibilizou** com a
 443 **dedicação** de Ruth e resolveu aprender, então **tocou** a menina.

Neste fragmento, Mila desenvolve mais um entendimento: os cursos estão mais preocupados com a questão do método e do tempo do que com o lado humano que, para Mila, seria o mais importante, pois acredita que: “você não consegue se você não penetra” (linhas 430 e 431). Essa crença, mais periférica, corrobora os propósitos desta investigação na medida em que Mila entende que se os fatores emocionais não forem considerados, a aprendizagem poderá ser prejudicada. As escolhas lexicais em relação ao AFETO “se sensibilizou”, “dedicação” e “tocou” (linhas 442 e 443) demonstram a importância das emoções para uma melhor qualidade de vida em sala de aula.

7. 4

Sessão 4 – 20/05/10

“Uma regressão de mil...”

Neste encontro, Mila inicia sua participação compartilhando conosco seus sentimentos sobre a sua semana:

Fragmento 29- Sessão 4

03	Mila	Terrível, uma é regressão, literalmente uma regressão de de
04		mil, uma coisa assim eu não sei o que dizer, alguma coisa me
05		alcançou tanto no francês quanto no alemão me deu assim uma
06		quebra de circuito.
07	F	Mas por que será?
08	Mila	Não sei, não tenho noção,
09	F	Mas como foi, a que você atribui essa regressão, o que que
10		você acha que aconteceu?
11	Mila	Eu costumo te dizer, Fernanda, que eu acho que a questão não
12		é a aula, não sei se eu, naquele dia eu, eu acho que a coisa é
13		muito mais séria do que eu imaginava, o problema tá em mim,
14		eu não sei se eu fiquei com aquilo, não sei se é porque eu estou
15		extremamente atribulada, não tô dando conta de compor, mas
16		eu sei que foi um horror essa semana foi assim, uma sensação
17		ruim, não é só você no desenvolvimento não, uma sensação de
18		de fracasso, foi desde o início da semana

Podemos observar na organização do seu discurso uma sequência de escolhas léxicais representando AFETO/insatisfação com polaridade negativa: “terrível” (linha 3), “regressão” (linha 3), “quebra de circuito” (linha 6), “um horror” (linha 16), “sensação ruim” (linha 17), “sensação de fracasso” (linha 18). Em meio a toda a atmosfera negativa, Mila apresenta seus entendimentos do momento baseados em duas crenças: a de que a “questão não é a aula” (linhas 11 e 12) e a de que o “problema” (linha 13) está nela. Quando ela centra o “problema” em si, Mila basicamente refere-se à sua dificuldade de retenção do conhecimento, principalmente do vocabulário:

Fragmento 30- Sessão 4

26	Mila	consulto o dicionário, eu consulto a gramática, eu faço a minha
27		parte, mas é assim, se eu não fixar o vocabulário dentro da
28		semana, é como se eu não tivesse visto aquilo
29	F	Mas toda aula você aprende vocabulário novo, e você tem que
30		praticar antes da sua aula?
31	Mila	Não, como eu estou fazendo uma revisão, eu me propus a
32		recomeçar, então eu tô revendo palavras que eu já havia
33		estudado, na minha concepção, eu teria que estar com isso já
34		afiado.

Segundo Mila, o vocabulário da semana precisa ser revisado ou cairá no esquecimento. Entretanto, Mila acredita que “teria que estar com isso já afiado” (linhas 33 e 34). O JULGAMENTO, representado pela modalização deôntica “teria que” indica que a questão da memória preocupa Mila, como percebemos neste excerto, no qual podemos encontrar um exemplo do que Revuz (1988) classificou como “estratégia da peneira”, na qual o aprendiz adulto não retem o conhecimento na LE:

Fragmento 31- Sessão 4

35	F	Mas é um vocabulário que você não usa todo dia
36	Mila	Não, não uso todo dia, é óbvio que não uso todo dia, mas, é
37		assim eu acho que já era pra estar acumulado na minha cabeça
38		e isso tá me dando uma angústia horrível.

Em minha fala, procuro contribuir para que Mila perceba que é normal esquecermos de palavras que não utilizamos com frequência, e sua crença de que já deveria ter aquele vocabulário “acumulado” (linha 37) volta à cena, trazendo a ela uma “angústia horrível”, representada pelo AFETO de alta gradação. Mila prossegue com a descrição da sua rotina de estudos e assim, podemos perceber um provável motivo para ela não reter o vocabulário: a ausência de estratégias associativas.

Fragmento 32- Sessão 4

42	Mila	O que que eu faço: eu tô relendo, (...) eu releio todo o
43		vocabulário todas as semanas, eu não podia estar esquecendo
44	F	mas aí quando você relê o vocabulário, como é que você tá
45		trabalhando com esse vocabulário? Tá fazendo que tipo de
46		leitura desse vocabulário?
47	Mila	Tô lendo a lista, tô tentando
48	F	Mas aí, é, hoje até a gente vai ver estratégias de aprendizagem,
49		tenta em vez de ler a lista, você fazer, tentar ligar cada palavra
50		daquela a um contexto, você vai ter que contextualizar essas
52		palavras, porque lista por lista, é igual você decorar a lista
53		telefônica, você vai ficar frustradíssima e na semana seguinte
54		você não vai lembrar do telefone de ninguém,
55	Lea	Uma dica assim que eu procuro fazer é é associar um
56		vocabulário a uma pessoa uma coisa, um personagem,
57	Mila	Alguma técnica eu preciso.

Em consonância com a sua crença de que aprender é “acumular” conhecimentos, seu estudo sobre o vocabulário resume-se à tentativa de memorizar listas de palavras, sem que haja contextualização, acarretando o esquecimento. Quando cito o exemplo da “lista telefônica” (linhas 52 e 53), o meu intuito é mostrar a Mila que uma memorização vazia, ou seja, sem ligação com a sua vida não lhe traria compensação alguma e utilizo o AFETO/infelicidade “frustradíssima” (linha 53). Lea, por sua vez, utiliza estratégias associativas, ao relacionar o vocabulário à pessoas ou “coisas” (linha 56). Um outro motivo de frustração para Mila é o fato de cometer erros gramaticais em francês:

Fragmento 33- Sessão 4

64	F	Você tá fazendo a lista no francês também?
65	Mila	Não, no francês eu não faço lista, porque como têm textinhos,
66		porque no alemão não tem, então no francês eu leio os textos, e
67		a parte de gramática que era pra estar mais do que
68		sedimentada , eu ainda cometo erros, nesta semana a minha
69		maior frustração foi que nós tínhamos um exercício pra fazer
70		que era pra tentar remontar um diálogo a partir de respostas, eu
71		não consegui , na realidade eu não consegui descobrir o que era
72		pra fazer com aquilo, porque a cada diálogo era separado por
73		reticências, mas eu consegui separar tudo muito mais do que as
74		reticências, no meu diálogo tinha muito mais deixas do que
75		havia, aí a guria disse pra mim: não, só nas reticências, cada
76		vez que ela falou com ele, tinha reticências, e eu não percebi,
77		então eu quero saber o que que é isso, se é uma coisa crônica ,
78		que diabo é isso?

Podemos observar neste trecho a crença/ APRECIACÃO da Mila de que “a parte da gramática era para estar mais do que sedimentada” (linhas 67 e 68). Esta crença contribui para o desenvolvimento da AAULE, porque impõe uma condição extremada: a não aceitação do erro, tendo como consequência o AFETO/ insatisfação (linha 69), intensificado com o uso da GRADAÇÃO” (linha 69), descrito através da narração de uma experiência vivida em sala de aula. A narrativa aborda uma situação na qual Mila confundiu-se ao interpretar um exercício para completar um diálogo. O que mais marcou Mila negativamente a situação foi o fato de não ter percebido a “deixa” das reticências, e conclui a narrativa com um *puzzle*: “eu quero saber o que

que é isso, se é uma coisa crônica, que diabo é isso?” (linhas 77 e 78). Logo em seguida, Mila nos relata a consequência do problema no exercício: AAULE:

Fragmento 34- Sessão 4

79	F	Não, claro que não, às vezes você olhou pra aquilo de uma
80		outra maneira
81	Mila	porque eu, por exemplo, dali pra frente eu não consegui fazer
82		mais nada, bloqueou, fechou tudo.

Devido à presença do AFETO/insegurança representados pelos verbos ‘bloquear’ e ‘fechar’, percebemos que a ansiedade vivida por causa da avaliação negativa ocupou o cenário mental da Mila (cf. DAMASIO, 2004), prejudicando tanto o *input* quanto o *output* (cf, cap. 3): “dali pra frente eu não consegui fazer mais nada” (linhas 81 e 82). Em um momento subsequente Mila comentou: “E aí ali pra frente eu não consegui mais andar” (linha 102). Prosseguindo com a narrativa do fato, Mila organiza a sua fala seguindo o fluxo do pensamento de maneira condizente com o processo relexivo proposto pela PE, contrastando crenças e ressignificação:

Fragmento 35- Sessão 4

103	F	O que que teve depois na aula?
104	Mila	Teve leitura, teve interpretação, teve, mas sabe quando você
105		não consegue mais se concentrar? Eu não dou conta disso , eu
106		não dou conta disso , eu não dou conta disso , é melhor desistir,
107		eu não dou conta disso , é melhor desistir, mas eu não vou
108		desistir, porque eu não vou me deixar vencer, eu tenho que me
109		superar, isso não é possível , é como se uma pessoa que tem
110		síndrome do pânico, eu tô cansada de dizer que isso não existe,
111		existe é falta de controle de você mesmo , como é que eu que
112		digo isso agora vou deixar que uma uma língua estrangeira me
113		ponha nessa situação, não vou deixar.

Confesso que, como pesquisadora, levei algum tempo contemplando este excerto, dada a riqueza de potencial exploratório. Podemos perceber que toda essa reflexão ocorreu durante a aula de francês, ocasionando a falta de concentração nas

atividades que sucederam o exercício narrado. Para uma melhor visualização, organizei um quadro contendo as crenças e os entendimentos do trecho selecionado:

CRENÇAS	ENTENDIMENTOS/ RESSIGNIFICAÇÕES
Eu não dou conta disso	Eu tenho que me superar
É melhor desistir	Mas eu não vou desistir, porque eu não vou me deixar vencer.
O que existe é falta de controle	Não vou deixar que uma língua estrangeira me ponha nessa situação.

Quadro 12: Crenças e entendimentos

O movimento dialético construído por Mila entre crenças e ressignificações dessas crenças nos mostra seus conflitos pessoais como aprendiz de LE em ebulição. Quando utiliza o AFETO “eu não dou conta disso” quatro vezes (linhas 105, 106 e 107), Mila passa por um processo de auto-convencimento e sugere a si mesma que “é melhor desistir” (linhas 106 e 107). Neste momento, ocorre a parte mais valiosa da sua reflexão: Mila inicia um processo de resistência, de luta contra o desânimo e a vontade de desistir, quando enuncia: “mas eu não vou desistir” (linhas 107 e 108) e explica o porquê: “porque eu não vou me deixar vencer, eu tenho que me superar” (linhas 108 e 109). Mila menciona a síndrome do pânico como algo em que não acredita, avaliando-a através do JULGAMENTO/capacidade “falta de controle de você mesmo” (linha 111), e quando percebe-se em uma situação da qual não detém controle, ela decide reagir e enfatiza: “não vou deixar” (linha 113). A escolha do verbo “deixar” mostra que Mila reassume o poder, o controle da sua situação.

Neste episódio, há mais um fato a ser considerado: a colega de turma adolescente (a “guria”) percebeu o propósito do exercício e Mila não. A partir do *puzzle*: como a menina conseguiu perceber o que deveria ser feito no exercício? Mila constrói seu discurso baseado no afeto negativo “é isso que me deixa desesperada” (linha 161) e reflete sobre algumas crenças:

- * “Eu não sei se eu consigo complicar o aprendizagem da língua” (linha 156)
- * “ Eu não tenho um pensamento, uma coerência na direção” (linhas 160 e 161)

Fragmento 36- Sessão 4

148	Mila	E aí, eu achei que, como é que a menina extraiu o que era pra
149		ser feito?
150	F	De repente ela usou a estratégia visual, ela olhou o texto, era
151		um diálogo, não? Mas o que chamou a atenção dela foram as
152		reticências no texto, ela inferiu que dali, era como se fossem
153		lacunas, pra serem completadas, você quando leu aquele
154		diálogo inferiu outra coisa, você já viu outras brechas naquele
155		texto
156	Mila	Eu não sei se eu consigo complicar a aprendizagem de língua,
eu 157		não sei se essa é uma questão minha, que por exemplo, não
158		aparece na nossa língua porque essa língua eu domino, eu sei o
159		que fazer com ela, eu tenho recursos pra suprir essas
160		dificuldades, mas eu não tenho um pensamento, uma coerência
161		na direção e é isso que me deixa desesperada, porque por que é
162		que o outro abstraíu é o fato de ter abstraído,
163	F	às vezes não. Às vezes, ela se utilizou de outro tipo de
164		estratégias que você não utilizou
165	Mila	É, eu não sei, por exemplo, o uso de estratégias pra mim é
166		quase que uma incógnita.

Essas duas crenças proporcionam o início da discussão acerca das estratégias de aprendizagem, principalmente quando Mila utiliza a APRECIACÃO/composição e diz:” (...) o uso de estratégias pra mim é quase que uma incógnita.” (linhas 165 e 166). Sobre o uso de estratégias, Lea tece um comentário de extremo valor colaborativo:

Fragmento 37- Sessão 4

243	Lea	Amanhã, não sei assim, se vou conseguir passar nessa prova,
244		vai ser um pouco mais de insegurança porque assim, chega na
245		hora o tipo de exercício é diferente mas, eu aprendi aqui, que a
246		gente tem que se adaptar à realidade de hoje, então, o que é a
247		realidade de hoje? Se eu quiser continuar nesse curso, eu vou
248		ter que fazer meu paralelo, porque na verdade, eu tenho mais
249		do que muita gente tem, eu tenho um curso que eu posso
250		frequentar, dinheiro pra pagar, eu tenho internet, eu tenho o
251		livro, (...) então por que que eu não vou aprender com tudo
252		isso? E tem gente que não tem nada e se vira e aprende, ou
253		você mergulha de cabeça ou não vai aprender uma outra

254		língua, você tem que usar todas as estratégias possíveis dormir
255		com o Mp4, ouvindo inglês, e a crença eu acho que a maior
256		crença a se derrubar é a gente se sentir menos, a partir do
257		momento que você tá se sentindo menos você se sente mal, e
258		não tá aberto pra aquilo
259	Mila	Não consegue aprender
257	Lea	Então até pra coisas boas na vida da gente, a gente tem que tá
258		aberto pra aquilo acontecer
259	F	E tá pronto pra errar, aceitar que vai errar, que não vai entender
260		certas coisas e que vai entender, mas não vai entender na
261		mesma velocidade do outro

No momento em que Lea comenta sobre a prova que realizaria, percebemos uma certa AAULE, representada pelo AFETO “insegurança” (linha 244). Porém Lea, cujos turnos têm sido raros e curtos, nos surpreende com um turno longo no qual ela expressa seus entendimentos desenvolvidos a partir das sessões exploratórias, quando diz: “eu aprendi aqui que a gente tem que se adaptar à realidade de hoje, então, o que é a realidade de hoje?” (linhas 245-247). Neste mesmo fragmento ela nos apresenta um *puzzle*: “por que que eu não vou aprender com tudo isso?” (linhas 251 e 252). Ao longo de todas as sessões, percebi que Lea ouviu mais do que falou, mas não estou me referindo a um ‘ouvir passivo’. Há, nesse sentido, o desenvolvimento mútuo, pois tanto Mila quanto Lea trazem seus anseios e questionamentos em relação à aprendizagem da LE, e os entendimentos vão sendo (co)construídos. A partir do sofrimento compartilhado por Mila, Lea vai percebendo que sua crença inicial de que possuía dificuldades para aprender inglês vai sofrendo resignificação, como observamos neste trecho, do qual destaco a GRADAÇÃO foco: “e a crença, eu acho que a maior crença a se derrubar é a gente se sentir menos, a partir do momento que você tá se sentindo menos você se sente mal e não tá aberto pra aquilo (...) Então até pra as coisas boas da vida, a gente tem que tá aberto pra aquilo acontecer” (linhas 255-258). Este entendimento constitui-se como uma mensagem à Mila, para que não seja tão cruel consigo mesma.

Em um momento subsequente, Mila reenfatiza o seu esforço e dedicação para aprender as LE, como percebemos no AFETO/infelicidade “dificuldade” (linha 283) e Lea propõe uma reflexão acerca dos objetivos impostos por Mila. Durante o tempo em que vem convivendo com Mila, Lea percebe a questão da cobrança por parte da

Mila, faz um questionamento no qual observamos a APRECIÇÃO/reação de alta gradação: “objetivo muito difícil” (linha 286), e complementa: “Se você entender não tá bom?” (linhas 286 e 287):

Fragmento 38- Sessão 4

283	Mila	A minha dificuldade está sendo exatamente essa, porque não é
284		falta de dedicação não, eu me dedico muito .
286	Lea	Será que você não tá botando um objetivo muito difícil de você
287		conseguir? Se você entender não tá bom?
288	Mila	Não, eu preciso ler, eu preciso e comunicar, pra eu ler um livro
289		de filosofia em alemão, não adianta eu saber pela metade do
290		caminho.

De modo incisivo, Mila responde que não basta entender, e desenvolve outra crença: “não adianta eu saber pela metade do caminho”. A partir dessa crença, podemos inferir que, para Mila, a aprendizagem de uma LE constitui um caminho que possui um determinado fim. Ainda sobre a aprendizagem como um “caminho”, no excerto a seguir, Mila tece comentários sobre o desenvolvimento da Lea:

Fragmento 39- Sessão 4

405	Mila	Mas Lea, e, eu acho que você tá vindo num crescendo de
406		aprimoramento , você tá vindo a cada semana você acrescenta
407		uma pedrinha a sua construção, tem conseguido por tijolos na
408		sua construção, o meu estado, eu não sei o que eu fiz, mas eu
409		acho que eu detonei a minha obra
410	F	Mas por que você acha que você detonou a sua obra?
411	Mila	Eu acho que no princípio eu dei uma levantada , eu dei uma
412		caminhada , mas isso tá sendo muito frequente
413	F	No princípio, quando?
414	Mila	Quando nós começamos o nosso trabalho aqui, nas duas
415		primeiras semanas eu achei que eu dei uma melhorada
416		considerável, achava que era possível, acreditei muito que de
417		repente a gente encontrasse, eu encontrasse uma solução pra o
418		meu problema.
420	Lea	Eu acho que não tem problema nenhum, acho que você tá
421		criando um problema, porque isso aí é tempo, eu cheguei à
422		conclusão que é um longo caminho, eu não vou ter em um ano
423		o que muita gente não tem nem em dez, até a gente pretende a
424		partir do ano que vem, passar um ano, talvez nas férias, em
425		Nova Iorque, tem um amigo que mora lá, porque você tem que
426		fazer uma imersão.

Mila utiliza-se da metáfora da construção quando refere-se ao progresso da Lea que, em sua opinião, aumenta a cada dia e faz uso da APRECIÇÃO/composição “aprimoramento” (linha 406), dos substantivos “pedrinha” (linha 407), “construção” (linha 407) e “tijolos” (linha 408). Em contrapartida, Mila acredita que não está progredindo na aprendizagem das LE, como observamos através do JULGAMENTO/capacidade, inserido em seu discurso pelo uso do verbo ‘detonar’. A escolha desse verbo nos aponta para a sua crença de que havia uma obra. Consequentemente, parte da construção já existia, como podemos observar no JULGAMENTO/capacidade representado pelo léxico atitudinal referente ao AFETO/satisfação “levantada” e “caminhada” (linha 412), ambos precedidos pelo verbo no pretérito perfeito: “dei” (linha 411)

Quando a questioneei sobre o porquê de tal crença, Mila explicita a sua decepção com a situação e também com as sessões Exploratórias, pois acreditava que os encontros solucionassem as suas dificuldades para aprender LE:” (...) achava que era possível, acreditei muito que de repente a gente encontrasse, eu encontrasse uma solução pra o meu problema” (linhas 416-418). O uso da expressão “de repente” nos mostra que Mila acreditava (naquele momento) que as sessões lhe trariam, como em um passe de mágica, uma solução para as suas dificuldades, quando na verdade, o propósito das sessões é a reflexão, é o ebulir de crenças. Ao referir-se à solução, Mila primeiramente constrói seu discurso na primeira pessoa do plural: “a gente encontrasse” (linha 417) e em seguida muda o foco para a primeira pessoa do singular: “eu encontrasse” (linha 417), ou seja, a solução poderia vir da interação com o grupo ou de um entendimento particular.

Sobre a dificuldade da Mila, Lea apresenta seu entendimento sobre a relação entre aprendizagem e tempo (linhas 420 a 422). A sua conclusão de que aprender uma LE não ocorre rapidamente constrói-se sobre a crença de aprendizagem como “um longo caminho” (linha 422), e essa crença pode contribuir para reduzir a sua AAULE.

Uma das dificuldades relatadas por Mila reside no fato de não apresentar na LE o mesmo desempenho da língua materna, também na escrita:

Fragmento 40- Sessão 4

505	Mila	Mas isso, não adianta eu tentar dizer pra você: escreva! O gato
506		está sentado, se não é esta a sua linguagem, em português,
507		então não adianta, você não consegue montar essa estrutura
508		que o livro pede, então tem um monte de estruturas que você
509		quer montar, por exemplo, você escrever várias vezes sobre
510		isso e sobre aquilo, sobre diversos assuntos, você vai formar
511		um vocabulário teu, você tá utilizando uma outra estratégia..

No fragmento 40, Mila implicitamente, volta à questão do “pacote fechado” (sessão 1), a qual podemos relacionar à ideia do ‘supermercado identitário’ apresentada no capítulo 4, pois acredita que a produção escrita deve ser condizente com a sua escrita em português, como ilustra a APRECIACÃO/valor: “não adianta” (linha 505), Mila defende a abordagem de temas mais significativos, quando faz uso do JULGAMENTO/capacidade: “você não consegue” (linhas 507 e 508). Mila comenta que gostaria de escrever sobre outros assuntos, mais semelhantes aos temas que aborda na língua materna.

Pelo fato de Mila estudar o vocabulário através de listas de palavras isoladas, ela não alcança a fixação que deseja:

Fragmento 41- Sessão 4

523	Mila	Mas é isso que eu digo pra você eu acho que não há fixação,
524	F	Mas se você tiver, você buscou o dicionário, quis falar aquela
525		palavra, essa palavra vai ser mais significativa pra você do que
526		aquela da sua lista
527	Mila	Mas eu esqueço...é isso que eu tô te falando... Deveria ser
528		assim

Mila argumenta que não há a fixação das palavras com as quais entra em contato na confecção dos seus textos, mesmo sendo palavras mais significativas (APRECIACÃO/valor), e neste fragmento, ela expressa a preocupação com a sua memória, percebida através da modalização deôntica “Deveria ser assim” (linhas 527 e 528). Percebemos também neste excerto um exemplo da “estratégia da peneira” (REVUZ, 1998), na medida em que Mila acredita que não consegue lembrar-se das palavras na LE. Um outro ponto de preocupação para Mila é a questão do tempo:

Fragmento 42- Sessão 4

541	Mila	Eu já tentei até , eu tenho a esposa de um afilhado meu , meio
542		que minha filha eles moram na França, um dicionário temático,
543		que tem palavras em francês, o alemão traduzido pra o francês,
544		tá? Então, por exemplo, tudo sobre viagens, tem naquela
545		página em francês e em alemão, então pra mim facilita , porque
546		eu estudo as duas coisas ao mesmo tempo, porque eu preciso
547		economizar tempo,
548	F	Por que que você precisa economizar tempo?
549	Mila	Porque eu tenho que dar cumprimento a essa tarefa do do do da
550		universidade que eu tenho que terminar , até setembro, eu não
551		teria que terminar
552	F	Você precisa do alemão pra terminar sua tese?
553	Mila	Não
554	F	Nem do francês
555	Mila	Não, não

Na ocasião desta sessão, Mila encontrava-se concluindo sua tese de doutorado, logo ela acreditava que se estudasse francês e alemão concomitantemente economizaria tempo, como ilustra a APRECIACÃO/composição “facilita” (linha 545), mesmo não sendo as LE essenciais para a tese. Ao insistir na economia do tempo, Mila faz uso do JULGAMENTO/ tenacidade nas linhas 549 e 550, nas quais impõe-se um prazo para concluir a sua tese. A partir desse momento, a questão do tempo insere-se no cenário reflexivo:

Fragmento 43- Sessão 4

565	F	Mas isso é um fator que pode estar atrapalhando a sua
566		avaliação pessoal nas aulas, porque se você tá com pressa, você
567		tá vendo aquilo como uma questão de tempo, ligado ao tempo,
568		o seja, eu tenho que aprender aquilo rápido, não é? Então pode
569		atrapalhar a sua visão, porque se você tá preocupada com o
570		tempo, qualquer coisa que você fizer que você tiver um tempo,
571		determinado, e aí? E se eu não conseguir cumprir aquele
572		tempo? Entendeu? Então isso pode ser uma coisa também, um
573		gerador de ansiedade, porque quando você não se propõe
574		tempo, eu vou fazer enquanto eu quiser, eu não preciso ter
575		preocupação com o tempo, já é um peso que sai das suas
576		costas, tempo, então experimenta pensar a questão da língua,
577		sem vincular ao tempo
578	Mila	Isso eu falei com o professor de alemão

579	F	Eu tenho a vida toda,
580	Mila	Eu falei com o professor de alemão: não precisa se preocupar
581		comigo, eu não estou me cobrando um prazo, pra aprender
582		alemão

Minha fala propõe uma desvinculação entre aprendizagem e tempo, pois essa cobrança em relação ao tempo atua como um gerador de ansiedade, como percebemos através da APRECIÇÃO/valor “atrapalhando” (linha 565) e do AFETO/infelicidade “peso” (linha 575). Em sua resposta (linhas 581 e 582), Mila comenta a sua despreocupação em relação à aprendizagem do alemão, o que aparece como um conflito entre suas crenças, visto que no fragmento 42 ela explicita o seu desejo de economizar tempo. Nesta sessão, iniciamos uma reflexão sobre o tema “estratégias de aprendizagem”, e utilizei como referencial teórico a categorização acerca das estratégias proposta por Oxford, Ehrman e Leaver (2003). Dentre as estratégias discutidas, o uso da imagem para auxiliar a retenção do vocabulário protagonizou as discussões:

Fragmento 44- Sessão 4

616		Se você quiser decorar o catálogo, você vai ter que criar um
617		contexto pra aquilo, Por exemplo, utilizar gravuras, desenho
618	Mila	É, isso não, isso, a parte imagética comigo é falha .
619	F	Nunca pensou?
620	Mila	Não,
621	F	Porque a imagem, o nosso cérebro é programado em imagens,
622		nosso cérebro é imagético, todo imagético, ou seja, se você for
623		pensar, você tem cenários mentais
624	Mila	Pois é, e é engraçado , até mesmo ouvindo a televisão eu
625		procuro fechar os olhos pra ver se eu tô compreendendo,
626		porque eu acho que se eu estou olhando, as imagens vão me
627		dar uma fonte, então eu...
628	F	Mas tenta imagem junto com o som, pegar aquele vocabulário
629		e tentar transformar em imagem, associar aquilo à imagens, e
630		não à palavras, a imagem tem um poder muito maior
631	Mila	Interessante , por isso, os livros hoje são todos ilustrados
632	F	É, a imagem vem com uma força muito grande na fixação e na,
634		porque você pensa imagens diferentes das coisas, porque se eu
635		digo: pensa numa casa, sua casa não vai ser a mesma dela, mas
636		nós temos protótipos mentais de uma casa.
637	Mila	Você tá me chamando atenção de uma coisa que eu não havia
638		me apercebido, por exemplo você falou, cada um tem uma

639		imagem e tal, eu me lembrei da historinha do livro de alemão,
640		onde existem várias imagens
641	F	Porque você tem que associar à imagem.
642	Mila	É, isso eu não tinha me apercebido, se você for transformar um
643		estudo só em palavras, palavras e palavras, vai ficar muito
644		 difícil , a imagem ela é muito mais rápida .

Mila avalia seu uso de imagens através da APRECIACÃO/composição: “falha” (linha 618). Em contrapartida, minha fala introduz a noção de cenário mental (DAMASIO, 2004), através da APRECIACÃO/composição “imagético” (linha 622), e ressalto o poder das imagens por meio da GRADACÃO/força “muito maior” (linha 630). A partir desse momento, Mila realiza a APRECIACÃO/valor dessa estratégia imagética, como ilustram suas escolhas lexicais “interessante” (linha 631); “me chamando atenção” (linha 637); “não havia me apercebido” (linhas 637 e 638) e “me lembrei” (linha 640). Sua percepção culmina em mais um entendimento, que confronta palavras e imagens, representado pela APRECIACÃO/composição de alta gradação “muito mais rápida” (linha 644).

Uma outra estratégia, o reconhecimento e prática de expressões formulaicas na comunicação, é utilizada por Mila ao regularmente interagir com amigos franceses por e-mails. Sobre este relacionamento, Mila comenta:

Fragmento 45- Sessão 4		
689	Mila	Quando eu escrevo errado eles me corrigem, e é uma ligação
690		 legal
691	F	Como você se sente quando eles corrigem você?
692	Mila	Ah, eu não me sinto mal , não, eu fico agradecida pelas
693		correções, sempre
694	F	Ótimo
695	Mila	Eu acho que se você recebe de um amigo uma correção, ela
696		fica mais suave , ela tem um outro objetivo
697	F	Diferente da correção do professor?
698	Mila	Não, é aquela tal história, eu acho que a relação professor/aluno
699		é muito próxima eu acho que dentro de todas as carreiras onde
700		se estabelece o melhor nível de relação é entre professor e
701		aluno, porque há um feedback,
702	F	Claro, uma negociação
703	Mila	Sempre

Mila avalia a correção realizada pelos amigos positivamente, como percebemos na APRECIÇÃO/valor “é uma ligação legal” (linhas 689 e 690) e no AFETO/satisfação “eu fico agradecida” (linha 692). Mila nos apresenta a crença de que uma correção vinda de um amigo “mais suave” (APRECIÇÃO/valor, linha 696). Em sua opinião a correção que parte de um amigo assemelha-se à correção do professor, pois acredita que “dentre todas as carreiras onde se estabelece o melhor nível de relação é entre professor e aluno porque há um feedback.” (linhas 699 a 701), da qual destaco a GRADAÇÃO/foco “o melhor”. Percebemos aqui a importância do AFETO para a aprendizagem da Mila quando constrói uma imagem de professor ‘amigo’, cujo objetivo nas correções é colaborar com o aprendiz.

Esta sessão caracterizou-se como um ‘retrocesso emocional’ por parte da Mila ao sentir-se desanimada com a sua performance na aula de francês, e esse episódio propiciou discussões acerca de questões cruciais para Mila como o tempo, a cobrança e a ausência de estratégias de aprendizagem.

7.5

Sessão 5- A Historia da Caixinha (27/05/10)

No encontro anterior, Mila chegou à sessão demonstrando muita insatisfação com relação à sua performance nas LE. Contudo, após iniciarmos a reflexão sobre as estratégias de aprendizagem, Mila surpreendeu-se com o poder da imagem. Neste encontro, nós prosseguimos com a reflexão acerca das estratégias de aprendizagem e Mila nos conta como foi a sua semana:

Fragmento 46- Sessão 5

18	F	Mas e quanto à aula em si, seu entendimento, sua
19		participação?
20	Mila	É, a coisa deu uma... os exercícios, por exemplo, consegui
21		fazer todos praticamente sem erros, tal, mas é o que eu tô te
22		dizendo, Fernanda, eu acho que a insatisfação não é com a
23		situação, não é com o outro, é comigo, sou eu
24		essa semana Ruth falou pra mim: Mila, você nunca vai falar
25		francês como um nativo, porque é sem chance, você se
26		comunica, você pode ficar cem anos aqui na XX, que muito
27		pouca coisa você vai acrescentar ao que você já sabe

Em seu relato, observamos a presença do AFETO/insatisfação e Mila reitera a sua insatisfação e entendimento através da crença de que a situação que a aflige é interna e pessoal, nas linhas 22 e 23. Observamos, neste fragmento, a presença da voz da Ruth, sua professora de francês, que traz à cena mais uma de suas crenças: a questão da performance comparada à do nativo, e em sua fala, observamos o léxico referente à GRADAÇÃO “nunca” (linha 24), “muito pouca coisa” (linha 27) e a APRECIACÃO/valor “sem chance” (linha 25). Pelo fato de ter incluído o comentário da professora, podemos inferir que sua “insatisfação” e AAULE podem estar diretamente ligadas à frustração de não poder performar as LE da mesma maneira que os nativos. Contudo, Mila já começa a dimensionar seus limites e defende que o que intenciona é uma fala sem erros:

Fragmento 47- Sessão 5

28	F	Você, o que que acontece, você fala fluentemente , você fala
29		sem erros, mas exatamente como um nativo, não.
30	Mila	É, mas o problema é o seguinte: eu não falo sem erros
31	F	Assim, você tem que começar a trabalhar então a questão
32		gramatical, vê o que falta
33	Mila	É exatamente isso que eu
34	F	A monitoria, né? Monitorar o que tá faltando
35	Mila	Isso eu faço, eu faço os exercícios e direciono para a
36		linguagem, todas as vezes que eu vou falar eu tento
37		ver se eu estou empregando aquilo de forma
38		Gramaticalmente correta , esse foi um vício que eu adquirir no
39		XX, fale de um jeito, mas fale, a aí, eu criei vícios que eu tô
40		custando a corrigir, isso é um problema , e é aquela tal história,
41		como eu tava te dizendo, essa estada nossa aqui tem me
42		ajudado bastante porque eu tenho conseguido pontuar onde é
43		que está a questão. Eu tenho que começar a na realidade a
44		trabalhar isto, porque essa é uma dificuldade que eu tenho,
45		porque detectar o problema pra mim não é tão difícil , o meu
46		problema é trabalhar isso

Mila acredita que quando estudou francês em uma instituição anterior à atual, desenvolveu “vícios” (linha 39), pois a comunicação era priorizada em detrimento da forma. Por conseguinte, Mila argumenta que sua imprecisão gramatical advem deste período, que atualmente está “custando a corrigir” (linha 40) e o avalia através do

JULGAMENTO/ capacidade “um problema” (linha 40). Desde o primeiro encontro, Mila vem enfatizando que é uma pessoa que precisa saber o porquê das coisas, e neste fragmento, ela avalia as sessões Exploratórias de forma positiva: “essa nossa estada aqui tem me ajudado bastante porque eu tenho conseguido pontuar onde é que está a questão.” (linhas 41 a 43), e destaco as escolhas lexicais de polaridade positiva de alta GRADAÇÃO “me ajudado bastante” Percebemos em seu discurso uma diferença de atitude em relação à sessão anterior, na qual Mila apresenta uma certa decepção, pois acreditava que as sessões a trariam soluções imediatas. Logo, as sessões contribuem para a ressignificação da AAULE na medida em que Mila assume sua agentividade e diz: “Eu tenho que começar a, na realidade, trabalhar isso.” (linhas 43 e 44). Ao tomar a responsabilidade para si, Mila desenvolve o entendimento de que isto é algo que somente ela será capaz de realizar, e admite que não será fácil: “o meu problema é trabalhar isso” (linhas 45 e 46).

Sobre as estratégias de aprendizagem, Lea apresenta seus entendimentos:

Fragmento 48- Sessão 5

213	Lea	Eu acho assim que, o curso aqui me ajudou , porque eu
214		comecei o inglês pra não ficar totalmente parada, é uma
215		língua que eu nunca tive muito interesse em aprender, mas eu
216		acho que eu não tava me dedicando com eu tinha que me
217		dedicar aí quando eu parei, que eu vim aqui, eu acho que o
218		maior problema tava sendo eu mesma, que assim, método,
219		existem vários, e seu entrar de corpo e alma , isso vai ter
220		algum resultado
221	Mila	O corpo e alma vai ter
222	Lea	Eu acho que eu, não digo que eu tô como eu gostaria na
223		língua, mas agora é uma questão de honra pra mim falar
224		inglês, entendeu? Tando certo ou errado

Quando Lea se refere aos nossos encontros, ela utiliza o substantivo “curso” (linha 213). Entendo que na sua perspectiva, as sessões exploratórias são avaliadas por ela como se fossem um curso sobre o ato de aprender, e a avaliação é positiva, como observamos na APRECIÇÃO/valor quando diz “me ajudou” (linha 213). A partir da reflexão, Lea desenvolve o entendimento de que o “maior problema” (GRADAÇÃO/foco, linha 218) estava sendo sua falta de tempo para uma maior

dedicação, e o uso do verbo no pretérito imperfeito “tava” (linha 218) demonstra que esta questão está superada por Lea. Um outro ponto relevante em sua fala é a desmistificação dos métodos de ensino/aprendizagem após as sessões nas quais debatemos e refletimos sobre os diferentes métodos confrontando-os com a era pós-método na qual vivemos. Diferentemente da Mila, Lea não está preocupada em falar inglês corretamente. Seu entendimento é reiterado na crença de que ela é a sua maior inimiga, assim, percebemos que Lea posiciona-se como agente de sua aprendizagem, e não atribui suas dificuldades a fatores externos. As escolhas referentes ao JULGAMENTO “de corpo e alma” (linha 219) e “questão de honra” (linha 223) reiteram sua determinação para aprender a LE.

Dando sequência à reflexão sobre as estratégias, perguntei a elas se também pensavam sobre o progresso alcançado e se adotavam algum modo de recompensa por isso:

Fragmento 49- Sessão 5

241	F	Ahhh, outra aqui: penso sobre o meu progresso? É o que
242		vocês estão fazendo agora aqui. Eu me dou uma recompensa
243		quando me faz bem uma aula, ou coisa assim, vocês se dão
244		uma recompensa?
245	Lea	Só o prazer de você ter conseguido
246	Mila	Risos e fala interposta. Eu tô sempre me recompensando, eu
247		faço isso habitualmente, qualquer coisa e mesmo providencio
248		uma , eu de vez em quando eu brinco lá em casa, porque eu
249		adoro coca-cola, né, eu não tomo água, só tomo coca-cola,
250		então, todas as vezes que eu termino de fazer uma tarefa, eu já
251		apelidei de prêmio aí eu digo pra minha empregada: Helena,
252		um copinho de prêmio!
253	F	Risos, muito bom!!
254	Lea	O meu marido sempre sugere uma comemoração, ah, vamos
255		na pizzeria, vamos não sei o quê.

Para Lea, a maior recompensa é o prazer de ter realizado a tarefa, já Mila nos relatou uma experiência pessoal positiva em relação à recompensas: quando conclui uma tarefa, ela toma um copo de coca-cola, e a partir desta informação, em nossos encontros subsequentes passamos a beber coca-cola, já que eu e Lea também apreciamos a bebida. Nesta sessão, estamos conversando também sobre as

lembranças da infância em relação à escola e Mila recorda o fato de ser a filha da professora:

Fragmento 50- Sessão 5

307	F	E você, Mila, o que que você lembra?
308	Mila	Eu era a filha da professora, isso aí era algo assim meio
309		pesado nas costas , mas eu sempre fui muito sapeca,
310		sempre fui muito sapeca, o sujeito me chamava a atenção
311		éramos dois, tudo que era mal feito tinha sido nós dois, então
312		a gente já não tinha mais pudor , a gente achava naturalíssimo
313		o mal feito ser feito por nós, o único compromisso que a gente
314		tinha na escola era tirar as melhores notas, tirando boas notas,
315		podia voltar pra casa com a caderneta com a folha (...) sem
316		problema
317	F	Então tinha o compromisso coma nota?
318	Mila	Tinha, tinha que dar conta do recado , até que eu com onze
319		anos de idade, eu acho que eu já até contei isso a vocês,
320	F	A, da admissão, ah eu lembro
321	Mila	Então, eu resolvi marcar a minha independência ali
322	F	Dali pra frente, o que que mudou pra você?
323	Mila	Eu não mudei nada, porque na realidade eu acho que eu já me
324		cobrava, entendeu? Na medida em que eu queria aquela
325		liberdade pra não ter que ser cobrada, na medida em que eu
326		tinha que fazer isso ou aquilo.

Mila avalia o fato de ser filha da professora através da APRECIACÃO/reação de gradação moderada: “era algo assim meio pesado nas costas” (linhas 308 e 309). Neste trecho, Mila nos conta que ela e o irmão aprontavam estripolias na escola, mas o que importava em sua casa eram as notas, como percebemos no JULGAMENTO “dar conta do recado”, daí todo o percurso da cobrança em sua vida: “o único compromisso que a gente tinha era tirar as melhores notas” (linhas 313 e 314). É importante ressaltar que não bastava obter notas boas, mas deveriam ser “as melhores” (GRADAÇÃO/força). Ao pensar sobre sua trajetória como aprendiz, Mila comenta: “Eu não mudei nada” (linha 323). Esta cobrança constitui um gerador de ansiedade para Mila. Em um momento subsequente, Mila comenta: “você carrega com você aquela história de que você tem que ser o melhor” (linhas 342 e 343). Contudo, esta situação não incomodava Mila:

Fragmento 51- Sessão 5

350 Mila Eu **aceitava aquilo como um desafio**, nunca me incomodou,
 351 não. Eu sabia que tinha que dar conta daquele recado, que era a
 352 minha tarefa, que cada um tinha tarefa e que eu tinha que
 353 cumprir a minha, ponto.

A cobrança em sua infância era avaliada através do JULGAMENTO/ capacidade “desafio” (linha 350). Mila aceitava que cada pessoa tinha uma tarefa e a sua era obter as melhores notas na escola e a escolha lexical “ponto” reitera o caráter inflexível da cobrança.

No desenrolar da conversa sobre a infância, Mila destaca uma recordação muito especial sobre a sua avó:

Fragmento 52- Sessão 5

362 Mila É, eu tenho assim, lembranças muito boas da minha infância,
 363 porque na realidade, minha infância foi **uma grande**
 364 **brincadeira**, era uma **brincadeira gostosa** porque a minha avó
 365 era uma pessoa **muito especial**, então a minha avó criava umas
 366 histórias, que pra vocês terem uma ideia, eu lembro até hoje,
 367 tinha uma história de uma caixinha, a gente tinha um espaço
 368 nosso, e tinha uma onde você colocava as suas melhores
 369 lembranças, o dia que você estiver **triste** ou **aborrecida**, você
 370 se tranca naquele lugar e abria aquela caixinha, dentro do
 371 seu imaginário, e as coisas começavam a se resolver
 372 **magicamente**.

Mila avalia a sua infância através da APRECIÇÃO/reação intensificada pela alta GRADAÇÃO “uma grande brincadeira” (linhas 363 e 364). Na avaliação sobre a avó, Mila faz uso do JULGAMENTO/ propriedade “especial” (linha 365) intensificado pela GRADAÇÃO “muito” (linha 365). Julgo relevante salientar que Mila normalmente relata fatos positivos ocorridos em sua infância, o que me leva a inferir que seu sentimento de AAULE possivelmente teve início em sua fase adulta.

A caixinha agia como um elemento terapêutico, pois contribuía para que as situações se resolvessem “magicamente” (APRECIÇÃO/valor) para Mila. Por conseguinte, sugeri que a caixinha fizesse parte das nossas sessões e lhes perguntei o que colocariam nela:

Fragmento 53- Sessão 5

389 F Então o que vai pra caixa?
 390 Lea Talvez as músicas, e agora talvez só a iniciativa de ter
 391 começado o curso, vai ter passado no livro três, vai pra
 392 caixa a Fernanda, que tá me ajudando muito.
 393 Mila Na caixa, eu tenho uma coisa que todo mundo acharia **horrível**,
 394 e foi **muito engraçado**, eu até tava comentando com uma amiga
 395 sobre isso, nós estudávamos num curso de inglês e sempre
 396 chupávamos um pirulito enorme, então a gente ficava com
 397 aquele pirulito a aula toda, aí a mãe dela tinha ogerisa da avó,
 398 então tudo era motivo pra sair da aula, então chegou a notícia
 399 da morte da avó e nós fomos ao velório, ficamos nós na capela
 400 da igreja, e eu com maldito do final do pirulito, quando eu
 401 andava de um lado pro outro, a mãe dela entra e começa a
 402 gritar: minha sogra! Minha sogra era uma mãe pra mim! Eu pra
 403 não rir, botei o pirulito na boca, eu engasguei, me deram um
 404 tapa e o pirulito caiu o rosto da velha
 405 F Meu Deus!!!
 406 Mila Nós duas, expulsas do velório, mas essa é uma das lembranças
 407 **mais engraçadas da minha vida**, trinta anos depois, nós todos
 408 continuamos amigos, e trinta anos depois nós nos
 409 encontramos no cemitério à noite, velando a mãe desta minha
 410 amiga, e nós lembramos, e nós ríamos, nós ríamos, então no
 411 inglês eu tenho lembranças que pra outros seria negativa, eu
 412 não sei inglês, eu **não gosto de inglês**, eu **me bloqueei** com a
 413 história do inglês, mas o fato em si pra mim foi **hilário**.

Mila inclui em sua “caixinha” uma lembrança da infância, o estudo do inglês e as sessões exploratórias, as quais avalia através da APRECIÇÃO/valor de alta GRADAÇÃO “tá me ajudando muito” (linha 392). Ao final da sua narrativa, Mila reenfatiza seus sentimentos em relação ao inglês através do AFETO/ insatisfação de polaridade negativa: “eu não gosto de inglês, eu me bloqueei com a história do inglês” (linhas 412 e 413). É possível observar que o humor ajuda a compor o cenário afetivo da Mila, como no episódio em que foi expulsa do curso de inglês durante a prova de compreensão auditiva, nas brincadeiras com o pai e no episódio que foi escolhido para a caixinha.

7.6

Sessão 6- “A caixinha” trabalhando... (17/06/10)

Esta sessão ocorreu vinte e um dias após o quinto encontro devido ao feriado de Corpus Christi e um congresso internacional para o qual Mila viajou para participar. Inclusive, Mila havia comentado conosco sobre esse congresso, pois seria uma boa oportunidade para praticar as LE, já que haveria pessoas de diversas partes do mundo. Mila inicia a sua participação a partir de uma pergunta minha:

Fragmento 54- Sessão 6

71	F	Então, Mila, e a sua caixinha?
72	Mila	Muito interessante, eu botei uma série de coisas na caxinha, me
73		lembrei , mas muito de você, assim, em cada oportunidade que
74		eu tinha de por em prática aquilo que você nos ensinou, eu
75		aproveitava pra por em prática, e eu achei uma técnica nova,
76		sabe aquela história daquela lista das traduções eu resolvi pegar
77		aquela lista e depois de pegar a lista eu fazia um textinho com
78		aquelas palavras, contextualizando como você colocou, então
79		isso, realmente eu percebi que eu entendo melhor essas
80		palavras a partir dali.

Neste excerto, Mila inclui a APRECIACÃO/valor de alta GRADAÇÃO “muito interessante” (linha 72) e nos relata que acrescentou “uma série de coisas na caixinha” (linha 72), e podemos perceber em sua fala um tom otimista em relação à lida com as LE, quando diz:” (...) em cada oportunidade que eu tinha de pôr em prática aquilo que você nos ensinou, eu aproveitava pra por em prática” (linhas 73 a 75). Sublinho, no excerto 54, a presença da PE, pois Mila apresentou no evento uma postura ativa, percebendo as oportunidades de uso da LE que surgiam e atuando como agente, pondo em prática estratégias que discutimos nas sessões anteriores. Mila nos conta que conseguiu se comunicar em alemão e também em francês:

Fragmento 55- Sessão 6

101	Mila	E aí teve mais um momento que eu encontrei dois alemães
102		completamente perdidos, e eu orientei sobre o caminho,
103		expliquei pra eles como é que chegava lá, e eles me
104		perguntaram se eu tava aprendendo alemã, e eu falei pra eles,
105		consegui me comunicar

106	Lea	Que legal!!
107	Mila	Agora, em termos de gramática...
108	F	E o francês, conseguiu falar francês?
109	Mila	Não, o francês, eu falei com o guri do hotel tranquilamente , o
110		menino tá fazendo um estágio em hotelaria e ele me explicou
111		tudo isso em francês e eu conversei com ele normalmente em
112		francês

Neste fragmento, observamos novamente a distinção feita por Mila entre a sua comunicação e a precisão gramatical que tanto almeja, quando diz: “Agora, em termos de gramática...” (linha 107). Notamos aqui a presença da sua crença mais latente de que sua fala é incorreta gramaticalmente. No relato sobre a interação em francês, o uso dos advérbios de modo “tranquilamente” (linha 109) e “normalmente” (linha 111), ambos representando APRECIÇÃO/composição, de polaridade positiva contrastam com a avaliação presente na continuação deste trecho:

Fragmento 56- Sessão 6

112	francês, agora, tá uma calamidade , ontem nós rimos a aula
113	inteira, eu Luiza e Ruth, porque nós estamos
114	fazendo o emprego dos tempos de verbos, tá uma calamidade ,
115	ontem mas nós ríamos, mas nós ríamos tanto que Ruth fez um
116	exercício especial pra nós, explicando cada caso, mas quando
117	essas coisas tiverem sedimentadas foi o que eu disse pra Ruth,
118	entrar no automático, eu não posso, agora, a minha insegurança
119	é tanta que eu tinha feito a coisa certa automaticamente e Ruth
120	perguntou qual das duas frases é a melhor? Aí eu disse: a de
121	Luiza, e ela disse: não é nada, é a sua, por que? Eu sabia que
122	aquilo tava certo, mas a insegurança era tanta , que eu preferi
123	aceitar a resposta da outra... coisa de maluco .

É recorrente o modo como Mila se transporta de uma avaliação positiva para uma negativa, presente no percurso entre a lembrança sobre a conversa no congresso e o uso dos verbos na sala de aula, a que avaliou através da APRECIÇÃO/composição negativa: “uma calamidade” (linhas 112 e 114). As escolhas lexicais “tranquilamente” e “normalmente” transmitem uma sensação de serenidade, oposta à sensação de agitação e nervosismo presentes em uma calamidade. Apesar da situação calamitosa, Mila reagiu com humor: “nós ríamos,

mas nós ríamos tanto” (linha 115). Percebo que o humor, nesse sentido, atua como uma espécie de fuga por parte de Mila, pois tudo o que ela deseja é não cometer mais erros nas LE, logo esse riso não conota algo realmente engraçado para ela, mas sim um tipo de sarcasmo com a sua dificuldade para compreender o uso dos verbos. Mila compartilha conosco a sua “insegurança” (linhas 118 e 122), intensificada pelo advérbio “tanta” (linhas 119 que 122), que denota alta GRADAÇÃO. Mesmo sabendo que a sua resposta estava correta, Mila deu preferência à da sua colega de turma, possivelmente por medo da avaliação negativa.

Mila tem consciência de que deveria ter mais confiança em si, e prossegue o seu discurso refletindo sobre o que incluiria em sua caixinha:

Fragmento 57-Sessão 6

127	Mila	É, pois é esse o problema, é isso que não pode acontecer, agora
128		essas experiências que você me trouxe foram extremamente
129		válidas, duas em especial: a de contextualização e a do ouvir
130		aliando à imagem, e a terceira foi aproveitar aquela história da
131		caixinha e colocar algumas coisas que eu achei muito
132		interessante, eu descobri um momento de alegria e de
133		intimidade no curso de inglês, aquela história que a gente
134		comentou aqui, a amizade de Adriana, professora Teresa,
135		Pedro Paulo, Ruth, experiência vivida por Fernanda e Lea, que
136		tem trazido um pouco mais de leveza a minha vida, aprovação
137		nos concursos, no mestrado, doutorado, e conselhos
138		imperdíveis: contextualizar os termos, associar palavras a
139		gestos e situações vividas, e criar oportunidades para o uso da
140		língua, e usei as três, se você quer saber, usei assim fartamente
141		as três.

Este fragmento revela que as sessões exploratórias estão contribuindo para uma melhor qualidade de vida para Mila. Sua avaliação é construída no discurso através das APRECIÇÕES/valor de alta GRADAÇÃO “extremamente válidas” (linhas 128 e 129), “muito interessante” (linhas 131 e 132) e da APRECIÇÃO de média GRADAÇÃO “um pouco mais de leveza” (linha 136). Através do aproveitamento da “caixinha”, Mila lembrou-se de pessoas queridas e realizou uma importante descoberta: “ eu descobri um momento de alegria e de intimidade no curso de inglês” (linhas 132 e 133). Até então, a sua memória afetiva em relação ao inglês costumava

ser negativa, logo lembrar algo positivo ligado ao inglês pode vir a contribuir para a ressignificação da AAULE em relação a esta língua. Quando se refere aos “conselhos imperdíveis” (linhas 137 e 138), Mila cita algumas estratégias de aprendizagem discutidas no último encontro, às quais fez farto uso. Com base em tudo o que ouvi, perguntei a ela:

Fragmento 58- Sessão 6

142	F	E como é que essas coisas caíram em você em termos de
143		emoção?
144	Mila	Eu achei que me trouxe mais alegria , ao poder fazer isso, eu
145		não posso estimar mais, mas isso aí é uma coisa que eu acho
146		que vai paulatinamente ser feita, mas pelo menos eu acho que a
147		compreensão do processo tá ajudando muito ,
148	F	É o entendimento
149	Mila	A partir do momento que você compreende a situação, agora, é
150		aquele terceiro momento da análise, você sabe onde está o
151		problema, mas o que você vai fazer com ele...é o que a gente tá
152		tentando aprender aqui, eu acho que isso é fundamental

Novamente, Mila refere-se aos encontros e ao processo reflexivo de forma positiva, e percebemos o uso do AFETO de GRADAÇÃO média “mais alegria” (linha 144). Mila reitera a sua opinião na APRECIACÃO/valor de alta GRADAÇÃO” (...) tá ajudando muito” (linha 147). Neste estágio do processo, Mila já compreende a situação e o associa à psicanálise, quando diz:” (...) é aquele terceiro momento da análise, você sabe onde está o problema, mas o que você vai fazer com ele (...)” (linhas 150 e 151). Mila conclui sua fala enfatizando que está aprendendo a lidar com as suas dificuldades. Ancorando-me em sua fala, eu inicio neste momento, uma discussão acerca da ansiedade, sua conceituação, tipologia e relação com a aprendizagem e uso das LE, e as participantes compartilham suas vivências:

Fragmento 59- Sessão 6

178	Lea	Engraçado , a ansiedade em mim parece que ela muda, tem
179		umas situações realmente que eu me sinto ansiosa, mas eu acho
180		que, eu não sei se é uma coisa meio maluca , mas muda a
181		ansiedade dependendo da situação, éhh, no começo com
182		os alunos de inglês, eu ficava assim, muito tensa na hora

183	de responder uma pergunta, ia respondendo a de todo
184	mundo mentalmente, e quando chegava a minha vez eu
185	travava . Agora eu já tô até conseguindo responder, às vezes eu
186	demoro um pouquinho, mas... A ansiedade fora da língua, eu
187	nunca senti, (...)

Lea identifica-se mais com a ansiedade de situação específica, pois relata que não sente-se ansiosa em outros contextos fora da AULE. Percebemos em seu discurso uma oscilação na AAULE, quando compara o modo como se sentia “no começo” (linha 181) e “Agora” (linha 185). Mila, por sua vez, relata não sentir nenhum sintoma físico ligado à ansiedade, e assim como Lea, introduz sua fala fazendo uso da APRECIACÃO/reacção “Engraçado” (linha 196)

Fragmento 60- Sessão 6

196	Mila	Engraçado , eu nunca fui detectar assim um estado de
197		ansiedade, eu por exemplo, eu nunca tive sintoma, nunca tive
198		falta de ar, nunca transpirei nenhum sintoma de ansiedade, eu
199		nunca detectei isso

O fato de não perceber mudanças em seu estado físico torna-se um *puzzle* para Mila:

Fragmento 61- Sessão 6

228	Mila	Agora, Fernanda, como se processa essa história de você não
229		ter uma manifestação externa, éh.. palpável, por exemplo,
230		você não tem uma taquicardia, você não tem uma sudorese,
231		mas você sabe que você não está agindo normalmente?
232	F	Como é que você percebe que não tá agindo normalmente?
233	Mila	É, tipo, você bloqueia , eu pelo menos bloqueio , eu, eu, me
234		faltam elementos que... normalmente não faltariam,
235	F	Porque afeta a memória
236	Mila	Pois é... Comigo afeta a memória, fundamentalmente a
237		memória
238	F	É, não há um sintoma somático, mas por exemplo, quando
239		você se percebe durante a interação, você não sente o rosto
240		quente?
241	Mila	Eu nunca fiquei vermelha, nada, nada, nada, nada, batimento
242		cardíaco, por exemplo, não é que não exista uma alteração, eu
243		por exemplo, eu tenho uma alteração de batimento cardíaco por
244		uma grande emoção, agora, numa situação, nem em medo, eu
245		tenho taquicardia

Sua questão intrigante (linha 228 a 231), constitui um paradoxo e nos ajuda a alcançar mais um entendimento: a ansiedade sentida por Mila não é percebida por sintomas físicos tais como a sudorese ou alteração dos batimentos cardíacos, mas afeta a sua memória, percebida pelo uso do AFETO/ insegurança “bloqueio” (linha 233). A partir daí, Mila começa a se preocupar com a questão da memória:

Fragmento 62- Sessão 6

256	Mila	Hoje as crianças fazem isso. Agora, é uma coisa muito
257		 interessante , porque eu sei que eu estou ansiosa, mas eu não
258		tenho os sintomas, mas a memória eu tô muito, muito
259		preocupada, com essa questão da memória, porque eu tô
260		tendo perdas acentuadas de memória, você conhece alguém
261		que faça teste?

No fragmento 62, Mila volta à natureza paradoxal da sua ansiedade inserindo a APRECIACÃO/valor “muito interessante” (linhas 256 e 257) e explicita a sua preocupação com relação às perdas de memória que vêm ocorrendo no seu dia a dia, e relata que sua memória de fatos antigos está preservada: “Eu tenho tudo encadeado, tenho filminhos sobre a infância” (linha 269). Uma de suas crenças é a de que precisa memorizar as regras gramaticais e os exercícios que realiza, porém eu a questiono, através de um *puzzle* se isso é realmente necessário e relevante:

Fragmento 63- Sessão 6

285	Mila	Gente, não é possível , que eu não sou burra eu tenho certeza,
286		agora uma coisa é você pegar um exercício de francês e não ser
287		capaz de memorizar aquilo
288	F	Nunca consegui decorar exercício, não, eu há quatorze anos eu
289		trabalho com os mesmos livros e eu não tenho esses livros
290		decorados, por que que você acha que tem que memorizar os
291		exercícios?
292	Mila	Porque, por exemplo, eu preciso lançar mão daquilo pra fazer,
293		por exemplo as regras, eu não tô lembrando das regras

Mila introduz o JULGAMENTO/ capacidade, quando diz “não é possível”, e “não sou burra” (linha 285), e pela sua resposta, percebo que Mila aborda o exercício como se fosse um teste, ou seja, ela procura realizar as tarefas sem andamento e

sente-se incomodada quando não se lembra de alguma regra. Novamente, Mila introduz o humor ao comentar a sua reação:

Fagmento 64- Sessão 6

301	Mila	É, eu não sei se (...) aí você acha, ah, não sou capaz e eu reajo
302		de maneira diferente , em vez de me aborrecer , eu faço daquilo
303		uma tremenda graça , foi o que eu fiz com o inglês, é uma coisa
304		que eu preciso vencer, na vida vai chegar o momento que,
305		deixa eu dar uma arrancadinha no francês, que eu vou estudar
306		inglês, porque eu acho que você não pode passar pela vida
307		deixando coisas pra trás, porque se você não vence as pequenas
308		coisas, o que vai ser da tua vida diante de um problema
309		maior? Vai fugir? Não tem condição,
310	F	Éh...
311	Mila	E isso, quarenta, não, cinquenta anos se passaram, e eu pra
312		dizer a verdade eu só não abandonei esse francês porque ia me
313		fazer muito mal .
Sessão 6		

No fragmento 64, Mila apresenta a sua avaliação do bloqueio em relação à aprendizagem e uso das LE iniciando com o JULGAMENTO/ capacidade “não sou capaz” (linha 301), e classifica sua reação através da APRECIACÃO/reação “diferente” (linha 302). Sua reação rompe expectativas e confronta o AFETO/ insatisfação “me aborrecer” (linha 302) com a APRECIACÃO de alta GRADAÇÃO “uma tremenda graça” (linha 303). Entretanto, a “graça” a qual se refere não traz benefícios à sua vida e seu discurso tende à ressignificação, quando diz: “é uma coisa que eu preciso vencer” (linhas 303 e 304). Mila nos apresenta outra crença:” (...) você não pode passar pela vida deixando coisas pra trás” (linhas 306 e 307). Podemos inferir que o bloqueio que sente em relação às LE prejudica a sua qualidade de vida, como observamos pela presença do AFETO/ infelicidade de alta gradação “muito mal” (linha 313). Uma outra crença que emerge é de que as pessoas avaliam o seu francês mais positivamente do que ela:

Fragmento 65- Sessão 6

305	Mila	Não, não, me comunicar eu me comunico, você quer ver uma
306		coisa, ontem Ruth me disse o seguinte: Marcia, você não tem
307		noção do que você sabe de francês, aí eu acho que as pessoas
308		tão sendo benevolentes comigo.
309	F	Mas por que que as pessoas tão sendo benevolentes com você?
310	Mila	Talvez com Ruth, pra que eu não me sinta frustrada , porque ela
311		gosta de mim, ela gostaria que eu me sentisse melhor, mas
312		gente, eu tô ficando analfabeta emocional , não é possível!

Sua crença: “eu acho que as pessoas tão sendo benevolentes comigo” (linhas 307 e 308) apresenta um JULGAMENTO/ propriedade e é questionada por mim através do *puzzle* iniciado por “por que” (linha 309), que é explicado por Mila tendo como base a afetividade entre ela e a sua professora de francês:” (...) ela gosta de mim, ela gostaria que eu me sentisse melhor” (linhas 310 e 311). Seu JULGAMENTO/ capacidade: “eu tô ficando analfabeta emocional, não é possível!” (linha 312), segundo a própria participante, conota sua sensação de que não está sendo capaz de interpretar o que as pessoas realmente pensam sobre a sua performance nas LE.

Mila, com frequência, subestima o seu conhecimento em francês mesmo sendo capaz de entender a LE e utilizá-la para comunicar-se sem dificuldades. Logo, a minha fala concentra-se em contribuir para que Mila perceba que seu conhecimento não é tão restrito quanto pensa:

Fragmento 66- Sessão 6

318	F	Mas ela não faria um comentário assim se não fosse verdade,
319		porque se o seu conhecimento fosse tão restrito, você não
320		conseguiria entender a televisão, como você entende, você não
321		conseguiria viajar e se comunicar como você se comunica,
322		você não conseguiria ligar pra França como você liga e falar
323		com as pessoas, agora o que você tá buscando lá é um
324		refinamento do seu conhecimento
325	Mila	Mas aí eu tô descobrindo que eu não sei é nada .. esse é o meu
326		problema, porque na realidade, eu achava que eu ia fazer o
327		curso só pra..
Sessão 6		

Em momentos anteriores, Mila comentou que já havia concluído o curso de francês em outra instituição antes de ingressar no curso atual. Por conseguinte, ela acreditava que realizaria o curso (na segunda instituição) somente para consolidar e praticar as estruturas gramaticais, mas Mila vem lidando com formas de linguagem novas para ela, e então apresenta o JULGAMENTO/capacidade “eu não sei é nada”, e complementa com outro JULGAMENTO/capacidade “esse é o meu problema” (linhas 325 e 326). Mila apresenta características perfeccionistas, logo sempre avalia sua aprendizagem de modo radical e negativo, como percebemos pela escolha lexical “nada” (linha 325). Tendo em vista as suas dificuldades, sugiro a Mila que comece a transformar o erro em uma ferramenta de aprendizagem, percebendo em sua fala e escrita as lacunas em seu processo de aquisição das LE:

Fragmento 67- Sessão 6

334	F	Vai indo com o tempo, ou seja, o que você tem que ativar
335		agora, é uma estratégia chamada no inglês de noticing, ou seja,
336		é notar, é o perceber você tá lendo uma notícia de jornal em
337		francês, por exemplo, aí você vai notar ali que, você tem que
338		ler percebendo, com eles construíram aquele texto, que tipo de
339		material linguístico foi usado ali, como é que ele fez aquela
340		frase? Tenta fazer uma frase parecida com aquela, tenta passar
341		uma uma notícia do Brasil, que você leu, tenta escrever aquilo
342		em francês..
343	Mila	Mas é isso que Ruth diz: Mila, às vezes você erra porque
344		você ousa, e quanto mais você ousar, mais você vai errar
345	F	Mas aí que tá, o erro é , depende da sua reflexão sobre o erro, o
346		erro não é negativo nesse ponto, ele é uma ousadia , claro que,
347		se eu tô aprendendo a dançar, eu tô lá fazendo plié,...mas se eu
348		tentar fazer uma pirueta, claro que eu vou errar, ou seja, tudo
349		que a gente vai ousando... você entra num caminho
350		desconhecido, você entra no caminho da incerteza, então claro
351		você tem que tá preparado pra errar, mas o que que você vai
352		fazer com aquele erro? Você vai se punir?
353	Mila	A minha história é o seguinte: eu preciso aprender exatamente
354		a como lidar com esse erro, o que eu vou fazer para não errar
355		mais.

Neste excerto, Mila introduz a voz da sua professora de francês, nas linhas 343 e 344. Sua fala associa o risco que temos de correr quando aprendemos ou usamos

uma LE ao erro, ou seja, Mila deseja expressar-se na LE e para isso arrisca-se, fazendo uso de estruturas além do seu estágio de desenvolvimento. Entretanto, mesmo com todo o percurso discursivo apresentado por mim, caracterizando o erro como parte da aprendizagem, como um aliado ao invés de ser um inimigo, Mila persiste com o perfeccionismo, nas linhas 353 a 355. Neste excerto, sublinho duas escolhas lexicais referentes à GRADAÇÃO/foco “exatamente” (linha 353) e “mais” (linha 355). A primeira, reflete a perspectiva positivista da Mila em relação ao ato de aprender, ou seja, como se o conhecimento tivesse uma natureza exata, presente no mundo exterior, pronta para ser apreendida por ela. A segunda, ilustra a sua crença de que para tudo na vida há um término. Porém, Mila continuará cometendo erros de diversas naturezas ao aventurar-se no uso das LE, desta forma, isso poderá contribuir para o aumento da sua frustração, como observamos no fragmento a seguir:

Fragmento 68- Sessão 6

372	F	Mas aí que tá, você tem que começar com o <i>coping</i> , a lidar ,
373		ah, deixa eu eu ver o que que eu errei, ou seja, se você tá
374		reincidindo no erro é porque você tá fazendo a mesma coisa,aí
375		você tem que voltar, ver novos exemplos daquilo, de outras
376		maneiras, por exemplo, pega o google, o google é uma beleza
377		(risos), pra aquele trecho e vê o que que o google vai te
378		apresentar de possibilidades sobre aquilo, aí você vai ver
379		“n”entradas com aquele tipo de estrutura, aí você vai
380		caminhando em relação ao entendimento do
381		erro, ou seja, o erro não pode ser visto como uma punição,
382	Mila	Mas eu não estou conseguindo apreender no erro o positivo .
383	F	O erro serve pra apontar o caminho
384	Mila	E repetindo, repetindo, repetindo, tudo errado , repetindo,
385		repetindo e sem proveito , perdendo um tempo enorme sem
386		conseguir superar.

Neste trecho, eu busco contribuir para que Mila desenvolva entendimentos acerca da sua lida com o erro, a partir de uma crença minha: “o erro não pode ser visto como uma punição” (linha 381) e para isso, sugiro que ela busque diferentes alternativas de acesso à estrutura que produziu imprecisamente. Contudo, Mila reincide no erro pois não faz uso dessas estratégias sugeridas. A avaliação do erro é conduzida por Mila através do JULGAMENTO/capacidade “não estou conseguindo”

(linha 382) e da APRECIACÃO/valor “o positivo” (linha 382). Quando diz “E repetindo, repetindo, repetindo, tudo errado, repetindo e sem proveito” (linhas 384 e 385), as aliterações representam o ritmo e a dinâmica de sua frustração e ao mesmo tempo mostram que Mila não sabe com exatidão em que está cometendo erros e, consequentemente, transita em círculos, como percebemos na APRECIACÃO/valor de alta GRADAÇÃO “perdendo um tempo enorme” (linha 385).

Mila atribui os erros que comete em francês ao curso anteriormente realizado, na instituição que priorizava a comunicação em detrimento da forma, e comenta:

Fragmento 69- Sessão 6

432	F	Mas isso é aprendizagem, o erro ele faz parte do processo de
433		aprendizagem, não tem jeito, até num bolo que você vai fazer,
434		o bolo solou, mas por que? Tem que saber porque, pra da
435		próxima vez, é o querer saber porque.
436	Mila	Eu tô precisando desconstruir o que eu aprendi pra aprender de
437		novo
416	F	Não tem como, só se você fizer uma lobotomia (entre risos) O
417		que você tem que fazer agora são as adaptações, a perceber,
418		procurar material autêntico .

Minha fala defende uma postura inspirada da Prática Exploratória em relação ao erro, sugerindo que Mila procure saber o porquê de cada erro, para que conscientemente possa monitorar as suas produções posteriores. Entretanto, Mila acredita que precisa “desconstruir” (linha 436) o que aprendeu, no sentido de desaprender.

Percebemos a crença mantida por ela de que tudo o que aprendeu na instituição de ensino de LE anterior está incorreto, logo Mila acredita ser possível “desconstruir”, eliminar esta fase da sua vida enquanto aprendiz de LE. Nesta sessão, Mila apresentou mais otimismo em relação ao uso de estratégias de aprendizagem e demonstrou maior capacidade de monitoramento da AAULE.

7.7

Sessão 7- “Tenho uma notícia maravilhosa pra te dar...” (08/07/10)

A partir deste encontro, nós começamos a retomar alguns pontos destacados das seis sessões anteriores a fim de refletirmos sobre determinadas crenças e posicionamentos. Como sempre, as participantes compartilham fatos acontecidos durante a semana e Mila nos surpreende com sua alegria em relação à aprendizagem do alemão e do francês:

Fragmento 70- Sessão 7

02	Mila	Tenho uma notícia maravilhosa pra te dar: acho que o alemão
03		tá começando a deslanchar
04	F	Ah, que bom!!
05	Mila	E o francês também tá pelo mesmo caminho, aquela ansiedade
06		horrosa de antes, eu acho que tá começando a mudar a partir
07		de uma dica sua. Você lembra que você falou pra mim:
08		“começa a observar o que você tá fazendo”
09	F	É, monitorar
10	Mila	Foi muito bom , aliás, as dicas todas como tem sido
11		importantes!

Neste fragmento, Mila avalia positivamente a sua performance nas LE, como observamos nas APRECIACÕES/reação “maravilhosa” (linha 02) e “deslanchar” (linha 03). Há também sinais de ressignificação da AAULE, quando diz:” (...) aquela ansiedade horrorosa de antes, eu acho que tá começando a mudar (...)” (linhas 05 e 06). Mila atribui tal mudança ao início do uso de uma estratégia de aprendizagem sugerida na sessão anterior: o monitoramento, ou seja, Mila posiciona-se agentivamente, observando sua própria performance para poder, então, perceber as lacunas em sua aprendizagem, e comenta:

Fragmento 71- Sessão 7

14	Mila	A constituição do eu é a parte mais difícil , você conseguir se
15		ver, você ser espectador de si mesmo, isso é muito difícil ,
16		porque tem todo um entorno que não deixa passar, e aí...
17	F	Mas a partir do momento que você começa a se monitorar,
18		você vê o que tá faltando,
19	Mila	E nessa, conseguir administrar as coisas

Mila introduz mais uma crença, na qual temos a APRECIÇÃO/composição “A constituição do eu é a parte mais difícil” (linha 14), ou seja, “ser espectador de si mesmo” (linha 15) significa ser capaz de monitorar suas ações e neste caso, a aprendizagem das LE. Sublinho, neste excerto, a escolha do verbo “administrar” (linha 19), representando ressignificação da AAULE a partir do processo reflexivo (co)construído durante as sessões exploratórias, pois no início dos encontros, Mila acreditava que encontraria uma solução para sua AAULE. Contudo, no decorrer do percurso reflexivo, Mila vem percebendo que não haverá uma “solução” e sim a administração da AAULE, que constitui um dos principais pilares desta pesquisa. Minha fala subsequente reitera a contribuição da Prática Exploratória em todo o trabalho que vem sendo realizado:

Fragmento72- Sessão 7

20	F	E é isso que a gente tá fazendo, qual o propósito do trabalho
21		inteiro? É desenvolver meios de lidar com, né? Porque cura, de
22		fato, ninguém no mundo conseguiu, é o lidar com, a partir do
23		momento que você consegue lidar com a situação, controlar a
24		situação, porque a ansiedade ela tá ligada à falta de controle,
25		quando você não consegue controlar a situação, aí...
26	Mila	Mas é uma coisa muito estranha , eu tinha vontade de ter uma
27		explicação, por que é que, por exemplo, num momento de
28		prova toda a minha ansiedade se esvai? Ruth disse pra mim:
29		Mila, os exercícios que você faz e manda para eu corrigir, se eu
30		não estivesse dentro da sala, eu diria que não é a mesma pessoa
31		que faz

Neste fragmento, enfatizo a relação entre a ansiedade e a falta de controle da situação e descarto a possibilidade da cura, priorizando o exercício de “lidar com a situação” (linha 23). Apesar do fato de considerar-se ansiosa, Mila não apresenta ansiedade em relação a provas, o que representa um *puzzle* para ela, ilustrado pela APRECIÇÃO/reação de alta GRADAÇÃO “muito estranha” (linha 26), levando-a ao desejo de “ter uma explicação” (linhas 26 e 27). Seu questionamento também me intriga como pesquisadora já que a ansiedade em testes é um dos componentes da AAULE. Ao refletir sobre esta contradição, acredito que Mila constantemente subestima o seu conhecimento das LE, julga saber sempre menos, contudo ao receber

o teste percebe que é capaz de realizar as questões com precisão. Um fato relevante a ser considerado é que Mila, mesmo sem “lembrar-se de nada” sobre a língua inglesa, foi aprovada no exame de língua inglesa para ingressar no mestrado.

Como mencionado em sessões anteriores, a preocupação com o conhecimento da estrutura da LE sobressalta no discurso da Mila:

Fragmento 73- Sessão 7

48	F	Mila, e o alemão?
49	Mila	O professor me disse: Mila, a estrutura do alemão você já
50		aprendeu, a gente vai desenvolver mais vocabulário e nós
51		vamos pegar pequenos textos e vamos pegar assim: jornal,
52		revista, e vamos começar a trabalhar nisso, porque no alemão,
53		eu entendo palavras isoladas quando eu vejo TV
54		e no francês, eu entendo, assim, noventa por cento , mas no
55		alemão, eu entendo palavras soltas. (...) É aquela tal história,
56		são exercícios que deveriam esgotar as possibilidades das
57		frases, como é que se escreve na ordem inversa, na voz
58		passiva, isso é aprender! Senão como é que você vai se
59		comunicar, se não sabe como? Você tá entendendo? A
60		minha dificuldade é essa.

Neste fagmento, no qual Mila reitera a necessidade do conhecimento da estrutura da LE, e apresenta a crença/JULGAMENTO de que para aprender é preciso realizar exercícios que esgotem as possibilidades de uso da língua, observamos novamente um paradoxo. Ao referir-se ao seu entendimento do francês, Mila utiliza-se da GRADAÇÃO/quantidade “noventa por cento”, contrastando com outro trecho anterior em que disse “eu não sei é nada” (Fragmento 66, sessão 6).

Em sua opinião, a comunicação depende do conhecimento dessa estrutura, e frustra-se com os exercícios propostos nos cursos de alemão e francês pois estes não cumprem tal tarefa. Mila defende que estrutura e gramática são fatores distintos:

Fragmento 74- Sessão 7

63	Mila	E uma coisa assim, o grande problema é o sem explicação,
64		você faz pela intuição, ele não sabe raciocinar a língua, porque
65		às vezes as pessoas dizem assim: “ah, eu preciso aprender

66	gramática”, não é aprender gramática, você precisa conhecer a
67	estrutura da língua, que é diferente , que é essa a dificuldade
68	que se tem, você não conhece a estrutura daquela língua,
69	porque o francês é muito mais rebuscado que o português, você
70	faz uma operação aritmética pra dizer um número, o noventa,
71	é quatro vezes vinte mais dez, isso você tem que automatizar,
72	agora, é aquela tal história, você mesmo que erre, você sabe o
73	que tá dizendo.

Mila concluiu o doutorado em filosofia do Direito, com ênfase no estudo de “essências”, e podemos perceber a influência desse estudo na diferenciação que estabelece entre gramática e estrutura:

Fragmento 75- Sessão7		
75	Mila	Porque na realidade é essa coisa que eu digo pra você, estudar
76		filosofia tem essa vantagem porque você aplica a filosofia em
77		tudo, um estudo de essência é fundamental pra todo e qualquer
78		conhecimento, se você conhece a essência, a estrutura, existe
79		uma lógica do pensar,
75	Lea	Tem um livro que eu li, em português, quando fiz um cursinho,
76		que ele dá um método assim bem legal , ele começa com o
77		artigo, com a definição pequena do que é um artigo, numeral,
78		adjetivo, substantivo e aí vem os exercícios, você sabe o que é
79		cada coisa. Lá no curso, a gente não tem a definição do que é,
80		só frases prontas
81	Mila	O grande problema é a função, eu acho que o que precisa fazer
82		é um estudo funcional da língua

Para Mila, a estrutura corresponde à essência da língua, ou seja, o que há de mais profundo, imutável na língua. Este excerto apresenta mais uma crença ilustrada pela APRECIACÃO/valor “um estudo de essência é fundamental pra todo e qualquer conhecimento” (linhas 77 e 78), e prossegue, iniciando com a GRADACÃO/foco “O grande problema é a função, eu acho que o que precisa fazer é um estudo funcional da língua” (linhas 81 e 82). Este comentário é relevante, na medida em que Mila alia estrutura à função, quando sugere a necessidade de “um estudo funcional da língua”, pois para ela, não adianta apresentar uma comunicação inacurada da LE.

Nesta sessão, as participantes escutaram a gravação do primeiro encontro (29/04), para comentarem trechos que julgassem necessário. Lea ouviu suas falas e

não expressou nenhum comentário. Já Mila comentou a parte em que relatou o esquecimento da língua inglesa:

Fragmento 76- Sessão 7

103	Mila	Não, tá dentro de mim mesma, tá em algum arquivo que, é uma
104		coisa que, é impressionante , parece que, eu tenho assim a exata
105		dimensão de que o bloqueio é meu, não existe método, não
106		existe professor, o problema é interno e as coisas que um dia
107		eu aprendi, devem estar situadas em algum canto, porque isso
108		não foi pra o espaço
109	F	Mas pode ter sido esquecido,
110	Mila	Pois é, mas que mecanismo é esse que leva a gente a esquecer?
111	F	Vários mecanismos: a falta do uso, a falta de relevância
112		daquilo,
113	Mila	A falta de relevância, e até o medo do insucesso

Mila apresenta a crença de que há um “arquivo” em sua memória (linha 103) onde o seu conhecimento de inglês está armazenado. Podemos perceber em seu discurso um entendimento, intensificado pela GRADAÇÃO/foco quando diz: “eu tenho a exata dimensão de que o bloqueio é meu (...)” (linhas 104 e 105), ou seja, não há atribuições externas a métodos ou professores. Este entendimento inaugura mais um *puzzle*: por que esse conhecimento foi esquecido? Como colega exploratória, contribuo sobre o seu *puzzle* mencionando questões que, em minha opinião, podem ter ocasionado tal esquecimento, como a falta de uso e de relevância daquele conhecimento. Mila adiciona à falta de relevância o “medo do insucesso” (AFETO/insegurança, linha 113), um dos componentes da AAULE. Ainda sobre o esquecimento, Mila prossegue:

Fragmento 77- Sessão 7

115	Mila	Éh... Mas é um esquecimento absoluto , você sabe lá o que é
116		não saber o verbo to be,
117	F	Eu não sei mais nada de Latim
118	Mila	Nada, nada, nada? Eu acho que eu tenho que aprender, do zero ,
119		e quando você tá num grupo, com gente mais nova, eles
120		aprendem mais do que você aí que a coisa fica pior

Mila avalia seu esquecimento utilizando-se da GRADAÇÃO “absoluto” (linha 115), e apresenta a crença de que precisa aprender “do zero” (GRADAÇÃO/quantidade, linha 118), que é seguida de outra crença: colegas mais jovens aprendem com mais rapidez, o que piora a sua situação (APRECIACÃO/reação). Contudo, devemos considerar o fato de que Mila foi aprovada no exame de língua inglesa para ingressar no mestrado, logo percebo uma certa discrepância entre suas crenças e o que de fato acontece.

7.8

Sessão 8: “O trabalhador de obra já teve um progresso, já está começando a se moldar...” (14/07/10)

Esta sessão foi realizada sem a presença da Lea, devido a questões familiares, e Mila chegou ao encontro demonstrando frustração com o seu desempenho nas provas realizadas em francês:

Fragmento 78- Sessão 8

02	Mila	Bem, a história foi o seguinte: a média foi 9.2 e eu fiquei bem
03		frustrada com a nota, porque na realidade você pensa bem: eu
04		já terminei o curso, agora eu tô refazendo,
05	F	Mas você tá vendo coisas que você não tinha visto
06	Mila	Tô, tô vendo coisas que não tinha visto, tô vendo sob uma
07		outra ótica, agora eu estou fazendo uma aplicação com o
08		estudo da da da gramática, é por isso que eu tô dizendo, no que
09		eu tô aprofundando eu acho que eu não estou conseguindo ter o
10		desempenho que eu gostaria de ter.

Neste fragmento, podemos observar mais um momento paradoxal por parte da Mila, pois apesar de obter uma nota alta (9,2), ela avalia o evento negativamente, através do AFETO/insatisfação de Média GRADAÇÃO/força “bem frustrada” (linhas 02 e 03). Percebemos através do seu discurso, que Mila construiu-se identitariamente como uma aprendiz que sempre obtém as melhores notas da turma. Porém, nas avaliações formais em LE, Mila não atinge sempre as notas máximas. Minha fala visa um novo ângulo de avaliação, como um instrumento formativo, entretanto, Mila

insiste no JULGAMENTO/ capacidade “eu não estou conseguindo” (linha 09), no qual percebemos mais uma crença: a de que gostaria de ter um desempenho máximo, visto que sua nota, mesmo que alta, não foi suficiente para satisfazê-la.

No decorrer desta fase da sessão, Mila refletiu sobre cada parte da prova que realizou, tecendo comentários sobre seus erros e acertos, e podemos observar uma mudança em seu léxico avaliativo:

Fragmento 79-Sessão 8

67	Mila	É aquela tal história, em verbo eu fiquei bem satisfeita, porque
68		por exemplo, os pronomes relativos eu empreguei com
69		correção
70		Agora, os tempos de verbo, eu até fiquei preocupada se eu
71		cometi algum erro, mas eu tive setenta por cento de certeza do
72		que eu tava fazendo, melhorou mil por cento, porque eu não
73		tinha essa certeza.

Na linha 67, Mila apresenta o AFETO/satisfação de média GRADAÇÃO “bem satisfeita”, e o fato de ter certeza do modo como utilizar os verbos foi avaliado por ela de modo positivo, pela APRECIACÃO/composição de alta GRADAÇÃO: “melhorou mil por cento”. A satisfação pela certeza do uso da estrutura da LE se insere no momento atual da Mila: o monitoramento. Um dos aspectos geradores de AAULE para Mila corresponde à incerteza gramatical, logo, no momento em que ela assume uma atitude mais autônoma em relação à sua aprendizagem, a AAULE pode vir a ser ressignificada, como percebemos no excerto a seguir:

Fragmento 80-Sessão 8

74	F	Que agora você tá se monitorando e vendo o que é o quê.
75	Mila	Onde estão as falhas e o que é que tá faltando, como usar o
76		conhecimento que me tá sendo dado, as informações, eu tô
77		prestando bem atenção naquela parte operativa que você me
78		falou que você me disse: Mila, agora você tá em fase de
79		aperfeiçoamento aproveita e vê o que é que você tá errando e
80		porque tá errando, uma coisa que eu ainda não tomei fôlego pra
81		pedir a Ruth foi outra informação que você me prestou, foi
82		pedir para ela me explicar o que está errado e porque.

No fragmento 80, Mila assume um posicionamento mais agentivo ao buscar a observação e o monitoramento das “falhas” (linha 75). Por outro lado, Mila apresenta a crença de que o conhecimento é “dado” a ela (linha 76). No entanto, Mila ainda não percebe a questão da (co)construção do conhecimento, e prende-se à estrutura da LE: “Eu preciso entender o mecanismo, porque se você não conhece o mecanismo não adianta”. (linhas 90 e 91). Em seu comentário, Mila apresenta a crença de que o conhecimento da estrutura da LE representa o mais importante passo para aprendê-la.

No decorrer da sessão, Mila comenta que está em fase de conclusão de sua tese e compartilha sua exaustão:

Fragmento 81-Sessão 8

135	Mila	Pois é, mas eu não tenho condição de fazer as coisas durante o
136		dia durante o dia, eu sou solicitada o dia inteiro, tenho mil
137		coisas pra fazer, então, eu tenho que fazer à noite, então, eu
138		durmo de oito horas da noite, até à uma da manhã, aí levanto
139		uma hora da manhã e vou pro computador até às cinco, e
140		durmo de cinco às seis e saio.

O excerto 81 retrata a sua rotina, com noites de sono fragmentadas e muito trabalho. Apesar de estar aposentada, Mila mantém um ritmo de vida semelhante ao que vivia quando atuava como magistrada. Na sequência a seguir, Mila avalia positivamente as sessões exploratórias. Para tornar a leitura mais amigável, vou apresentá-la em partes:

Fragmento 82a -Sessão 8

141	F	Mas isso não faz bem
142	Mila	Eu achei que algumas coisas que a gente conversando aqui,
143		inclusive eu comentei isso com a terapeuta, tem sido assim,
144		extremamente proveitoso a maneira como você tá conduzindo
145		a coisa, porque algumas coisas tão ficando bem claras, como é
146		que pode trabalhar com isso, como é que pode fazer com isso,
147		porque o mais importante, é esse feedback, é você saber
148		exatamente, porque eu acho que eu te dei uma resposta que
149		nem eu havia atentado pra ela, por exemplo, o que é que você
150		acha fundamental num estudo de língua, eu acho que foi uma
151		coisa proveitosa pra você, mas foi muito mais pra mim
152	F	Mas esse é o propósito do trabalho

Mila avalia o processo reflexivo através da APRECIÇÃO/valor de alta GRADUÇÃO “extremamente proveitoso” (linha 144), pois proporcionou mais clareza acerca do que significa aprender uma LE, mesmo que ainda apresentando a crença de que existe exatidão no processo de aprendizagem, como observamos na GRADUÇÃO “exatamente” (linha 148). Há algumas sessões, perguntei a ela o que entendia por “dominar” uma LE, o que considerava fundamental para a aprendizagem da LE, e neste ponto da sessão (linhas 149 a 152), observamos um dos princípios da PE: a importância do desenvolvimento mútuo. Quando Mila diz: “eu acho que foi uma coisa proveitosa pra você, mas foi muito mais pra mim.” Neste comentário, temos a APRECIÇÃO/valor “proveitosa” e a alta GRADUÇÃO/força “muito mais”, denotando que tanto ela quanto eu nos beneficiamos deste processo reflexivo, corroborado pelo minha fala, na linha 152. No fragmento 82-b, Mila prossegue:

Fragmento 82b- Sessão 8

153	Mila	Pois é, porque o que que acontece? Eu passei e aquilo eu passei
154		espontaneamente , você fez uma pergunta, me pegou de
155		surpresa , e eu não tinha aquela resposta preparada, parei, fui
156		buscar aquilo e te devolvi, eu acho que realmente, é a única
157		coisa que você tem é a estrutura, aí eu acho que isso é uma
158		coisa que pra você que vai fazer um plano de estudo, é
159		fundamental pra que você perceba que com essa linha você
160		consegue desatar o nó, porque eu acho que é assim, foi uma
161		sacação dessas coisas que você foi me falando ao longo do
162		tempo, porque eu acho que você prestar atenção no que o outro
163		diz é fundamental
164	F	É, com certeza

Percebemos, neste fragmento, que Mila refletiu sobre a aprendizagem da LE, quando diz: “parei, fui buscar aquilo e te devolvi” (linhas 155 e 156). Observemos os verbos: parar, buscar, devolver e desatar separadamente. ‘Parar’ nos remete a uma interrupção de atividade, ou seja, Mila interrompeu os seus afazeres para pensar sobre o tema proposto. ‘Buscar’ traz à cena o pensamento positivista da Mila, como se o que procura existisse em um mundo exterior a ela. ‘Devolver’ dá uma ideia de retorno, como se essa resposta pertencesse a mim, e ‘desatar’ refere-se ao nó que pode ser desatado, algo complicado que pode ser resolvido. Essa noção se opõe à

noção de ‘complexidade’, que sugere a coexistência de situações sem ‘solução’. Ao refletir, Mila chega à conclusão de que, para ela, a estrutura constitui o elemento fundamental da sua aprendizagem, intensificado pela GRADAÇÃO/foco “a única” (linha 156). A estrutura aparece para ela como a chave-mestra de sua aprendizagem, como percebemos na escolha da metáfora: “desatar o nó” (linha 160). Nesta metáfora, há a crença de que existe um nó a ser desatado para se aprender a LE que reside especificamente no conhecimento de sua estrutura.

Num terceiro momento, Mila descreve algumas estratégias de aprendizagem que agora fazem parte de sua vida:

Fragmento 82c- Sessão 8

165	Mila	É, porque você me deu orientações precisas , aqui, por
166		exemplo, a conexão da fala com o que você vê, eu fazia o
167		contrário disso, eu fechava os olhos pra tentar ouvir, fugia ao
168		meu objetivo, outra coisa que você me falou: contextualiza, e
169		aí o que que eu fiz, comecei a usar o vocabulário que estava
170		recebendo e criar uma história com uma maior significação pra
171		mim
172	F	Tem que ser significativo
173	Mila	E eu signifiquei ! Que uma coisa é o outro significar, outra
174		coisa é você significar, aí eu me lembrei de uma experiência
175		que eu tive quando a gente fez o livro das crianças, e a gente
176		obteve um bom resultado
177	F	Isso já era falado por Paulo Freire, as palavras não podem vir
178		do livro, tem que vir da vida das pessoas
179	Mila	E aí é aquela tal história, como é que você vai fazer isso? Você
180		vai criando um meio de facilitação
181	F	Exatamente

No fragmento 82-c, Mila retoma a questão do uso da imagem, algo que não costumava utilizar em seus estudos, assim como a contextualização do vocabulário ao invés das listas desconexas que costumava organizar. Este excerto contém um dos principais momentos desta sessão, quando Mila explicita o AFETO/satisfação: “E eu signifiquei! Que uma coisa é o outro significar, outra coisa é você significar,(...)” (linhas 173 e 174). Neste momento, Mila apresenta mais um entendimento: a significação deve partir de dentro dela, tem de ser pessoal para realmente ter validade. Dando seguimento à reflexão, Mila apresenta um *puzzle*: “como é que você vai fazer

isso?” (linha 179) e sugere: “vai criando um meio de facilitação” (linhas 179 e 180). A sua imediata resposta ao *puzzle* segue a linha da ressignificação proposta pela pesquisa, como percebemos pelas escolhas lexicais “criando” e “facilitação”. A primeira demonstra certa reconstrução atitudinal por parte da participante, já que a locução verbal “vai criando” denota o desenvolvimento contínuo de algo inédito, e em diversos momentos durante sessões anteriores, Mila posicionava-se como se tivesse de encontrar ‘soluções’ pré-existentes para suas questões. A segunda escolha lexical nos traz uma ideia de estratégias para lidar com a AAULE, principalmente estar associada à palavra “meio”.

Dando seguimento à sua fala, Mila avalia as sessões exploratórias, tecendo uma analogia entre as etapas de um método e o processo reflexivo:

Fragmento 82d- Sessão 8

182	Mila	Porque você vai internalizando aquilo, e isso ajuda ao velho,
183		que ele cria situações pretéritas, que você pode buscar na
184		própria memória, então aquilo é a desenvoltura de um método,
185		que você na realidade fez conosco, talvez sem perceber foi
186		criar um método porque você veja, quantos focos você nos
187		apontou! Quanta coisa você nos ajudou , primeiro, numa
188		compreensão, segundo, numa memorização, terceiro, numa
189		fixação, num uso desse material e aí é aquela tal história, na
190		realidade, é uma avaliação, passou por todas as fases do
191		método, você foi nos dando paulatinamente os instrumentos
192		pra trabalhar com aquilo, e é uma coisa que tá sendo feita com
193		o nosso próprio monitoramento,
194	F	É, são as estratégias

No fragmento destacado, Mila menciona momentos em que as sessões exploratórias foram produtivas no sentido de colaborar para o desenvolvimento de entendimentos sobre o processo de aprendizagem das LE. Este excerto também explicita a agentividade por parte da Mila quando, através da GRADAÇÃO/foco “o nosso próprio”, ela posiciona-se como responsável pelo monitoramento da sua aprendizagem. Na sequência a seguir, observamos de que modo a (co)construção do discurso contribui para e constitui o processo de ressignificação da AAULE:

Fragmento 82e- Sessão 8

195	Mila	Às vezes, a compreensão humana é uma coisa muito difícil , eu
196		vejo a coisa de uma maneira e percebo que a Lea vê de outra,
197	F	Cada um vai se moldar ao próprio modo, e fazer daquilo
198		significativo pra ele
199	Mila	Mas é isso que eu acho interessante , nós temos vivências
200		diferentes expectativas diferentes
201	F	O caminho da significação é a única saída, não existe nada que
202		seja uma fórmula, e a significação é individual , cada um vai
203	Mila	Encontrar o seu, ter a liberdade de encontrar o seu caminho
204	F	Encontrar o caminho, o próprio caminho, e o que que mais
205		agrada, mais encaixa, dali, ver o que que acontece, e o mais
206		importante de tudo, tudo tudo, é o prazer e a alegria de estar
207		ali, é o propósito primeiro do trabalho, pensar, refletir
208	Mila	De fazer com que aquele peso se transforme em alguma coisa...
209	F	favorável , alguma coisa que seja agradável , que tire esse fardo
210	Mila	É, é,

Mila inicia a sua fala e percebemos pela APRECIAÇÃO/reação de alta GRADAÇÃO/ força “muito difícil” sua constatação de que as pessoas percebem os acontecimentos de modo diferente. Contudo, Mila altera a polaridade avaliativa quando faz uso da APRECIAÇÃO/reação “interessante” ao perceber a importância de vivências e expectativas diferentes (linhas 199 e 200). Minha fala enfatiza a relevância da significação individual, observada na GRADAÇÃO/foco “a única” (linha 201), e Mila complementa esta fala, desenvolvendo um entendimento no qual destaco a escolha lexical “liberdade” (linha 203). O comentário (...) ter a liberdade de encontrar o seu caminho” já apresenta sinais de ressignificação da AAULE por Mila, pois navega no sentido oposto à submissão ao “pacote fechado” (sessão 1). Entretanto, traz à cena a crença de que existe um caminho, devido ao uso do verbo “encontrar” (linha 203).

Minha colaboração ressalta a personalização deste “caminho”, através da GRADAÇÃO/foco “o próprio” (linha 204), das escolhas “agrada”, “encaixa” (linha 205), assim como o léxico de polaridade positiva “prazer e a alegria” (linha 206). Novamente, temos a complementação da fala por Mila, quando me refiro ao propósito deste trabalho. Em sua colaboração, ela refere-se indiretamente à AAULE

como “aquele peso” (linha 208) no sentido de buscar uma transformação deste sentimento em algo favorável à aprendizagem das LE.

Os fragmentos a seguir correspondem à segunda parte desta sessão, na qual Mila refletiu sobre algumas crenças destacadas por mim em sessões anteriores. Retomei a primeira sessão (29/04), quando Mila disse:

Fragmento 83- Sessão 8

213	F	São apenas algumas crenças que foram surgindo, então, no dia
214		vinte e nove de abril, você disse: me comunico em francês, saio
215		daqui, vou pra França, falo mal , sei que muito mal , as pessoas
216		insistem em falar que eu não falo mal francês.” O que que você
217		hoje, em julho, o que você ainda acha?
218	Mila	Eu acho que essa crença em parte, eu tive confirmada pela
219		prova oral,
220	P	De que você fala muito mal?
221	Mila	Não, muito mal, éh.. vamos aliviar o muito mal, falo mal
222		francês, é aquele francês do cais do porto ,
223	F	Será que o “mal falante” tiraria nove? Pensa friamente
224	Mila	Eu acho que o aluno, um mal falante num terceiro nível, eu já
225		terminei um curso,
226	F	Mas você terminou, vamos dizer a verdade, o XXX
227	Mila	É, é, uma bomba ! Uma bomba relógio ! [risos]
228	F	Finge que você tá começando agora!

No fragmento 83, trago à discussão a crença da Mila de que fala francês mal, muito mal, como percebemos no JULGAMENTO/capacidade, intensificado pela alta GRADAÇÃO/ força. A princípio, Mila mantém esta crença pois não ficou satisfeita com sua nota (acima de 9,0) na prova oral, entretanto, percebemos um recuo, pelo uso do verbo/JULGAMENTO “aliviar” (linha 221), retirando o advérbio de intensidade “muito” (linha 221). Contudo, Mila mantém o JULGAMENTO/capacidade “francês do cais do porto”, principalmente por acreditar que desenvolveu a fala de maneira errônea na escola de francês anterior, cuja reputação no meio acadêmico não é das melhores, como observamos na APRECIÇÃO/valor “bomba” (linha 227). Mila também mantém a crença de que para obter um desempenho melhor em francês, precisa desconstruir a aprendizagem anterior:

Fragmento 84- Sessão 8

229	Mila	É, exatamente isso, eu acho que essa é uma dificuldade, eu ter
230		feito esse caminho mal feito , porque agora eu tenho dois
231		trabalhos, de se desconstruir pra construir
232	F	mas será que precisa construir ou readaptar?
233	Mila	Tem que desmanchar aquilo que tá errado, e isso é um trabalho
234		insano,
235	F	Você aprendeu coisas erradas?
236	Mila	Aprendi, aprendi errado , eu aprendi assim, eu tive, eu aprendi a
237		descuidar de uma estrutura, quando isso é fundamental numa
238		língua, eu aprendi que você pode falar errado , você tem que
239		falar, fale errado , isso a gente ouvia todos os dias, fale errado ,
240		mas fale repita isso que está se dizendo, mesmo que não tenha
241		uma aplicação correta, você não precisa querer saber o que tá
242		perguntando
243	F	Mas a gente às vezes diz coisas por regras de polidez, a gente
244		não quer saber
245	Mila	Então, isso aí tá sendo podado aos poucos, não dei sorte com
246		os primeiros dois períodos do curso

No fragmento 84, Mila enfatiza a crença da aprendizagem incorreta, como observamos nas APRECIÇÕES/composição “mal feito” (linha 230), “errado” (linhas 236, 238 e 239), reforçadas pela GRADAÇÃO/ foco “exatamente” (linha 229). A APRECIÇÃO/valor “fundamental” (linha 237) confirma a sua crença sobre a importância da estrutura da língua. Mila percebe que a instituição de ensino anterior não priorizava a estrutura e sim uma comunicação descuidada das regras gramaticais.

Outro ponto destacado por mim para refletirmos foi a crença apresentada por Mila na sessão 1 de que a sua lida com o francês seria a mesma de um “trabalhador de obra” (sessão 1):

Fragmento 85- Sessão 8

247	F	Você ainda acha que a sua lida com o francês é a lida de um
248		trabalhador de obra?
249	Mila	Ainda é um trabalhador de obra, com um pequeno
250		aperfeiçoamento é aquela tal história, eu hoje, eu sou um
251		trabalhador de obra que está no fim da primeira série primária,
252		já o trabalhador de obra teve um progresso, já está começando
253		a se moldar
254	F	Um trabalhador de obra sofisticado , que tá pensando em
255		monitoramento, né, o cara lá na obra não tá pensando nisso

256	Mila	É, é aquela tal história, mas sé assim, eu já sou aquele
257		trabalhador que quer saber o que que ele traz na marmita, a
258		marmita dele não pode tá com a comida toda misturada , a coisa
259		tem que tá departamentalizada , eu acho que é assim: eu tive a
260		grande sorte de encontrar você e Ruth simultaneamente
261	F	Ah, que bom!

O fragmento 85 mostra que Mila já se vê em um momento de progresso na aprendizagem das LE. Na linha 249, ela mantém a crença/JULGAMENTO, como percebemos pelo uso do advérbio “ainda”, porém, a baixa GRADAÇÃO/força “pequeno” nos apresenta uma certa resignificação, confirmada pela parte em que diz:” (...) o trabalhador de obra teve um progresso, já está começando a se moldar” (linhas 252 e 253). Neste comentário, o uso da locução verbal “está começando” indica movimentação de forma discursiva. Sublinho a importância deste indício, já que um dos principais objetivos deste estudo é contribuir para a movimentação de atitudes em relação a aprender LE e observar suas manifestações no discurso.

Em minha fala, insisto no uso do léxico positivo, como na APRECIÇÃO/composição “sofisticado” (linha 254), ligada à ideia da atual fase de monitoramento em que Mila se encontra, o que contribui para que Mila reduza a ‘crueldade’ de sua auto-avaliação. Entre as linhas 256 e 260, Mila utiliza-se da metáfora da marmita para retratar o seu momento atual. Neste trecho, destaco o advérbio “já” (linha 256), que indica movimento de posicionamento. Mila agora se vê como uma aprendiz que já consegue perceber o que precisa, posiciona-se de modo mais agentivo, quando diz:” (...) quer saber o que que ele traz na marmita” (linha 257). Mila agora conhece melhor suas preferências de aprendizagem e como prioriza o conhecimento da estrutura da LE, não admite mais receber ‘qualquer pacote’, como observamos no trecho” (...) não pode estar com a comida toda misturada” (APRECIÇÃO/composição, linha 258). Conhecer suas preferências lhe confere certo poder e controle sobre a situação de aprendizagem das LE, fato que pode vir a contribuir para uma lida melhor com a AAULE. No fragmento a seguir, Mila apresenta sua avaliação em relação às sessões exploratórias:

Fragmento 86- Sessão 8

272	Mila	Porque você veja, você está obtendo as respostas que estava
273		esperando, e a gente tá obtendo respostas que nem imaginava
274	F	É, porque o propósito da pesquisa é , eu não busco uma
275		solução, porque a humanidade não conseguiu ainda, mas eu
276		busco dar um passo, então é ver o que que vai acontecer após a
277		reflexão sobre as crenças, né, como que vocês vão se sentir.
278	Mila	Eu acho que, sem medo de afirmar, você pode fazê-lo, com
279		consciência, de que os passos que você tá dando, este método
280		que você está criando, eu insisto na palavra método, dá
281		resultados. Primeiro, porque você dá ao sujeito a liberdade de
282		ser, e isso é fundamental, você não limita o outro, então, você
283		dar a ele ferramentas de trabalho é tudo, tudo o que o professor
284		pode fazer é dar ao aluno ferramenta de trabalho, e tentar
285		monitorar aquilo de alguma maneira, auxiliar no uso daquilo,
286		entendeu? Mas é uma coisa assim: é o investir em tornar
287		prazeroso, isso de ambas as partes,
288	F	Tem que ser, porque se não tiver qualidade de vida, acabou!

No fragmento 86, Mila explicita a crença de que um trabalho científico deve fornecer respostas, e acredita que eu estivesse esperando tais respostas. Entretanto, com o uso da expressão “a gente” (linha 273), Mila posiciona-se como membro da pesquisa. Em meu comentário, volto a sublinhar os propósitos da pesquisa de desvínculo com a questão “solução”. Mila insiste na analogia entre o percurso reflexivo e o desenvolvimento de um método, quando diz: “ eu insisto na palavra método” (linha 280). Em sua avaliação, observamos a Apreciação/valor “fundamental” (linha 282) quando se refere à “liberdade de ser” (linha 281), novamente em movimento agentivo contra o ‘pacote fechado’.

Sobre o papel do professor, Mila apresenta a crença de que o professor deve dar ao aluno “ferramenta de trabalho” (linha 284). Percebemos nesta crença uma visão de professor como um facilitador quando diz “auxiliar no uso daquilo” (linha 285). Mila também se aproxima do princípio da PE sobre a qualidade de vida, como observamos no uso do AFETO/satisfação “prazeroso” (linha 287). Esta qualidade de vida deve ser construída tanto pelos alunos quanto pelos professores: “isso de ambas as partes”. Mila prossegue:

Fragmento 87- Sessão 8

307	Mila	E eu digo a você, que de tudo, de toda a nossa estada aqui com
308		você , o que mais me impressionou foram essas, esses enfoques
309		nos pontos primordiais de um aprendizagem, porque eu acho
310		que você chegou no âmago do que é aprender, e isso não é em
311		língua é em qualquer coisa, e isso eu acho que serve pra
312		qualquer coisa. Porque as pessoas precisam aprender a lidar
313		com as dificuldades que vem, eu acho que você fez um
314		trabalho maior do que aprendizagem de língua, eu não tô
315		querendo trazer bala pra professora, não, eu tô dizendo o que
316		realmente eu acho que pelo menos pra mim, foi extremamente
317		proveitoso e eu achei muito interessante , mas vamos lá nos
318		outros pontos

No fragmento 87 Mila compartilha mais um entendimento: “ Porque as pessoas precisam aprender a lidar com as dificuldades que vêm, (...)” (linhas 312 e 313), no qual sublinho os verbos “aprender” e “lidar”. O primeiro sugere um desenvolvimento, um aprendizagem, algo bem diferente de momentos anteriores em que Mila utilizava-se do verbo ‘encontrar’, por exemplo. O segundo também insinua ressignificação como consequência do processo reflexivo, pois Mila passou de uma postura anterior que buscava ‘encontrar uma solução’ para o atual movimento em direção a ‘aprender a lidar’. Destaco as APRECIACÕES “primordiais” (linha 309), “proveitoso” (linha 317) e “interessante” (linha 317), intensificadas pelas GRADAÇÕES “mais” (linha 308), “extremamente” (linha 316) e “muito” (linha 317).

Voltando à reflexão sobre as crenças, perguntei à Mila como ela hoje vê a questão do bloqueio que acredita ter para aprender LE:

Fragmento 88- Sessão 8

319	Mila	Eu começo a ver que é possível , eu acho, eu começo a entender
320		possível , e esse foco eu acho que eu comecei a entender
321		quando eu descobri a partir de que eu poderia aprender, que
322		foram as estruturas.

Percebemos em sua fala um movimento de ressignificação do bloqueio através do uso do verbo ‘começar’ e da APRECIACÃO/reação “possível” (linha 319). Um

outro ponto crucial é o uso da expressão “entender possível” (linhas 319 e 320), pois todo o processo reflexivo (co)construído durante as sessões exploratórias baseia-se na busca pelo entendimento de questões relacionadas à aprendizagem de LE. Para Mila, esse entendimento se deu a partir do conhecimento da estrutura da LE. Em um momento durante a sessão 1, Mila constrói a crença de que seu conhecimento de língua inglesa, aparentemente esquecido, estaria localizado em um depósito na sua mente. Na retomada desta crença, Mila volta à questão das estruturas:

Fragmento 89- Sessão 8

351	Mila	Sim, onde está aquilo? Porque na verdade o que existe é aquela
352		tal história, na minha cabeça é como se você tivesse uma fita
353		de impressão, igual à memória do computador, você tem os
354		registros mesmo que aquele winchester esteja inutilizado,
355		alguém tem condição de fazer essa leitura, existem métodos,
356		existem maneiras de remontar aquilo, e a sensação que eu
357		tenho é a seguinte: se eu descobrir hoje, focar na estrutura, não
358		sei se é exatamente isso, mas o que eu faço hoje é: se eu
359		descobrir como, qual é o mecanismo de leitura do inglês, eu
360		acho que eu reavejo tudo aquilo

Mila não acredita que o conhecimento de língua inglesa tenha desaparecido da sua memória totalmente. Percebemos no fragmento 89 mais uma crença: sua memória é como a de um computador”, logo, acredita que há meios para recuperar aquele conhecimento. O foco na estrutura aparece para Mila como um meio de acesso à língua inglesa, e com o decorrer das aulas particulares de inglês comigo, Mila vem se surpreendendo a cada dia com o conteúdo do qual se lembra.

Ao refletir sobre o foco na estrutura das LE, Mila avalia o alemão e apresenta mais uma crença sobre o ato de aprender:

Fragmento 90- Sessão 8

363	Mila	Mas eu acho que o alemão é mais fácil do que o inglês, a
364		estrutura do alemão é muito quadrada, e o negócio é o
365		seguinte: aprender é mecanizar, precisa de mais um pouquinho
366		de tempo pra mecanizar
366	F	Aquelas palavras desse tamanho?
361	Mila	Imensas, mas são palavras que foram juntadas por pedacinhos,
362		então, no alemão se você sabe cinquenta palavras, você sabe

363		duzentas, você vai juntando, então você pega uma palavra nova
364		e ela vai trazendo quatrocentas outras,
365	F	Ah...

Percebemos sua avaliação do alemão através das APRECIACÕES/composição “fácil” (linha 363) e “quadrada” (linha 364), acrescida da alta GRADAÇÃO “muito” e “imensas” (linha 361). Neste excerto, Mila explicita a crença de que “aprender é mecanizar”, daí a grande importância conferida à estrutura, pois acredita que se conhecer o modo através do qual a LE se organiza, será capaz de produzir uma performance mais automatizada. Quando compara o inglês e o alemão, Mila argumenta que nós recebemos, involuntariamente, mais insumo na língua inglesa:

Fragmento 91- Sessão 8

377	Mila	menor, então eu acho que uma coisa é fundamental : é que você
378		começa do zero , você não tem nenhum falso cognato, nenhum
379		cognato, e você não tem corruptela de expressão, porque por
380		exemplo, você passa por um hot dog, você tem um mundo de
381		palavras no dia condicionadas, mal empregadas
382	F	Mas isso até pra o aprendiz de inglês facilita um pouco até
383		porque em termos de input, o que entra pelos ouvidos, você
384		tem o rádio, querendo ou não, você tá ouvindo, então por
385		exemplo, então as pessoas já têm uma certa noção, então o
386		inglês nunca começa do zero
387	Mila	Mas eu acho que de repente pro aprendizagem, você não
388		encontra nada em alemão, ninguém fala alemão, os sons são
389		completamente diferentes , você não tem referência, e se você
390		não tem referência, ou você aprende ou não aprende, eu acho
391		que fica assim quase como a sua língua materna, se você não
392		tem nenhuma referência o que você aprendeu você aprendeu
393		ali, eu acho que isso é um ponto positivo , porque o tal do falso
394		cognato é mortal , porque você começa a elocubrar, eu, por
395		exemplo, eu nunca vou inventar uma palavra em alemão, mas
396		em francês eu invento.

No fragmento 91, Mila defende a crença de que o fato de não ter referências na LE que está aprendendo facilita seu desenvolvimento, como percebemos nas APRECIACÕES/valor “fundamental” (linha 377) e “positivo” (linha 393). Por outro lado, os cognatos presentes na língua inglesa são avaliados através da APRECIACÃO/valor “mortal” (linha 394). Entre as linhas 391 e 393, Mila

demonstra a crença de que tal aprendizagem sem referências, como observamos no uso da GRADAÇÃO/força “do zero”, compara-se à aquisição da língua materna e no final de sua fala, observamos mais uma crença: as referências induzem o falante ao erro, através da ‘invenção’ de palavras.

Mila mantém a crença de que não fala francês bem, e com isso, verbaliza mais uma crença: a de que o aluno que faz muitas perguntas não é bem visto pelo professor:

Fragmento 92- Sessão 8		
411	Mila	Eu não sei, eu acho que uma coisa é o que eu tô aprendendo
412		com, eu acho que eu tô dando um trabalho absurdo à Ruth,
413		porque ela sabe que eu me cobro, e consequentemente eu cobro
414		dela, porque eu pergunto por que isso, por que aquilo,
415	F	Mas isso se chama aprender,
416	Mila	Mas que torna o aluno um enjoado , sabe, lá vem o infeliz
417	F	mas pro professor que gosta do que faz, é o aluno prazeroso
418		eu, particularmente, eu adoro quando tem dúvidas, porque aí
419		a gente trabalha,
420	Mila	É, porque o sujeito tá ali, se não for pra aprender, não faz,

Em sua organização lexical, percebemos que Mila acredita que os alunos que são questionadores, ativos ‘dão trabalho’ ao professor, como observamos na GRADAÇÃO/força “trabalho absurdo” (linha 412), e são avaliados negativamente, como no JULGAMENTO “um enjoado” (linha 416) e na APRECIACÃO “o infeliz” (linha 416). Minha fala busca renegociar essa crença, propondo que a visão do professor em relação a esse aluno pode ser positiva, como no JULGAMENTO “prazeroso” (linha 417), enfatizado pelo AFETO “eu adoro” (linha 418).

No fragmento 93, volto a enfatizar que o processo reflexivo constitui o foco principal da minha pesquisa cujos objetivos não incluem a busca por soluções para a AAULE, como observamos na GRADAÇÃO/foco “o importante” (linha 441). Mila complementa minha fala e apresenta um entendimento em relação as questões referentes às LE que a incomodam, observado pela escolha do verbo “administrar” (linha 443):

Fragmento 93- Sessão 8

441	F	O importante é chegar a um estágio de reflexão que você consiga
442		
443	Mila	Administrar os seus problemas, e esse é o processo de análise e
444		esse é o processo de cura
445	F	Porque essa linha de trabalho nossa que é a Prática
446		Exploratória, exatamente busca o entendimento dos porquês,
447		o nosso propósito não é a solução da coisa, é o entendimento
448		da razão pela qual aquilo acontece,
449	Mila	Cada um vai fazer o que deve e o que pode, vai usar os seus
450		limites pra fazer aquilo
451	F	Todo mundo tem as suas diferenças
452	Mila	Você vai aprender o que você tem capacidade pra aprender,
453		agora, você não é obrigado a ser taxado de burro porque você
454		não aprendeu o que o outro aprendeu
455	F	Claro
456	Mila	Porque você pode aprender muito bem uma coisa e não
457		aprender outra
458	F	Exatamente, vai aprender, mas pode levar um pouco mais de
459		tempo, de esforço, aí você tem que pensar durante, que tipo de
460		esforço, que tipo de caminho
461	Mila	Como é que eu vou tornar aquilo menos difícil pra mim

Podemos observar no decorrer do fragmento que Mila já consegue perceber que as pessoas aprendem em ritmos e proporções diferentes, quando diz:” (...) você não é obrigado a ser taxado de burro porque você não aprendeu o que o outro aprendeu. Pela primeira vez, Mila organiza seu discurso em oposição à cobrança, quando diz:” (...)você pode aprender muito bem uma coisa e não aprender outra.” (linhas 456 e 457). Esse entendimento das particularidades humanas pode contribuir para a resignificação da AAULE na medida em que Mila passa a ser menos cruel consigo mesma quando não apresenta a performance desejada na LE. O fragmento é concluído com um *puzzle*: “como é que eu vou tornar aquilo menos difícil pra mim” (linha 461). Neste *puzzle* destaco o uso do discurso em primeira pessoa, demonstrando agentividade por parte da Mila, pois ela já não está mais esperando que algo externo venha a ajudá-la a encontrar soluções para as suas questões. A GRADAÇÃO/força “menos difícil” (linha 461) também tende à resignificação, se considerarmos que no início do processo reflexivo Mila acreditava que deveria deter um conhecimento absoluto da LE.

Durante a segunda sessão, em seis de maio, Mila teceu comentários sobre seus sentimentos em relação a aprender LE e comparou-se a um ‘asno de botas’. Considerei relevante voltarmos a esse comentário:

Fragmento 94- Sessão 8

471	F	Em maio, a Lea falou alguma coisa de se sentir mal, aí você
472		falou “me sinto mal também, sinto uma irritação profunda , me
473		sinto um asno de botas ”
474	Mila	É, [risos], mas é verdade, é uma coisa assim dá uma sensação
475		disso ser muíto maior do que você, porque é aquela tal história,
476		você imagina um burrico, que já é burro de natureza e ainda
477		calçado, ele não dá um passo! Você estaciona, sabe assim
478		quando você, é a expressão de uma barreira , você tá diante de
479		um muro de concreto armado , a sensação que o aluno tem
480		diante dessa frustração do aprendizagem na língua, é a
481		sensação do burro de botas, porque o burro sem botas não
482		anda, que dirá com botas! Agora você imagina isso na cabeça
483		de um pobre mortal
484	F	E o pior é isso, durante a aula, a pessoa ocupar o espaço da
485		mente
486	Mila	Com essa desprogramação
487	F	Com essa sensação, então aquilo não deixa, ocupa o lugar do
488		aprendizagem
489	Mila	Não entra, não entra, não porque é assim a primeira frustração
490		da aula, eu já não digo a que você venha carregando ao longo
491		do caminho, não, a primeira frustração da aula inibe o
492		aprendizagem

O fragmento em análise é povoado por palavras com carga emocional de cunho valorativo, como “mal”, “irritação profunda” (AFETO/infelicidade, linha 471), (GRADAÇÃO/força), “asno de botas” (JULGAMENTO/capacidade, linha 473), “barreira” (AFETO/insegurança, linha 478) e “muro de concreto armado” (AFETO/insegurança, linha 479). Para Mila, a imagem do asno está ligada à ideia de paralisia, como percebemos na escolha das palavras destacadas anteriormente e das formas verbais “estaciona” (linha 477) e “não anda” (linha 481). Deste modo, não há a impressão de controle da situação, quando diz: “dá uma sensação disso ser muito maior do que você” (linhas 474 e 475), e esse descontrole do processo pode gerar a AAULE. Para ela, o primeiro momento de frustração durante a aula de LE

desencadeia toda a rede de reações ligadas à AAULE, tais como a redução de compreensão do input, o evitamento e a angústia.

No final da sessão, destaquei um momento do encontro de seis de maio em que Mila volta a mencionar a questão da barreira:

Fragmento 95- Sessão 8

538	(F)	comentou aqui, na semana de seis de maio: “eu acho que dei
539		uma melhoria considerável , no momento que tomei
540		consciência de que não sou só eu que me sinto assim”
541	Mila	É, liberou um pouco
542	F	“Então eu comecei a pensar, e dar uma invertida, (...) eu acho
543		que comecei a ter uma certa noção através do outro” Se você tá
544		no problema, você não consegue ter uma visão
545	Mila	Mais objetiva , mais focada
546	F	Então, foi aqui que você começou a pensar um pouco nas
547		coisas
548	Mila	Foi, foi aqui que eu comecei a ver uma forma de superar essa
549		barreira.

No momento em que Mila, através das sessões exploratórias, compartilhou seus sentimentos e angústias em relação a aprender e usar LE com outra participante que também se sente frustrada em alguns aspectos, Mila desenvolveu alguns entendimentos. Quando diz “Então eu comecei a pensar (...)” (linha 542) e “ (...) comecei a ter uma certa noção (...)” (linha 543), a repetição do verbo começar nos remete a uma ideia de ressignificação de atitude, complementada pela sua fala final: “Foi, foi aqui que eu comecei a ver uma forma de superar essa barreira.” (linhas 548 e 549). Através das APRECIACÕES/composição “objetiva” e “focada” (linha 545), Mila começa a traçar um plano de trabalho para sua aprendizagem e lida com as LE, tendo a percepção de que os meios de administração de sentimentos e atitudes devem ser desenvolvidos por ela mesma.

7.9

Sessão 9 – Tempo, tempo, tempo... (05/08/10)

A sessão nove aconteceu após o recesso de julho, quando ambas as participantes retornaram às suas atividades rotineiras. Neste encontro, sugeri que elas pensassem

sobre seus sentimentos em relação a aprender LE e os representassem através de desenhos. Mila e Lea teceram comentários sobre os suas representações:



Figura 6: representação dos sentimentos da Mila

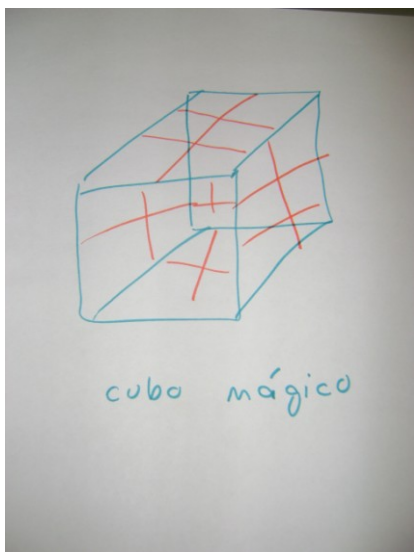


Figura 7: representação dos sentimentos da Lea

Fragmento 96- Sessão 9

14	Mila	[risos] uma carinha bem angustiada,
15	Lea	Sabe aquele jogo do cubo, que você tem que encaixar as cores,
17		é mais ou menos isso
18	F	Ah, então explica
19	Mila	É, eu gostei da ideia do cubo...

20	F	Aquilo, eu nunca consegui fazer
21	Lea	Então, a gente tenta e não consegue
22	[risos de todas]	
21	Mila	Vou botar aqui: certa frustração,
22	Lea	tem que escrever?
23	Mila	Eu escrevi porque o meu boneco tá quase ilegível
24	F	E esse cubo, você se vê como, lidando com ele?
25	Mila	Ela disse, não conseguindo encaixar
26	Lea	É um jogo, deve ter uma maneira
27	F	Você tá preocupada com o tempo?
28	Lea	Não, isso mostra que eu tô tentando, tem gente que consegue,
29		né? eu tô tentando, eu tava assim, antes das férias, bem
30		contente com o inglês, tava conseguindo participar das aulas,
31		só que essa viagem pra mim foi uma loucura, eu saí de casa
32		dez horas da manhã, cheguei oito horas da noite, eu tô lutando
33		com o tempo, tô lutando porque eu quero aprender
34	Mila	não, mas eu acho que Fernanda marcou uma coisa, a questão é
35		o tempo

No fragmento 96, Mila descreve seu desenho, utilizando-se do AFETO/infelicidade de média GRADAÇÃO/força “bem angustiada”. Lea, por sua vez, recorre à imagem do brinquedo ‘cubo mágico’ para representar a sua tentativa de aprender a LE. Pensando sobre a escolha do cubo mágico, podemos dizer que este brinquedo constitui um desafio que requer certo tempo para ser solucionado e, percebemos em sua fala a crença de que “deve ter uma maneira” (linha 26). Assim, inferimos que Lea acredita que existe um meio para aprender inglês, entretanto, falta-lhe tempo, como percebemos em: “eu tô lutando contra o tempo” (linhas 32 e 33), questão esta que também é percebida por Mila.

Dando prosseguimento à sessão, iniciamos as discussões e reflexões acerca de determinadas crenças apresentadas pelas participantes. No encontro realizado em seis de maio, Mila apresentou a crença de que “tudo tem relação com o prazer (...)” (linhas 80 e 81).

Fragmento 97- Sessão 9

78	F	Na semana passada, nós começamos a refletir sobre algumas
79		crenças, e o que vocês quiserem comentar ou incluir, bem, a
80		Mila comentou no dia seis de maio, ela comentou que “tudo
81		tem relação com o prazer, porque o grande problema é o

82		insucesso, a cada insucesso você dá uma travada”. O que que
83		vocês acham sobre isso?
84	Lea	Eu acho que isso assim, eu acho que é lógico, quando você tá
85		na sala de aula e você responde uma coisa errada, você se sente
86		mal por dentro, né? Mas você tem que insistir, né, vai chegar o
87		dia que você vai conseguir, não é?
88	F	E você, Mila, o que que acha?
89	Mila	Eu acho que esse impulso do prazer é fundamental, pra pra
90		qualquer coisa, você não consegue, eu pelo menos, não consigo
91		viver o desprazer da coisa, entendeu? Se você por exemplo, se
92		frustra, eu vou encontrar uma forma de superar isso que seja
93		prazerosa, vou achar uma rota de fuga, pra encontrar esse
94		prazer

Podemos considerar essa crença como mais um entendimento por parte da Mila, pois se observarmos os primeiros movimentos reflexivos das primeiras sobre a aprendizagem e uso das LE, percebemos que Mila notava que não estava feliz como aprendiz, mas ainda não lhe estava claro o porquê. Mila continua a enfatizar a importância do prazer através das APRECIACÕES “fundamental” (Valor/ linha 89) e “prazerosa” (Reação/ linha 93). Ao defender o prazer como um “impulso” (linha 89), Mila apresenta um comportamento agentivo, como observamos nas escolhas lexicais “encontrar”, “achar”, “superar” e “uma rota” (linhas 92 e 93).

Em relação ao insucesso, Lea utiliza-se do AFETO/infelicidade “mal por dentro”, e desenvolve uma crença:” (...) vai chegar o dia que você vai conseguir” (linhas 86 e 87). Mila e Lea apresentam diferentes perspectivas em relação ao tempo: enquanto que Lea vê o tempo como uma entidade futura, Mila o vê como um obstáculo do presente, ou seja, um inimigo silencioso que atormenta e maximiza a questão da sua cobrança interna:

Fragmento 98- Sessão 9

133	Mila	A questão da cobrança é uma tônica
134	F	E como é que você tá lidando com a cobrança?
135	Mila	Fernanda, essa cobrança é uma coisa tão tão entronizada em
136		mim que eu não consigo me desligar dela, essa fala de Lea “eu
137		vou de qualquer maneira”, eu vou de qualquer maneira, eu
138		estabeleci uma meta que não vai ser cumprida, eu vou dar

139	conta daquilo, mas é o que eu digo pra você, o que falta é esse
140	elemento gratificante que uma coisa prazerosa traz, porque
141	você cumprir aquilo, você dar conta daquilo, o único prazer é
142	cumprir a minha parte, mas aí entra, isso é o que eu acho que
143	eu preciso resolver em mim, o que eu tenho que cumprir, eu
144	vou lá e faço, eu fiz os três anos e voltei pra XXX pra começar
145	do zero, única e exclusivamente com o interesse de fazer bem
146	feito, agora, tem uma coisa, eu acho que é nisso, aonde falta o
147	prazer

Mila refere-se à cobrança através da APRECIÇÃO/valor de alta GRADAÇÃO/força “tão tão entronizada” (linha 135), como se já fosse parte de sua personalidade, intensificada pelo JULGAMENTO/incapacidade “não consigo” (linha 136). Sua crença de que estabeleceu “uma meta que não vai ser cumprida” (linha 138) corrobora a questão da cobrança, até mesmo pela escolha da palavra ‘meta’, e está ligada ao prazer, como observamos nas GRADAÇÕES/reação “gratificante” e “prazerosa” (linha 140). Percebemos em sua fala movimentos de ressignificação, quando diz:” (...) eu preciso resolver em mim (...)” (linha 143). Logo, Mila entende que precisa encontrar prazer no ato de aprender as LE, como observamos na GRADAÇÃO/foco “única e exclusivamente” (linha 145)

Ainda sobre a cobrança e a noção de cumprimento de obrigações, proponho mais uma reflexão:

Fragmento 99- Sessão 9

148	F	Mas quando você se cobra, o que que você chama hoje de
149		cumprir o seu papel em relação à língua?
150	Mila	É esse o problema, eu acho que a coisa é exatamente isso, é
151		quando você dá por cumprido o dever, você ao mesmo tempo,
152		isso aí é uma coisa que eu ainda não deduzi, mas eu acho que
153		acontece mais ou menos o seguinte: você cria uma mecânica
154		psíquica de neutralização daquilo que você aprendeu, você
155		deixa se sedimentar o conhecimento, você dá uns cortes
156		naquilo,
157	F	Você acha que passa mais por um automatismo?
158	Mila	Eu acho que entra no nível do esquecimento

Mila avalia o cumprimento de seu papel como aprendiz como um problema, como percebemos nas GRADAÇÕES/ foco “o” e “exatamente” (linha 150). Sua

percepção disso como um problema está ligada à crença de que na medida em que o cérebro “aprendeu” determinadas estruturas, elas entrariam em um estágio de repouso e seriam esquecidas. O esquecimento é algo que também sempre preocupou Mila, levando-a inclusive a consultar especialistas, mas nada de anormal foi diagnosticado nos testes e exames realizados.

Volto a insistir na reflexão sobre o tempo, pois como mencionei anteriormente, Mila não vê o tempo como algo a seu favor:

Fragmento 100- Sessão 9

174	F	E com o francês, que é a coisa que tá em andamento, como é
175		que você vê a questão da língua? Tecnicamente, pra você
176		aprender uma língua, leva muito tempo, não é uma coisa rápida
178		que você daria conta rápido, como é que você vê essa questão
179		da língua não ser uma coisa possível de você dar conta
180		rapidamente?
181	Mila	Eu acho que é essa a minha grande , eu acho que você tá me
182		dando a chave da minha grande dificuldade, é a chave, porque
183		é assim, entra num processo de frustração que pra mim
184		frustração corresponde a abandono , esse é o problema
185	F	Mas frustra porque você não consegue fazer rápido?
186	Mila	É
187	F	Mas não vai ser feito rápido
188	Mila	Eu acho que na realidade vai ter que refazer este olhar sobre a
189		coisa,
190	F	É, exatamente, porque se você sabe que não vai dar conta
191		daquilo em um ano ou dois, ou três, não é rápido
192	Mila	Mas eu tô achando que tá durando demais e eu não tô dando
193		conta

O fragmento 100 apresenta o despertar de uma percepção de tempo diversificada para Mila, como percebemos no uso da GRADAÇÃO/força “minha grande” (linhas 181 e 182) e da escolha lexical “chave” (linha 182). Os substantivos referentes ao AFETO/insatisfação “frustração” (linha 183) e “abandono” ilustram o sentimento da Mila em relação ao tempo, reiterado pelo JULGAMENTO/incapacidade “não tô dando conta” (linhas 192 e 193). Quando Mila diz:” (...) refazer este olhar (...)” (linha 188), observamos um movimento em direção à ressignificação da AAULE através de uma nova percepção do tempo, apesar de continuar acreditando na noção de

transmissão, quando diz “(..) você tá me dando a chave (...)” (linhas 181 e 182). Sua frustração presente na relação tempo/performance ocorre principalmente devido tanto à auto-imposição de metas quanto à crença de que sua performance está aquém do que gostaria, por isso proponho uma discussão do que representa para ela “dar conta”:

Fragmento 101- Sessão 9

194	F	Mas o que que é, por exemplo, vamos ver aqui, dar conta, o
195		que, você tá num contexto fora daquela realidade,
196	Mila	Eu já devia por exemplo, ter um domínio quase que absoluto
197		da língua,
198	F	Em três anos? Você fez o XX há três anos,
199	Mila	É, mas eu já estou na XX há um ano e meio
200	F	então vamos contar que você tá estudando há um ano e meio,
201		mas aí você diz que quando assiste televisão você entende
202		tudo?
203	Mila	É, e é engraçado , esse é um grande problema,
204	F	É um não dar conta maravilhoso até agora!
205	Lea	Mila, você disse que a professora falou que você fala muito
206		bem , todo mundo diz que você fala bem!

Mila mantém a crença de que “deveria ter um domínio quase que absoluto da língua” (linhas 196 e 197). A GRADAÇÃO/força “quase que absoluto” delimita a meta que Mila traçou para si, e a modalização deôntica “já devia” indica que esse ‘domínio’ ainda não existe para ela. Com o intuito de provocar mais reflexão, eu debato essa crença ao relembrar sua excelente compreensão dos programas de TV em francês, e Mila utiliza-se da APRECIÇÃO/reação “engraçado” (linha 203), e constitui outro paradoxo, pois a sua boa performance auditiva configura-se como um “problema”, intensificado pela GRADAÇÃO/força “grande”. Mesmo com a colaboração da Lea, insistindo no fato de todos considerarem seu francês bom, Mila mantém a crença de que deveria ter uma performance superior.

Fragmento 102- Sessão 9

224	F	Por que você acha que teria que ter feito uma prova oral
225		superior?
226	Mila	Porque eu tenho uma vivência da língua que os colegas não
227		tem, e o meu nível de aproveitamento foi equivalente ao deles,

228	F	Mas a vivência da língua que você fala são as viagens que você
229		faz?
230	Mila	Eu tenho ido, contato com a televisão, leitura, eu faço muita
231		coisa eu procuro me dedicar à língua
232	F	E eles, será que não fazem?
233	Mila	Ah, não, a criançada vai lá, entra por um ouvido e sai pelo
234		outro nem exercício eles fazem, é uma luta da professora pra
235		eles fazerem os exercícios, tem horas que eu acho que eu tenho
236		alguma dificuldade, alguma deficiência em relação à língua,

Mila realiza anualmente uma viagem à Europa, sempre com base em Paris, onde aluga um quarto no apartamento de uma amiga francesa, e procura sempre realizar excursões com agências de viagem que oferecem guias turísticos franceses. Além das viagens, Mila descreve, no fragmento 102, os outros meios de contato com a LE. Porém, Mila avalia seu aproveitamento em comparação aos colegas de turma através do JULGAMENTO “equivalente” (linha 227). Neste fragmento, Mila apresenta mais uma vez a crença de que possui uma deficiência para aprender LE, a qual ela atribui à facilidade que os colegas mais jovens demonstram em sala de aula. Iniciamos, então, uma reflexão acerca das características dos aprendizes mais jovens, e aportamos novamente na questão da cobrança:

Fragmento 103- Sessão 9

258	Lea	É, é, eles estão livres só pra estudar
259	F	E também se cobram menos
260	Mila	Eles se cobram menos , mas eu acho que eles tem a
261		preocupação focada noutras coisas, eles tem as coisas deles, o
262		mundinho deles existe, tá lá,
264	Mila	A cobrança é que é menor , eles estão focados noutras coisas
265	F	Agora, o que se tem que pensar, né, essa coisa do lidar com,
266		no caso, é não pensar ah, eu deveria ter feito, se você fez aquilo
267		naquela hora e se foi o seu melhor, OK, aquele foi o seu
268		melhor
269	Mila	Foi o meu possível .

Em relação à cobrança por parte dos aprendizes jovens, observamos as GRADAÇÕES/força “menos” (linha 260) e “menor” (linha 264). Quando eu construo o meu discurso buscando contribuir para a auto-aceitação por parte da Mila

em relação à sua performance, há negociação de sentido que percebemos nas expressões/GRADATIVAS: “foi o seu melhor” e “foi o meu possível”. A primeira, escolhida por mim, busca atenuar a cobrança por parte da Mila que, por sua vez, ainda demonstra certa insatisfação, como percebemos pela escolha da palavra “possível” (linha 269).

Mila vem construindo-se identitariamente como uma pessoa determinada a executar as atividades que propõe-se a realizar:

Fragmento 104- Sessão 9

277	Mila	E é aquela tal história, eu digo a você com toda a honestidade,
278		eu só não desisti porque eu sou muíto teimosa , eu encasquei
279		que eu tenho que aprender, tenho que dominar essa língua,
280		então eu vou fazer isso, agora isso tá me custando paz
281	F	Mas agora, você tem que colocar certos parâmetros de
282		domínio, você tem que trabalhar nessa questão de parâmetros
283		de domínio ou seja, dominar a língua estrangeira como você
284		domina a língua materna não vai acontecer
285	Mila	Não, eu penso assim, o parâmetro que eu estabeleço é o
286		seguinte: um, uma pessoa que não tem, aquela tal história, um
287		desenvolvimento mental que a gente que se dedicou mais a um
288		aperfeiçoamento, por exemplo, um guia turístico, esse guia
289		turístico tem o domínio da língua
290	F	Será que tipo de domínio? Aí é que tá
291	Mila	Se você ver um russo falando francês, é completamente
292		diferente, não tem nada a ver com a língua deles, a estrutura é
293		outra, um chinês falando francês, e as raízes da minha língua
294		são as mesmas raízes da língua francesa, por que que eu não
295		consigo falar francês?

No fragmento 104, Mila demonstra sua determinação para aprender LE, como observamos nas escolhas lexicais “teimosa” (JULGAMENTO), “encasquei” e “tenho que”. Entretanto, sua determinação está diretamente ligada à crença do “domínio absoluto” que, por sua vez, contribui para o aumento da cobrança pessoal, culminando em um estado de inquietação, como em sua fala “isso tá me custando a paz” (linha 280). Mila termina o fragmento com um *puzzle*: “por que que eu não consigo falar francês?” (linhas 294 e 295, no qual destaco o JULGAMENTO/incapacidade “não consigo”. Neste *puzzle*, percebemos que Mila

mantém a crença de que não é capaz de falar francês, apesar de todas as evidências, tais como boas notas e excelente compreensão auditiva indicarem o contrário. Esta crença relaciona-se com o critério de avaliação pessoal defendido por Mila, como observamos no fragmento a seguir:

Fagmento 105- Sessão 9

375	Mila	É, é, avaliação é uma coisa bem complicada,
376	F	E o que você faz todo dia é uma auto-avaliação, e uma
377		avaliação muito cruel
378	Mila	É, é... você tem razão, tem inteiríssima razão,
379	F	Se você faz uma auto-avaliação cruel, dizendo pra você
380		mesma, ah, isso não tá bom, deveria estar assim, deveria estar
381		assim, imagina, um ser humano que não consegue se agradar?
382		Então, você pode começar um exercício de dizer: pra hoje tá
383		bom, de gratificação, hoje tá bom, ou seja, não pensar no que
384		deveria, mas pensar no que já consegue fazer
385	Mila	Eu não sei, mas eu acho que um inglês com esse otimismo
386		poderia render frutos
387	F	Que tipo de frutos?
388	Mila	O próprio aprendizagem, conseguir vencer essa barreira do
389		aprendizagem do inglês.

No início do fragmento, Mila utiliza-se da APRECIACÃO/valor de média GRADAÇÃO “bem complicada” (linha 375) para referir-se à avaliação da sua aprendizagem. Ao referir-me ao tema, recorro à APRECIACÃO/valor de alta GRADAÇÃO “muito cruel” (linha 377), com o intuito de contribuir para que Mila perceba o movimento autodestrutivo que vem realizando. Logo, proponho a Mila um exercício de aceitação das realizações diárias, como observamos no uso do advérbio “hoje” (linhas 382 e 383) e do léxico de polaridade positiva “bom” e “já consegue” (JULGAMENTO/capacidade). Destaco as linhas 388 e 389, nas quais Mila contempla a possibilidade de aprender inglês, o que para ela é representado pela palavra “barreira”, que também aparece nas sessões 2 e 8 de forma recorrente.

No final do encontro, o ‘tempo’ volta ao cenário reflexivo da Mila como pano de fundo para a sua crença sobre conclusões das atividades que se presta a realizar:

Fragmento 106- Sessão 9

457	Mila	eu digo, gente, não é possível, eu acho que eu tô ficando burra ,
458		não é possível uma pessoa não chegar à conclusão de uma
459		coisa, meu Deus!
460	F	Mas aí é que tá, tá muíto cedo ainda pra falar em conclusão
461	Mila	É, pode ser que a coisa seja por aí, seja essa minha ansiedade
462		que tá me frustrando

No fragmento 106, Mila demonstra irritação por acreditar que não está conseguindo atingir seus objetivos de conclusão na aprendizagem das LE, como observamos no JULGAMENTO/incapacidade “burra” (linha 457) e na expressão exclamativa “meu Deus!” (linha 459). Em contrapartida, meu discurso em relação ao tempo busca contribuir para que Mila perceba que aprender uma LE pode levar muito tempo, e ela esboça um entendimento, quando diz: “ É, pode ser que a coisa seja por aí (...), no qual ela menciona a ansiedade, como o fator causador da sua frustração. A conversa continua:

Fragmento 107- Sessão 9

519	F	Mas você faz aula há pouquíssimo tempo, um ano e meio é
520		muito pouco, eu comecei a estudar inglês com oito anos e estou
521		com trinta e sete, e eu aprendo todos os dias. Eu não dou por
522		acabado, concluído
523	Mila	Não dá, não dá, não existe nada na vida que seja concluído, eu
524		acho que isso aí, você tá me dando um outro grande auxílio,
525		outra crença que tá sendo desconstruída aqui, é a crença de que
526		cumprida a tarefa, missão cumprida, houve o fechamento de
527		uma etapa. Essa etapa não se fecha, essa etapa é uma etapa de
528		continuidade , é de crescimento , você vai adquirindo
529		experiência ao longo do caminho
530	F	É, isso mesmo, contínuo, só, não tem fim, e vai evoluindo com
531		o tempo
532	Mila	É. Fernanda, eu vou precisar ir
533	F	Sem problemas, a gente continua na semana que vem.

Ao me referir ao período de tempo em que Mila vem estudando LE, utilizo a GRADAÇÃO/força “pouquíssimo” (linha 519), para enfatizar que o caminho é mais longo do que imagina. O trecho entre as linhas 524 e 529 representa um momento de ressignificação por parte da Mila em relação à sua lida com o tempo. Destaco as

escolhas lexicais “crença”, “desconstruída”, “não se fecha” e as APRECIACÕES/composição “continuidade”, “crescimento” e “adquirindo experiência”. Todo esse léxico ilustra um movimento de abertura, ou seja, totalmente contrário à ideia de estaticidade da conclusão, como vimos no fragmento 107.

Nesta sessão houve intensa negociação de sentido acerca das crenças sobre o tempo desenvolvidas por Mila e da cobrança pessoal. Ao longo da conversa, percebemos que um dos principais pilares da cobrança é a necessidade defendida por Mila de uma conclusão da tarefa, como disse: “cumprida a tarefa, missão cumprida” (linha 526). Contudo, Mila começa a perceber e aceitar que aprender uma LE não é uma tarefa com um fim definido. Mila aceita que está pisando em um terreno fluido, plástico e subjetivo.

7.10

Sessão 10- O tempo tá me angustiando... (10/08/10)

Na sessão 10, continuamos o processo de comentários acerca de determinados momentos marcantes ocorridos em encontros anteriores, como observamos neste excerto, na reflexão sobre a questão da aula, em si:

Fragmento 108- Sessão 10

01	F	Pra hoje eu separei, é...algumas coisas que vocês disseram no
02		día vinte de maio, primeiro a Mila começou assim: “a questão
03		não é a aula,” aí, Lea quando você quiser comentar fique à
04		vontade, então quando você disse a questão não é a aula, o que
05		que você acha disso, ou a questão hoje em dia é a aula?
06	Mila	Fernanda, eu acho que a coisa tem uma amplitude muito maior ,
07		porque na realidade, eu centro o problema em mim, porque não
08		é, quando eu disse que não é a aula, eu tive assim excelentes
09		professores, eu não tenho como apontar defeitos em
10		professores, não tenho. A questão não é a participação
11		na aula, eu participo da aula, a questão é o sair da aula e o
12		voltar à vida, é o usar aquilo de uma maneira não acadêmica,
13		mas de uma maneira correta com naturalidade.
14	F	Tá, e você acha que a aula daria conta disso? O sistema de
15		aulas que temos
16	Mila	É isso que eu digo pra você, não tem condição , não há
17		condição, porque a questão é maior do que isso. Eu acho que
18		não existe , eu na realidade a questão do ensino de língua
19		comigo, é o que nós conversamos, não é o sistema, não é o

20	método, não é o professor, sou eu, a questão está em mim
21	em mais ninguém, em nenhum outro lugar.

Ao refletir sobre a aula e suas limitações, Mila apresenta, através da GRADAÇÃO/força “muito maior” (linha 06), um entendimento. Para ela, sua dificuldade consiste em utilizar a língua em contextos não acadêmicos, como por exemplo em viagens ao exterior ou em conversas com seus amigos estrangeiros e apresentar uma performance superior. Não percebemos neste fragmento e em nenhum outro a atribuição do ‘insucesso’ a fatores externos. Quando se refere aos professores de LE, Mila utiliza-se do JULGAMENTO/estima social “excelentes” (linha 08), logo, a atribuição recai sobre ela mesma, quando diz:” (...) a questão está em mim, em mais ninguém, em nenhum outro lugar.” (linhas 20 e 21). Esta crença representa o seu entendimento de que não existe um responsável externo pelas suas inquietações.

Prosseguindo com a reflexão sobre a responsabilidade da aula, lhes pergunto:

Fragmento 109- Sessão 10		
77	F	É, é essa que é a questão: do que que a aula deve dar conta?
78	Mila	Eu acho que a aula deve dar conta do mínimo , dos
79		conhecimentos básicos que o aprofundamento vai ficar por sua
80		conta
81	Lea	Eu acho que tinham que pedir uma sugestão de quem tá
82		participando, entendeu? Porque, assim, é, diferenças de idade,
83		diferença de tanta coisa que você colocar um método igual pra
84		uma manga caducando, e outra coisa que eu vi agora, não tem
85		essa preocupação de dar essa continuidade, é muito comércio,
86		assim, não tem essa preocupação com o aprender realmente
87	F	É...Não, eu hoje até passei em frente ao XX quando fui levar a
88		minha filha ao ABEL, e vi aquelas placas, inglês em dois
89		anos, eu digo, meu Deus do céu! A pessoa entra e acredita! É
90		um problema, você tá na calçada e não é uma pessoa envolvida
91		em estudos de linguagem, você acredita naquilo!
92	Mila	E se frustra

Sobre a aula, Mila recorre à GRADAÇÃO/força “mínimo” (linha 78), para defender sua crença de que o aluno deve buscar o aprimoramento por conta própria. Já Lea explicita a necessidade de participação dos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de LE, como observamos nas linhas 81 e 82, e continua sua fala

mencionando pontos como as “diferenças” (linhas 82 e 83) e a falta de comprometimento com a aprendizagem, como percebemos pelo uso da palavra “comércio” (linha 85). Minha fala une a questão do comércio às promessas anunciadas pelas escolas de idiomas em relação à duração dos cursos de LE, completamente em desacordo com os estudos acadêmicos realizados pelo mundo. O comentário sobre o tempo leva Mila a concluir o fragmento com AFETO/insatisfação “se frustra” (linha 92).

O tempo volta ao cenário reflexivo na discussão de uma crença construída por Mila no dia 20 de maio:

Fragmento 110- Sessão 10

243	F	Um outro comentário, Mila, sobre vocabulário ainda: “ah, eu já
244		deveria estar com aquilo mais afiado, já era pra estar
245		acumulado na minha cabeça” Então, ééé
246	Mila	Pelo tempo, né, Fernanda, o tempo tá me angustiando , tanto
247		que, tem uma coisa, às vezes eu levo um mês, sem ir à XX,
248		sem mexer no francês, amanhã, eu quero ver se eu dou uma
249		retomada, as aulas voltam quarta-feira eu tô meio assustada ,
250		entendeu? Eu acho que muita coisa tá no limbo
251	F	É, mas depois você vai lembrando também, volta com o uso.
252	Mila	É, mas não é pra apagar, né?

Mila acredita que já deveria ter o vocabulário que vem aprendendo nas aulas de LE melhor fixado, e avalia o tempo através do AFETO/infelicidade “angustiando” (linha 246). Podemos perceber em sua fala sobre o início das aulas o AFETO/insegurança, relacionado à AAULE “assustada” (linha 249), por acreditar que o conteúdo estudado antes do recesso pode ter sido esquecido. Sobre o esquecimento, Mila prossegue:

Fragmento 111- Sessão 10

257	Mila	Eu acho que a frustração é que leva a gente ao desânimo , e o
258		desânimo leva a a a esse tipo de fuga .
259	F	Mas o que deve se trabalhar é não ter frustração em relação a
260		isso, em relação ao esquecimento de algumas palavras. Seria

261		então um treino pra não frustração. Por exemplo, quando você
262		disse: “eu consigo complicar a língua estrangeira”
263	Mila	Eu sou a complicadora . Se você tiver uma linguagem direta, eu
264		vou dar um jeito de fazer aquilo inverso com o tópico pra ficar
265		mais complexo, às vezes até em português eu faço isso
266	F	É, eu não acho não
267	Mila	Pois é, todo mundo implica comigo, eu vou à esquina, eu digo:
268		eu partindo daqui vou à esquina

Mila reflete sobre os motivos que a levam a fugir da aprendizagem das LE e para isso, escolhe os AFETOS/infelicidade “frustração”, “desânimo” e “fuga” (linhas 257 e 258). Ao esquecer-se de algumas palavras, Mila se frustra e consequentemente sente-se desanimada, o que ocasiona o comportamento de evitamento, como percebemos na figura a seguir, que mostra esse ciclo:

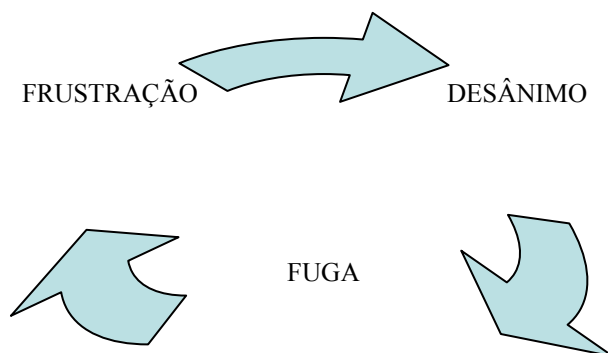


Figura 8: comportamento de evitamento

Minha contribuição foca no desenvolvimento de meios para lidar com a AAULE, quando digo” (...) um treino para não frustração” (linha 261). Cito, em seguida uma outra crença desenvolvida por Mila: a de que complica a LE: “Eu sou sou a complicadora” (linha 263). Essa crença é defendida por Mila por acreditar que não possui uma linguagem direta, como percebemos no exemplo dado por ela nas linhas 267 e 268. Mila busca apresentar na LE a mesma performance rebuscada da língua materna, e comenta:

Fragmento 112- Sessão 10

274	Mila	Como é que você vai organizar ideias de uma forma que... eu
275		acho um facilitador, um facilitador pra mim, e isso eu tô
276		começando a conseguir fazer no alemão, que é como não tem
277		referencial, depois que eu conversei com você sobre isso, eu

278	passsei a perceber melhor , eu começo a fazer uma leitura mais
279	objetiva , uma descrição mais linear , agora essa língua tem uma
280	estrutura frasal pobre, eu quero enriquecer e não tenho com o
281	que, faço lambança. No português, eu tenho como, no francês
282	médio, mas no que eu floreio, eu erro.

No fragmento 113, Mila comenta que na lida com o alemão, as sessões exploratórias contribuíram para uma percepção mais clara da estrutura da língua: “(...) eu passei a perceber melhor” (linhas 277 e 278). Neste trecho, destaco as APRECIACÕES/composição “melhor”, “objetiva” e “linear” (linha 279), precedidas pela GRADAÇÃO/força “mais”. O mais relevante neste fragmento, é o desenvolvimento do entendimento de que o ato de florear a língua às vezes a conduz ao erro.

Em outro momento, volto a um comentário da Mila sobre sua crença a respeito do que espera alcançar com a aprendizagem das LE:

Fragmento 113- Sessão 10

372	F	É, a questão toda gira em torno das expectativas, ou seja, o que
373		você quer alcançar com aquilo. Mais uma coisa antes de a
374		gente ir, você disse: não adianta eu saber pela metade do
375		caminho, essa questão, assim de novo a questão do
376		caminho.
377	Mila	É uma trajetória, é, eu teria que ter alcançado
378	F	O que você chama de metade? O que seria isso?
379	Mila	Na minha concepção, é assim, não adianta eu me comunicar
380		incorretamente , de uma maneira imprópria , sem o domínio da
381		língua, a farsa do faz de conta.
382	F	E no francês, quando você viaja, você vai no final do ano
383	Mila	Vamos ver se eu vou falar melhor esse ano, essa é a minha
384		expectativa é um teste que eu quero fazer

O fragmento 113 nos apresenta a crença desenvolvida por Mila de que “não adianta saber pela metade do caminho” (linhas 374 e 375), e novamente percebemos a crença de que existe um caminho, uma trajetória a ser percorrida e que, conseqüentemente, teria fim. A ideia de ‘caminho’ faz-se presente também nas sessões 1, 7, 8 e 9, caracterizando-se como uma crença central para Mila. Quando lhe pergunto sobre o que entende por “metade” (linha 378), Mila utiliza os

JULGAMENTOS/capacidade “incorretamente” e “imprópria” (linha 380) para se referir ao seu nível de comunicação nas LE, e volta à questão do domínio da LE. Mila continua a acreditar que não sabe as LE, como observamos pela escolha da expressão “a farsa do faz de conta” (linha 381), e cobra-se ao manter a expectativa de obter mais êxito em sua performance durante a próxima viagem à França, como observamos na APRECIACÃO/composição “melhor” (linha 383).

Nos momentos finais desta sessão, voltamos à discussão da temática cobrança/tempo:

Fragmento 114- Sessão 10

480	Mila	Um ponto, o principal é o ponto,
481	F	Da Mila, pra mim, são duas coisas, a cobrança e o tempo,
482		muito ligado ao tempo, tem um prazo
483	Mila	E você já sabe, a defesa da tese, é um traço da minha
484		personalidade, mas também tem muito que vem de adquirido,
485		porque sempre me foi dito o seguinte: cumpra as suas
486		obrigações e o resto do tempo é seu, então eu chegava da
487		escola, eu arreganhava a pasta, pegava os exercícios e fazia
488		porque eu estava livre, aí ninguém podia me cobrar mais nada,
489		o meu serviço tava feito, a minha vida é isso, eu cumpro etapas
490		e eu fecho, fecho.
491	F	Aí você acha que fecha
492	Mila	Mas o aprendizagem não vai fechar nunca
493	F	E ainda mais um aprendizagem físico, a língua é físico, aí não
494		dá, você não vai fechar,
495	Mila	Tem que estruturar tudo isso,
496	F	Porque isso, todos os ambientes educacionais, as pessoas
497		querem terminar, querem uma conclusão, já o exercício físico
498		não tem conclusão
499	Mila	Tudo tem um tempo
500	F	Tudo acaba tendo um tempo, só as academias de ginástica que
501		não
502	Mila	Nós estamos num lugar por um tempo, a gente já chega com
503		essa ideia, que é finito, são crenças que são inerentes ao
504		homem, tudo aqui é temporário
505	F	São as chamadas crenças centrais, ou seja, aquilo que tá
506		mesmo como se fosse um miolo, tem as centrais e as
507		periféricas
508	Mila	É o que há de essencial, foi a finitude que levou o homem à
509		evolução

Mila inicia o fragmento 114 com a GRADAÇÃO/foco “o principal”, em relação ao fator principal que a leva a sentir-se mal em relação à aprendizagem e uso das LE, ao longo da conversa, destaco a presença de crenças, consideradas mais centrais, devido às escolhas lexicais “nunca” e “tudo” e entendimentos.

No fragmento 114, observamos mais um movimento paradoxal, pois Mila apresenta crenças contraditórias, como percebemos no uso da GRADAÇÃO/foco “tudo” como sendo temporário, mas ao mesmo tempo, Mila retira a aprendizagem deste grupo, quando diz “o aprendizado não vai fechar nunca”. Observamos outro conflito quando Mila, através das crenças/JULGAMENTO “é um traço da minha personalidade” e “tem muito que vem de adquirido” explicita a sua relação com o tempo. Desta forma, entendemos aqui um dos principais dilemas da Mila: nas linhas 489 e 490 ela diz:” (...) a minha vida é isso, eu fecho, fecho”, porém constrói o entendimento de que não poderá fechar a aprendizagem das LE do modo como imagina, o que pode contribuir para o desenvolvimento da AAULE. Percebemos em sua fala, um movimento em direção à resignificação: “Tem que estruturar isso”, ou seja, Mila assume que precisa reavaliar a relação entre o tempo e a aprendizagem de LE, como observamos no quadro a seguir:

CRENÇAS (centrais)	ENTENDIMENTOS
“o aprendizagem não vai fechar nunca” (linha 492)	“Tem que estruturar isso” (linha 495)
“Tudo tem um tempo.” (linha 499)	“A gente já chega com essa ideia” (linha 502)
“Tudo aqui é temporário” (linha 504)	“São crenças inerentes ao homem” (linha 503)
“Foi a finitude que levou o homem à evolução” (linha 508)	

Quadro13: Crenças e entendimentos sobre o tempo

7.11

Sessão 11-” (...) tentar me sentir à vontade por estar aprendendo”**(27/08/10)**

A sessão 11 não contou com a presença da Lea, por motivos familiares, e como de costume, Mila compartilhou comigo os fatos ocorridos durante a sua semana. Na conversa a seguir, Mila comenta um momento de frustração durante os seus estudos de gramática em francês:

Fragmento 115- Sessão 11

01	F	Larousse?
02	Mila	Um livro de gramática da Larousse, eu faço um resumo do
03		livro de gramática da Larousse. Ai, Fernanda, me deu um
04		desespero! Eu não aprendi!
05	F	Mas o que que estava errado?
06	Mila	Não, a informação que tinha no livro dizia que a meteorologia
07		era num futuro próximo, e ontem, a Ruth disse que não, que o
08		futuro é simples, é o que vai acontecer, então, no livro da
09		Larousse estava escrito em português com todas as letras que
10		era no futuro próximo. Ah, e aquilo me bateu uma angústia
11	F	No inglês, por exemplo, algumas regras mudam
12	Mila	É, mas eu ali, eu fiquei... desconfortável
13	F	Mas em relação ao curso, ou ao livro?
14	Mila	Eu fiquei desconfortável comigo mesma, por que que eu não
15		fui checar a informação, né? Por que que eu não fui me
16		certificar primeiro antes de dizer bobagem na frente de um
17		monte de crianças? Uma situação desagradável , aí eu fiquei
18		mal com aquilo, e eu disse, gente não é possível que eu vim pra
19		cá fazer lambança de novo

No fragmento 116, no qual Mila relata um equívoco em relação ao uso do futuro em francês, podemos observar o uso do léxico referente ao AFETO/insatisfação: “desespero” (linha 4), “uma angústia” (linha 10), “desconfortável” (linhas 12 e 14) e “mal” (linha 18), assim como os JULGAMENTOS/capacidade “eu não aprendi” (linha 4) e “fazer lambança” (linha 19). Suas escolhas lexicais demonstram insatisfação e AAULE em relação à dúvida sobre o conteúdo gramatical. Quando diz “Por que que eu não fui me certificar primeiro antes de dizer bobagem na frente de um monte de crianças?” (linhas 15 a 17), percebemos a crença implícita de que ela deveria saber mais do que seus colegas

de turma por ser mais experiente do que eles. O fato de confundir-e no uso do verbo causou o medo da avaliação negativa por parte do grupo, um dos componentes da AAULE. A GRADAÇÃO “de novo” (linha 19) corrobora a sua insatisfação como aprendiz de LE, julgando-se como aquela pessoa que comete erros frequentes em sala de aula.

Prosseguimos conversando sobre o ocorrido e Mila tece comentários sobre o estudo da gramática:

Fragmento 116- Sessão 11

31	Mila	A gramática não é uma coisa fácil
32	F	Mas essas mini confusões são mais do que normais,
33	Mila	Às vezes eu fico pensando, e aí eu me perco, aí não escuto
34		direito, não sei mais, daí eu começo a viajar
35	F	Ahah, vai ocupar a cabeça com
36	Mila	Com o que que tava errado, em vez de prestar atenção no que
37		estava sendo dito
38	F	É, você vai ter que fazer o exercício, confundiu? Desconfunde
39		e continua, pra poder não perder o resto
40	Mila	É

Mila inicia sua sequência de turnos desenvolvendo um entendimento, na linha 31, que pode vir a reduzir a cobrança pessoal, e a minha fala traz a APRECIÇÃO/reação “normais” (linha 32) para avaliar as pequenas “confusões”, enfatizada pela GRADAÇÃO/força “mais”. Nas linhas 33 e 34, é possível observar o percurso da AAULE a partir do uso das escolhas “fico pensando”, “me perco”, “não escuto direito” e “começo a viajar”. Como apontei na revisão bibliográfica, a ansiedade atua também no bloqueio do input (cf p. 46). Ao ocupar seu cenário mental com pensamentos negativos sobre sua performance durante a aula, Mila não consegue ouvir o que a professora diz, logo há a dispersão. Este fragmento apresenta mais um momento de conscientização por parte da Mila, quando diz:” (...) em vez de prestar atenção no que estava sendo dito” (linhas 36 e 37).

Através de uma narrativa de experiência pessoal, Mila relembra o modo como ela e seu pai costumavam “brincar” com a língua portuguesa:

Fragmento 117- Sessão 11

75	Mila	Pois é, é uma brincadeira deliciosa , você pega a tua filha e
76		começa a brincar com tempos de verbo, o meu pai fazia
77		comigo, ele inventou um tal de um verbo pirocopar, e aí eu
78		tinha que conjugar até no subjuntivo aquilo tinha que ser
79		rápido,
80	F	E era divertido,
81	Mila	Era divertido , e essa era a vantagem da coisa, tempo de verbo
82		não é uma coisa difícil pra mim, aí eu comecei a baratinar com
83		o francês porque a Ruth me disse que o emprego dos verbos no
84		francês é igual ao português então eu não sei os tempos verbais
85		do português

No fragmento 117, observamos a avaliação da narrativa através da APRECIACÃO “divertido” (linha 81), e a coda “e essa era a vantagem da coisa” (linha 81) reitera uma crença/entendimento seu de que aprender tem de ser algo prazeroso. Contudo, Mila volta a preocupar-se com o uso dos verbos em francês, como percebemos pelo uso do AFETO “baratinar” (linha 82). Até então, Mila acreditava que mantinha um domínio quase absoluto da gramática da língua portuguesa, mas o comentário da sua professora veio a desestabilizar sua crença, como em sua conclusão” (...) então eu não sei os tempos verbais do português” (linhas 84 e 85).

Um dos pontos sobre os quais venho insistindo com Mila até os dias de hoje é a sugestão de mais leitura de materiais autênticos nas LE:

Fragmento 118- Sessão 11

120	F	E você tem lido alguma coisa em francês?
121	Mila	Não, tenho lido pouco , porque como é uma literatura muito
122		complexa, e eu tenho muito medo de errar, eu tive que ler um
123		texto de Husserl em inglês, foi um parto , mas eu acho que foi
124		mais fácil do que se fosse em francês, não sei como, não me
125		pergunta como, porque se me apertar eu dou meu jeito, mas
126		isso eu não consegui fazer em Nova York. Eu falei
127		francês em Nova Iorque, eu falava com aqueles negros da
128		África, eu me comunicava com os negros da África, eu já sabia
129		que os negros falavam francês
130	F	Na hora da fala, o francês não é um problema, e na hora da
131		leitura, é?

132	Mila	Não, não, não é, a história é o seguinte: o emprego dos dos, é é
133		é na escrita,
134	F	Ou seja, você não pegou o texto do Husserl em francês
135	Mila	É, mas foi o seguinte, depois que eu li o texto em inglês e
136		peguei em francês, eu achei em inglês mais fácil,

Mila costuma deter-se a um tipo de leitura mais complexo, daí a GRADAÇÃO/força “pouco” (linha 121), e compartilha comigo mais um comportamento de evitamento, através do AFETO/insegurança de alta GRADAÇÃO em relação ao erro “muito medo”. A APRECIACÃO/composição “um parto” foi utilizada para avaliar a leitura do texto de Husserl em inglês, apesar de Mila acreditar que se lesse o texto em francês seria mais difícil para ela. Neste fragmento, Mila explicita uma característica da sua personalidade, quando diz:” (...) se me apertar eu dou meu jeito”, logo inferimos que Mila é capaz de resistir à pressão exercida sobre ela em situações diversas. Entretanto, isso não ocorreu no uso do inglês quando visitou Nova Iorque, como percebemos através do JULGAMENTO/capacidade “não consegui” (linha 126). Neste caso, o uso do francês foi preferido, já que Mila sente-se mais segura falando francês do que inglês.

Começamos a discutir alguns pontos selecionados em sessões anteriores, e no fragmento abaixo Mila teceu comentários acerca dos ‘vícios’ que estava tentando corrigir:

Fragmento 119- Sessão 11

263	F	Já, sempre... eu tinha separado algumas coisinhas da gravação
264		do dia dezessete de maio, e de oito de julho também. Você
265		tinha comentado que criou vícios que estava custando a
266		corrigir, você acha que isso continua acontecendo, que tipo de
267		vícios são esses?
268	Mila	Fernanda, são por exemplo, eu acho que você quando aprende
269		errado , essa desconstrução, que a filosofia de, se de alguma
270		forma ela auxilia alunos, se essa maneira desinibe, se força
271		você a falar o que vier à boca, sem raciocinar, então o que que
272		acontece, você fala, você se comunica, agora você não tem a
273		síntese da língua

Mila mantém a crença de que, na instituição anterior, a aprendizagem de francês se deu de maneira errada, como percebemos na APRECIACÃO/composição “errado” (linha 269). Esta crença está ligada ao foco na comunicação em detrimento da forma, presente na abordagem adotada pela instituição, logo Mila afirma que “você não tem a sinese da língua” (linhas 272 e 273). Para ela, as consequências desse período da sua vida recaem na tentativa de desconstrução desses “vícios”, como observamos no fragmento a seguir:

Fragmento 120- Sessão 11

282	F	Mas o material da XX é bem sofisticado, não é?
283	Mila	O material da XX é , vamos dizer, de médio para alto nível .
284		Agora a partir do quarto nível eu tô percebendo a diferença da
285		minha aprendizagem e o dos meus colegas. Eles naturalmente
286		falam corretamente , e eu ainda estou batendo de frente com os
287		meus mitos, eu não consegui desconstruir, e ele construíram
288		corretamente

A avaliação do material didático utilizado pela instituição atual é percebida pela GRADAÇÃO “de médio para alto” (linha 283), e Mila compara o seu percurso de aprendizagem ao de seus colegas que, segundo ela, são capazes de produzir “naturalmente” e “corretamente” (APRECIACÕES/composição), pois eles já iniciaram os estudos em uma instituição que valoriza a forma aliada à comunicação. Por conseguinte, Mila apresenta o léxico AFETO/insatisfação “batendo de frente” (linha 286) e o JULGAMENTO/capacidade “não consegui” (linha 287). Percebo a palavra “mitos” (linha 287) como um termo guarda-chuva, que pode abrigar várias questões que povoam o universo da Mila, como a cobrança, o medo de errar, o perfeccionismo e a preocupação com o tempo, por exemplo. Mila volta à preocupação com o uso dos verbos em francês e desenvolve uma nova crença em relação à língua portuguesa. O fragmento 121 nos traz a crença da Mila de que não sabe conjugar os verbos em português também, como quando diz: “eu tô perdendo a confiança no meu português” (linhas 304 e 305). Em seus depoimentos, percebemos que Mila sempre considerou a língua materna como um território seguro, no qual sua performance nunca a decepcionou.

No momento em que ela põe em dúvida o seu conhecimento da língua materna, a insegurança predomina, como observamos pelo AFETO/insegurança “falta de chão”, de GRADAÇÃO média. No decorrer do fragmento 121, a seguir, Mila avalia o ensino de francês de sua instituição através das APRECIACÕES/composição “sedimentado” (linha 311) e “globalizado” (linha 317):

Fragmento 121- Sessão 11		
297	Mila	Pois é, e eu estou achando que eu não sei mais conjugar em
298		português!
299	F	Você sabe que você sabe
300	Mila	Não sei mais! Eu tô achando que eu conjugo errado achando
301		que eu conjugo certo. Por exemplo, quando a gente conversa,
302		você já percebeu se eu cometo erros?
303	F	Nenhum!
304	Mila	O problema é exatamente esse, eu tô perdendo a confiança no
305		meu português
306	F	Seu português é perfeito!
307	Mila	Se eu tô empregando errado no francês que é igual ao
308		português, eu tô fazendo errado no português!
309	F	Não, então não é igual
310	Mila	Aí me deu uma certa falta de chão, agora é muito interessante,
311		Fernanda, o ensino da XX, é um ensino sedimentado, você
312		pega os verbos e você vê só os verbos, por exemplo, ontem, a
313		gente tava fazendo uma revisão dos tempos verbais, e você
314		percebe que aquilo, aí você começa a fazer um comparativo e
315		vê o que você aprendeu, você percebe como aquele
316		aprendizagem foi feito, então é um aprendizagem que é
317		alinhada à cultura, é globalizado

Enquanto Mila constrói seu discurso focando no que não sabe, procuro construir o meu enfatizando que todos nós sabemos muito pouco, considerando-se a grandeza de um estudo de LE. No fragmento 122, foco minha fala na infinitude da língua, como uma “constante” (linha 380), e Mila reitera a questão da memória, quando diz: “é encontrar sem perder” (linha 374). Seu comentário vem seguido da GRADAÇÃO/foco “o grande”, referindo-se à complexidade da língua, como na APRECIACÃO/composição de alta GRADAÇÃO “bastante complexa”.

Fragment 122- Sessão 11

368	F	E a gente nunca sabe tudo, a gente sabe muito pouco
369	Mila	Não, não, é aquela tal história,
370	F	não tem como dar conta de uma língua em termos totais
371	Mila	Não tem, não tem!
372	F	cada hora que a gente abre, encontra uma coisa e encontra,
373		encontra, encontra
374	Mila	A gente, é aquela tal história, é encontrar sem perder, o grande
375		problema é que às vezes você confunde, eu acho que a
376		linguagem é uma coisa bastante complexa, é reflexo de toda a
377		sua confusão interior
378	F	Mas eu acho que esse trabalho com... assim, você tem que ver
379		a língua estrangeira como não ligada ao tempo e não ligada a
380		um fim, é uma constante
381	Mila	isso eu tô tentando, tentar me sentir à vontade por estar
382		aprendendo

Mila conclui o fragmento apresentando um movimento em direção à ressignificação da AAULE pela desconexão entre aprendizagem e tempo, quando diz: “isso eu tô tentando, tentar me sentir à vontade por estar aprendendo” (linhas 381 e 382). Mila sempre se cobrou resultados e conclusões, logo permitir-se aprender sem preocupar-se com o tempo poderia vir a reduzir a AAULE via redução da cobrança.

Uma de suas grandes preocupações sempre foi a busca pela precisão gramatical através de um intenso estudo da gramática, logo sugeri que Mila cursasse a Faculdade de Letras:

Fragmento 123- Sessão 11

398	F	Sabe o que você poderia fazer? Letras, português-francês,
399	Mila	Até que seria uma boa
400	F	Eu acho que você ia gostar, ia poder aprofundar, consolidar
401	Mila	Aprender melhor, eu sempre tive um encantamento pelo
402		português, lembra que o meu pai gostava de brincar com o
403		estudo do português? Então era uma coisa que ele era cego de
404		uma vista e enxergava muito mal da outra, então eu lia pra ele,
405		eu lia Machado de Assis, eu lia tudo pra ele, e eu acho que isso
406		me ajudou um pouco, porque na realidade a gente lia e discutia
407		era muito gostoso, então, eu sempre quis saber o porquê das
408		coisas, então ele me perguntava, eu tava lendo as coisas, aí ele
409		falava pra mim: qual é a função sintática desta expressão? Aí
410		eu ia achar a função sintática, fazia frases enorme pra eu
411		pontuar, então era assim, era uma brincadeira e eu gostava

412		disso
413	F	Ah, interessante!
414	Mila	Eu tinha uma tartaruga, até contei pra vocês essa história, a
415		tartaruga cresceu comigo, então a tartaruga era professora de
416		português, a tartaruga me corrigia muitas vezes, quando eu
417		tava falando errado, então tinham essas coisas, era todo um
418		contexto que coincidia com uma boa leitura, não que eu não lia
419		um gibi, eu lia, mas era a hora dele
420	F	E era um bom contato com a língua,
421	Mila	Com o português eu sempre tive um bom contato

No fragmento 123, Mila apresenta uma experiência pessoal para me relatar o seu “encantamento” (linha 401) pela língua portuguesa, e muito desse sentimento positivo deve-se às brincadeiras que seu pai propunha para praticar a função sintática durante as leituras realizadas por Mila devido à sua deficiência visual, como observamos na avaliação da narrativa pela APRECIÇÃO/reação de alta GRADUÇÃO “muito gostoso” (linha 407).

Em sua narrativa, Mila menciona a personagem “tartaruga” (linha 414), que atuava como professora de português, logo havia ludicidade em sua aprendizagem, o que pode ter contribuído para um bom relacionamento com a língua. Por conseguinte, há um somatório de elementos positivos (as brincadeiras do pai, a boa leitura, a ludicidade) que saciaram o desejo da Mila de “saber o porquê das coisas” (linhas 407 e 408). Percebemos, então, que Mila guarda boas recordações da sua aprendizagem de português, o que não ocorreu com as LE, já que faltaram, ao meu ver, os elementos ‘brincadeira’ e ‘ludicidade’, fazendo com que sua memória afetiva não fosse construída positivamente.

7.12

Sessão 12 – “Você não tem noção do ridículo (...)” (02/09/10)

A sessão 12 representou o nosso último encontro semanal, e Mila inicia seu comentário sobre a sua semana lamentando a ocorrência de um episódio negativo durante uma aula de francês:

Fragmento 124- Sessão 12

- 01 P Oi, Mila, e aí, como foi a semana?
- 02 Mila Ah, eu queria tanto que tivesse sido boa, mas foi assim...
- 03 P Vai, me fala os detalhes
- 04 Mila não, sabe quando você **não consegue**? A coisa meio que se repetiu
- 05 quando eu fiz um curso de férias, saí daqui me matriculei e tal, de
- 06 repente eu me vi assim, **fora da turma**, me sentindo **uma imbecil**, sabe
- 07 quando você tá se sentindo **uma imbecil**? Fernanda, uma coisa...
- 08 F Mas por que? O que que causou isso?
- 09 Mila Fui fazer um exercício e eu não consegui fazer o exercício, e a turma
- 10 meio que **achou graça**, sabe? Aí pronto, a partir dali, na segunda-feira
- 11 F A turma é você e a colega?
- 12 Mila Não, agora tem mais gente. Foi assim: eu fui fazer um exercício,
- 13 juntaram três turmas
- 14 F Mas você acha que esse sentimento tá mais ligado ao aumento da
- 15 turma?
- 16 Mila Não, não é nem por isso não, eu me senti **muito mal** porque eu me
- 17 senti **imbecil**

O fragmento 124 mostra a preocupação por parte da Mila a respeito do episódio negativo na aula de francês ter ocorrido na última semana de encontros, como percebemos quando diz: “eu queria tanto que tivesse sido boa (...)” (linha 02). O JULGAMENTO/capacidade “não consegue” (linha 04) introduz a narração do acontecimento, que apresenta outros elementos avaliativos, como o JULGAMENTO/normalidade “fora da turma”, seguido do AFETO/infelicidade “uma imbecil” (linhas 06, 07 e 17). Ao cometer um erro durante um exercício realizado em aula, Mila sentiu-se ridicularizada pelos colegas de turma, como observamos no JULGAMENTO/ capacidade “achou graça”. Esse sentimento de não pertença ao grupo nos remete ao conceito de Ambivalência, proposto por Block (2007). Mila começa a pensar se realmente merece fazer parte daquele grupo ‘perfeito’, que não comete erros. Desde o início das sessões exploratórias, Mila manteve com o erro uma relação de repúdio, e a reação da turma ao seu erro fez com que ela se desestruturasse, como observamos no AFETO de alta GRADAÇÃO “muito mal” (linha 16).

Na narrativa a seguir, Mila esclarece o modo como a situação começou:

Fragmento 125- Sessão 12

- 33 F Mas aí, Mila, você tá na aula e pinta um obstáculo. E aí? Você tem que
34 saber lidar com essa situação
- 35 Mila Você não tem noção do **ridículo**, foi assim: nós começamos a fazer o
36 exercício e aí cada um ia dizendo a frase, era pra colocar aquilo na
37 ordem do texto, e aí eu fui colocar aquilo na ordem, porque eu
38 continuei tentando participar da aula, aí eu errei uma
- 39 F O que não é nada de mais
- 40 Mila Mas assim, todos, sem exceção começaram: “não, não sei o que!!” E
41 vira a guria que estudava comigo me disse assim: “Ah, **eu não acredito**
42 que depois de você ter estudado não sei quantos anos de francês você
43 errou isso!”

Em minha fala, insisto no desenvolvimento de estratégias afetivas para que Mila lide com os obstáculos que podem surgir, entretanto, Mila prende-se à maximização do erro, como no JULGAMENTO/normalidade “ridículo” (linha 35). O fato do JULGAMENTO/capacidade “eu não acredito” (linha 41) ter partido da colega adolescente que já vem estudando com Mila há algum tempo intensificou seu sentimento de inferioridade perante o grupo, cuja reação não colaborou com Mila:

Fragmento 126- Sessão 12

- 45 Mila Aí, começaram a rir, **coisa de criança**, a gente sabe que **é natural**,
46 F Você tá no grupo errado
- 47 Mila Mas tem uma senhora, que estuda filosofia, não é todo garotada não,
48 sabe,
- 49 F Mas pra ter essa reação ridícula...
- 50 Mila Inclusive essa senhora também entrou na gaiatice, e eu fiquei, gente,
51 vocês não eu queria **entrar pelo chão a dentro**
- 52 F E a professora?
- 53 Mila Eu acho que ela nem percebeu, ela continuou fazendo o exercício, e a
54 coisa rolou e eu fiquei...
- 55 F E essas criaturas acertam tudo, não erram nunca?
- 56 Mila Provavelmente

Mila avalia a reação da turma através do JULGAMENTO/normalidade “coisa de criança” e “é natural” (linha 45), por tratar-se de um grupo formado em sua maioria por jovens. Contudo, Mila menciona que há uma senhora na turma, que une-se aos demais colegas na ridicularização, a que julga como “gaiatice” (linha 50). Segundo Mila, a professora não se deu conta do que estava acontecendo ou preferiu não envolver-se, e com isso perdeu a oportunidade de propor ao grupo uma discussão

acerca de erros, cooperação e coleguismo. Mila descreve seu sentimento através do AFETO/infelicidade “eu queria entrar pelo chão a dentro” (linha 51), e Mila conclui o fragmento com a crença de que os colegas nunca cometem erros, quando diz “provavelmente” (linha 56), o que contribui para intensificar a AAULE.

Mila novamente lamenta-se por trazer à cena um episódio negativo em nosso último encontro, pois mantém a crença de que uma pesquisa acadêmica deve apresentar resultados:

Fragmento 127- Sessão 12

63	Mila	Eu nunca tinha me sentido assim na minha vida, é uma coisa assim,
64		que eu posso assim fazer um esforço sobrehumano , ainda é aquela tal
65		história, eu me senti tão fragilizada com aquilo, que eu na hora de sair
66		eu ainda brinquei com o pessoal, olha que nunca me faltou resposta,
67		mas naquele dia eu me senti assim um lixo , e eu fiquei pior ainda
68		quando eu cheguei em casa que eu pensei, gente por que que não
69		terminou o encontro com Fernanda antes disso?
70	F	Não, mas o nosso trabalho não visa o resultado, esse trabalho é um
71		trabalho em ondas, apresenta altos e baixos, o que que a gente tá
72		fazendo? Não é um resultado é pensar o que que o processo reflexivo
73		traz, só isso.

Percebemos a intensidade dos seus sentimentos em relação ao ocorrido através da APRECIÇÃO/composição “sobrehumano” (linha 64) e dos AFETOS “fragilizada” (insegurança, linha 65), “um lixo” (infelicidade, linha 67), e “pior” (infelicidade, linha 67). Mila, por conseguinte, sente-se frustrada por dois motivos: foi ridicularizada em sala de aula e acredita que me ‘decepcionou’ como pesquisadora ao não apresentar a ‘melhora’ que almejava em relação à AAULE. Minha fala busca tranquilizá-la a, mais uma vez, ressaltar os propósitos não prescritivos da pesquisa, como observamos pelas escolhas lexicais “em ondas”, “altos e baixos” e “só isso” (linhas 71 e 73). Enquanto Mila avaliou a situação negativamente, para mim o fato constituiu uma oportunidade para a nossa Prática Exploratória, já que pudemos refletir e entender melhor o que realmente aconteceu e Mila teve a chance de externar seus sentimentos em um ambiente acolhedor e colaborativo.

A frustração do erro associada à ridicularização imposta pelo grupo contribuiu para que Mila desenvolvesse o comportamento de evitamento, como presenciamos no fragmento 128:

Fragmento 128- Sessão 12

77	Mila	Mas eu não sei se eu tenho coragem de ir lá. Eu me senti muito mal
78	F	Mas o que tem que acontecer ali é o seguinte também, quando na
79		sala eu me deparo com algum aluno numa situação dessa, a gente
80		tem que parar na hora, é todo mundo parar na hora e conversar, lavar a
81		roupa suja, porque isso não pode continuar, o professor não pode
82		permitir que dentro da sala, tem que tomar uma providência, na hora,
83		perguntar: por que que você falou isso pra ela? Você não erra nunca?
84		Sala de aula é lugar de zoar alguém? Isso não pode acontecer, porque
85		isso é processo reflexivo, quando surge uma questão, isso tem que ser
86		conversado
87	Mila	Eu pra te dizer a verdade pensei comigo, gente eu já vivi a minha vida
88		inteira, já fiz tudo que eu queria fazer na minha vida, me realizei , acho
89		que fiz um bom trabalho , e aí assim, de repente, eu tô precisando
90		passar por isso? Eu tenho necessidade de ser humilhada numa aula e
91		voltar com vontade de chorar? Eu engasguei na hora que eu não
92		conseguia mais ler! Eu não sabia o que que eu tava lendo. Eu tava
93		lendo sem saber o que eu tava lendo. Eu tava andando, você já
94		experimentou andar numa escada rolante sem achar o chão? Como se a
95		escada fosse esteira ao invés de escada? A sensação que eu tinha era
96		essa, eu digo: gente!!

Na linha 77, observamos que Mila não encontra-se disposta a retornar ao curso, quando diz:” (...) não sei se tenho coragem de ir lá”, e complementa sua fala com o AFETO/infelicidade de alta GRADAÇÃO “muito mal”. Percebemos neste trecho a influência do conceito de Apropriação (POL, 1996) em um movimento oposto ao da ressignificação da AAULE. Após o episódio desagradável, Mila desapropria-se daquele espaço educacional, julgando-se inadequada ao grupo. Minha fala tende à necessidade de uma atitude exploratória em relação à questão, ou seja, surgiu uma situação naquele evento social que ficou sem negociação ou reflexão por parte de todos os envolvidos. Na sequência, Mila inicia um movimento reflexivo, como percebemos através dos JULGAMENTOS/capacidade:” (...) já fiz tudo que eu queria fazer (...)” e “me realizei” (linha 88), e da APRECIACÃO/composição “ bom trabalho” (linha 89). Neste movimento, Mila apresenta alguns *puzzles*: “eu tô

precisando passar por isso?” (linha 90) e “Eu tenho necessidade de ser humilhada numa sala e voltar com vontade de chorar?” (linha 91). Esses *puzzles* representam uma estratégia de reconstrução pessoal, já que ao perguntar-se sobre a real necessidade de submeter-se à essa exposição destrutiva, Mila parece que posiciona-se agentivamente e pode escolher o que for mais positivo para a sua qualidade de vida.

Neste fragmento, observamos alguns efeitos da AAULE. Percebemos através do AFETO/insegurança “Eu engasguei” (linha 91) que a ansiedade atua no embargo da voz, assim como no processamento do *input*: “Eu tava lendo sem saber o que eu tava lendo” (linhas 92 e 93). Mila relata também mais um sintoma físico quando descreveu como se sentiu ao andar para casa:” (...) andar numa escada rolante sem achar o chão?” (linha 94). Podemos observar que ao encontrar-se em um momento de desequilíbrio emocional, Mila sente efeitos negativos na leitura, na fala e na sua locomoção.

Insisto na ausência de uma atitude exploratória por parte da professora da turma, que sequer mencionou algo sobre o ocorrido, e Mila desenvolve a crença de que conversar com a professora sobre seus sentimentos em relação à reação dos colegas seria um problema para a sua professora.:

Fragmento 129- Sessão 12

102	Mila	Ah, mas eu não gosto de trazer problema pra os outros
103	F	Não é problema, não é questão de problema, são questões que
104		surgem, é um espaço, um evento, a aula é um evento social, e
105		infelizmente têm pessoas que não têm noção de convivência em grupo
106	Mila	Não sei se eu sou suscetível demais, não sei...
107	F	Qualquer um que ouvisse isso ia ficar chateado
108	Mila	Eu fiquei assim, eu fiquei passada com o negócio, fiquei passada ,
109		passada, passada , eu eu me senti muito mal , eu digo pra vocês, olha, tá
110		difícil, já tô desde segunda-feira
111	F	Isso foi segunda-feira
112	Mila	Foi segunda, e graças a Deus segunda-feira não tem aula, vocês não
113		tem noção, tá muito, muito muito esquisito e eu tô me sentindo assim
114		idiota , eu achei, e o pior de tudo não é isso não, o tal do alemão
115		deslanchou
116	F	Isso é o melhor de tudo!

Em minha fala, caracterizo a sala de aula como “um evento social” (linha 104), um espaço no qual questões surgem e devem ser discutidas para que a qualidade de

vida do grupo melhora. Mila prossegue, referindo-se aos seus sentimentos lançando mão dos AFETOS/infelicidade “passada” (linhas 109 e 110) e “mal” (linha 109). Entretanto, em meio a esse turbilhão de sentimentos, algo positivo aconteceu: “o tal do alemão deslanchou” (linhas 114 e 115), fato esse que é avaliado por Mila negativamente, como observamos na GRADAÇÃO/foco “o pior de tudo” (linha 114). A melhora na performance em alemão confundiu os seus sentimentos em relação a si como aprendiz de LE, pois após o ocorrido na aula de francês, Mila voltou a considerar-se incapaz de aprender línguas, mas o bom rendimento em alemão veio a desestabilizar a sua crença. Meu comentário final confronta o seu, já que percebo que esse movimento é positivo para Mila, pois a melhora em alemão talvez a fizesse não generalizar as suas habilidades.

Ao longo da sessão, Mila remete-se aos seus sentimentos negativos em decorrência da humilhação pela qual havia passado, e no fragmento 131, percebemos um delicado movimento em direção à ressignificação da AAULE:

Fragmento 130- Sessão 12

202	Mila	Não se pode viver pulando. Eu vou, vou, primeiro eu tenho que
203		arrumar a minha cabeça, eu não posso me sentir burra, eu acho que o
204		permissivo é meu.
205	F	Você não pode se sentir inferior porque você errou, que isso? Errar
206		acontece com todo mundo, eles são universitários, de onde?
207		Ah, um é da UFRJ, a maioria é da UFF, são perfeitos? Não erram?
208	Mila	Olha, aquele dia foi um dia assim... terrível, terrível, terrível, terrível , e
209		eu me senti muito mal , e eu entrei assim num canal de achar que
210		realmente eles tavam certos
211	F	Ah!! Aquelas pessoas que nasceram ontem, vão te convencer de
212		alguma coisa?
213	Mila	Pois é, fiquei mal ,

Nas linhas 202 a 204, percebemos o desenvolvimento de alguns entendimentos/crenças que tendem à ressignificação da AAULE, pois pela primeira vez no encontro Mila consegue pensar em maneiras de lidar com a situação negativa, quando diz:” (...) eu tenho que arrumar a minha cabeça” (linha 202). Mila volta a lembrar-se daquele dia, utilizando a APRECIACÃO/reação “terrível” (linha 208), enfatizada no seu discurso através da repetição (quatro vezes), e novamente observamos o AFETO/infelicidade “mal” (linha 213).

No fragmento 131, Mila volta ao puzzle sobre a necessidade de submeter-se à aprendizagem de LE:

Fragmento 131- Sessão 12

242	Mila	É, Lea, mas aí que eu me pergunto, por que que eu me envolvo nisso
243		sem necessidade?
244	Lea	Tem, porque a gente sempre tem necessidade de aprender uma coisa
245		nova, fazer uma coisa diferente, é um desafio.
246	F	Será que a Ruth não quer te dar aula particular de francês?
247	Mila	Ela não dá aula particular, mas é aquela tal história, isso é uma coisa
248		que eu tenho que vencer, Fernanda
249	F	Eu acho que isso aconteceu até numa hora providencial, antes de a
250		gente ter encerrado as sessões, porque a gente tá tendo chance de
251		debater isso,
252	Mila	Pra mim é, mas a minha preocupação é que poxa, a gente trabalhou
253		tanto...
254	F	Não, de jeito nenhum, o que que a gente tá fazendo nesse trabalho, é
255		uma reflexão acerca dos sentimentos em relação à sala de aula, em
256		relação à ansiedade, não tem resultado previsto, não é pra ter um
257		resultado, não é pra ser, ah agora todos estão curados, não.
258	Lea	É porque cada dia você tá num astral, se de repente tivesse acontecido
259		isso num outro dia...

O *puzzle* apresentado por Mila é ‘respondido’ por Lea, que avalia a aprendizagem de línguas, como um “desafio” (linha 245) positivo para a qualidade de vida, já que traz inovação, movimento à vida. A conversa aborda a necessidade de se aprender uma língua estrangeira na fase adulta, considerando-se que essa aprendizagem não vem trazendo à Mila satisfação emocional. Percebemos outro sinal de resignificação da AAULE, quando diz: “isso é uma coisa que eu tenho que vencer” (linhas 247 e 248). “Vencer” pode ser interpretado como um ato de agentividade, já que para que esse objetivo seja alcançado Mila terá de desenvolver estratégias afetivas para lançar mão em caso de frustrações.

No fragmento analisado, Mila novamente lamenta-se por não estar em uma fase feliz como aprendiz em nossa última sessão exploratória: “a gente trabalhou tanto...” (linha 252). Entretanto, eu avaliei a situação através da APRECIÇÃO/valor “providencial” (linha 249), pois esta pesquisa nunca constituiu um crescendo, mas um espiral de emoções em movimento. Lea traz a sua contribuição no final do fragmento defendendo a crença de que a avaliação de uma situação depende do

estado de espírito da pessoa em determinado momento. Contudo, para Mila, uma das questões centrais é o erro:

Fragmento 132- Sessão 12

263	Mila	Pra mim, qualquer situação de erro é horrível , posso estar com um
264		astral maravilhoso, mas...
265	F	Ocorre um episódio desse, e..., mas aí que tá, na hora que acontecer
266		isso, tem que ser resolvido
267	Mila	Eu pensei em resolver isso, eu vou levar pra terapia segunda-feira,
268	F	Não, receber uma crítica, um comentário ,mas isso não foi uma crítica
269		construtiva, isso foi uma humilhação, tudo é a maneira que se fala.
270	Mila	Mas foi uma coisa assim, pularam todos ao mesmo tempo, assim tipo:
271		essa anta vem pra cá, mulher velha burra , pra fazer as coisas errado
272		aqui, mas foi assim uma reação global,
273	F	Eles gritaram a resposta certa?
274	Mila	Todos gritaram, simultaneamente, e eu dali pra frente não consegui
275		fazer o exercício, eu cheguei em casa, fui tentar

Mila refere-se ao erro através da APRECIACÃO/reação “horrível” (linha 263), em qualquer circunstância, e pretende discutir esse sentimento com seu terapeuta. Neste fragmento, Mila utiliza-se dos JULGAMENTOS/capacidade “essa anta” e “mulher velha burra” (linha 271) para interpretar a reação impetuosa dos seus colegas de turma após o seu erro. Nesse JULGAMENTO, há a crença implícita de que a idade avançada deve trazer sabedoria. Mila sofre porque acredita que uma pessoa como ela já não deveria cometer erros. Mila prossegue:

Fragmento 133- Sessão 12

295	Mila	Mas eu fiquei mal , mas eu fiquei mal , fiquei mal, fiquei mal , mal , eu
296		saí dali...
297	F	Mas o professor, na hora de conduzir as coisas, pedir resposta do
298		exercício a uma pessoa, você tá direcionando todos os olhares pra
299		aquela criatura, aí que tá se você
300	Mila	Vai passando, cada hora um responde, e eu errei!E daí?

O AFETO/infelicidade “mal” (linha 295) destaca-se no fragmento 134 através da repetição (quatro vezes), e percebemos um entendimento, quando diz “e eu errei! E daí?” (linha 300). Esse comentário sinaliza um movimento em sentido oposto ao da

cobrança costumeira, que caracteriza seu JULGAMENTO pessoal. Na primeira sessão, Mila nos contou o motivo que a levou a desistir de estudar inglês, e em decorrência desse acontecimento, ela comenta:

Fragmento 134- Sessão 12

342	Mila	Ah, mas eu fiquei, olha, eu fiquei muito mal , e tô mal inclusive, e isso
343		foi quarta feira, eu não botei a mão nos exercícios de francês, eu falei,
344		gente vai acontecer de novo a história do inglês, em inglês eu apenas
345		rio.

A avaliação do incidente ocorrido em aula foi extremamente negativa, como novamente percebemos pelo AFETO/infelicidade de alta GRADAÇÃO “muito mal” (linha 342). Este trecho nos mostra também o evitamento, quando diz: “eu não botei a mão nos exercícios de francês”, por conseguinte, Mila teme que isso a leve a desistir do francês também. Ao dizer” (...) eu apenas rio” (linha 345), observamos um humor satírico, reflexivo, como se Mila se posicionasse como uma espectadora da sua frustração que ‘cruelmente’ ri de si mesma.

Ao pensar sobre o desempenho dos colegas de turma, Mila comenta:

Fragmento 135- Sessão 12

402	Mila	Que estranho , Fernanda! Como é que eles, a história é assim: eu tava
403		muito à frente deles, agora eu tô atrás deles na corrida, eles estão se
404		desenvolvendo melhor do que eu
405	F	Você acha que eles estão aprendendo mais rápido?
406	Mila	Eu tô achando que eles tão aprendendo mais rápido do que eu, o que
407		eu tinha que aprender eu já aprendi,
408	F	Você acha que fossilizou?
409	Mila	Eu acho que fossilizou, eu fossilizei

No fragmento 136, Mila utiliza-se da APRECIACÃO/reação “estranho” (linha 402) para avaliar a aprendizagem dos colegas pelo JULGAMENTO/capacidade “melhor” (linha 404). Observamos também que Mila verbaliza duas crenças, já que acredita que existe uma corrida rumo à aprendizagem das LE e que ela saiu na frente dos seus companheiros de turma, talvez pelas oportunidades de uso do francês nas viagens, mas ficou para trás. Mila acredita que seus colegas de turma apresentam mais progresso do que ela. Mila também desenvolve a crença de que já aprendeu tudo

o que poderia. A primeira crença decorre do fato de que quando Mila começou as aulas de francês na instituição atual, ela já não era uma aluna iniciante, pois já havia concluído o curso em outra escola de idiomas. Assim, Mila já conhecia determinados elementos gramaticais e lexicais do francês. A segunda pode ter relação com a aprendizagem da LE na fase adulta avançada, visto que a maioria da turma é mais jovem do que Mila. Por conseguinte, Mila considera a hipótese de fossilização, já que não vem sentindo progresso em sua performance na LE.

Como esta sessão seria a última com a presença de Lea, perguntei-lhe sobre as suas impressões acerca do trabalho realizado até aquele momento:

Fragmento 136- Sessão 12

- | | | |
|-----|-----|--|
| 436 | | desafio. E pra você, Lea, como é que foi a questão das reuniões, o que |
| 437 | | que isso te fez pensar? |
| 438 | Lea | Olha, as reuniões foram ótimas, algumas técnicas que no dia a dia pra |
| 439 | | você estudar ajuda, o lance da imagem, né, isso e aquilo, e várias vezes |
| 440 | | eu tava pensando em desistir do curso de inglês e aí vinha aqui e |
| 441 | | pegava aquele gás novo pra continuar e assim, realmente o que eu |
| 442 | | pude avaliar assim, é que eu preciso dedicar mais tempo, porque todos |
| 443 | | os viventes da minha casa dependem de mim, e eu não tenho tempo, |
| 444 | F | O seu rebanho! [risos] |
| 445 | Lea | Aí, o que que acontece, tem tudo isso que a Mila falou que ela sente, |
| 446 | | eu também sinto, tenho medo de responder, a insegurança, ficar |
| 447 | | confortável dentro da sala de aula, mas aprender uma outra língua não |
| 448 | | é tão fácil como eu pensava que fosse, às vezes eu tô ouvindo alguma |
| 449 | | coisa em inglês, consigo entender uma palavra ou outra, e sei lá, tem |
| 450 | | horas que eu penso em voltar lá pra o livro três, refazer o três e o |
| 451 | | quatro, realmente, aprender uma língua não é fácil, e a gente tem que |
| 452 | | tá vencendo desafios todos os dias |
| 453 | F | Exatamente, aprender qualquer coisa |

Lea avalia as sessões exploratórias através da APRECIÇÃO/valor “ótimas” (linha 438), e neste fragmento Lea, de modo conciso, compartilha alguns entendimentos que desenvolveu ao longo desses meses juntas. Lea entende que aprender uma LE requer uma grande dedicação, que envolve riscos, como percebemos em seu discurso, através do uso do AFETO/insegurança “medo”, “insegurança” e “confortável” (linhas 446 e 447). Lea entende que essa dedicação não acontecerá no seu atual momento de vida. Um outro entendimento foi desenvolvido,

quando diz “aprender uma língua não é tão fácil quanto eu pensei que fosse” (linhas 447 e 448). Este entendimento também carrega uma crença: Lea acreditava que aprender uma LE seria fácil, entretanto, ao deparar-se com as peculiaridades desse tipo de aprendizagem, ela percebeu que o tempo de dedicação ao estudo deveria ser mais elevado.

No fragmento 136, Lea considera as sessões exploratórias como algo positivo para a sua vida como aprendiz de LE, quando diz: “várias vezes eu tava pensando em desistir do curso de inglês e aí vinha aqui e pegava aquele gás novo pra continuar (...)” (linhas 440 e 441). Com mais este depoimento, senti que a minha pesquisa inclusiva e participatória cumpriu um dos seus propósitos, no sentido de poder contribuir para melhorar a qualidade de vida dessas aprendizes. Foi preciso concluir o encontro e teci comentários sobre a nossa convivência, confesso que eu estava muito emocionada e não consegui estender-me:

Fragmento 137- Sessão 12

493	F	trocar com o outro. Mas é isso, meninas, eu sei que vocês têm que ir,
494		mas eu queria dizer que foram momentos maravilhosos aqui nas
495		reuniões, e que isso não acaba aqui. A reflexão continua, o exercício
496		diário de lidar com os obstáculos continua, e a gente vai se falando...

[Despedidas finais, choro e risos]

Nesta ‘despedida’, busquei enfatizar que o término dos encontros nesse formato não significa que o processo reflexivo chegara ao fim. O principal objetivo das sessões foi contribuir para que as participantes conhecessem e ‘vivessem’ a Prática Exploratória como algo natural e constante. Em 2011, Lea precisou interromper o curso de inglês devido à questões familiares, e Mila retomou os estudos de língua inglesa comigo e permanece até hoje.

Ao longo dos doze encontros realizados diversas crenças emergiram, algumas consideradas mais centrais e outras mais periféricas. Ao longo do presente capítulo, essas crenças foram analisadas considerando-se sua relevância na tessitura dos entendimentos acerca da AAULE e sua resignificação. Através do arcabouço teórico do Sistema da Avaliatividade, observamos intensa oscilação na polaridade das

crenças. Para uma melhor visualização, apresento um quadro resumo das crenças desenvolvidas por Mila ao longo das sessões exploratórias:

Sessão 1 Falo mal francês, sei eu que muito mal. Eu tenho um bloqueio absoluto com línguas. Há alguma coisa no meio do caminho que eu não consigo ultrapassar. Eu quero saber o porquê das coisas. A questão sou eu. De tanto repetirem, os jovens aprendem.	Sessão 2 Aprender é quase um ato de apreender Aprendizagem tem mais a ver com o sentido da coisa. O real aprendizado é feito pelo método. Saber uma língua é você ter uma linguagem um pouco mais elaborada. Se eu domino uma língua eu tenho que ter no mínimo o mesmo conhecimento que eu tenho em português. Se eu preciso consultar o dicionário na leitura, eu não tenho o domínio da língua. Tudo tem a relação com o prazer.	Sessão 3 É fundamental estabelecer essa relação prazerosa no aprender. Nisso é que tá o foco de tudo. Utilizar a estrutura por hábito, sem saber o que está fazendo, é negativo. Falar mal fere os ouvidos do outro, um desrespeito. Ao conhecer as raízes de cada povo, você mais ou menos traça a identidade de cada um. Desconstruir é muito complicado. Sem que eu conheça o sentido eu não consigo. Essa coisa de afetividade é uma coisa muito difícil. A identidade professor/aluno, esse canal de passagem que é aberto se não for aberto você não consegue aprender.
Sessão 4 A questão não é a aula. A coisa é mais séria do que eu imaginava, o problema tá em mim. Eu acho que já era para estar acumulado na minha cabeça. Não adianta eu saber pela metade do caminho Acreditei que a gente pudesse encontrar uma solução para o meu problema. Eu já poderia ter um vocabulário um pouco maior. Não deveria esquecer. Eu preciso economizar tempo. Todo mundo sabe inglês, menos eu. Isso é o estigma.	Sessão 5 Eu criei vícios que eu tô custando a corrigir. Vai muito da maneira que cada um vê a coisa. Eu acho que eu já me cobrava Eu aceitava a cobrança como um desafio	Sessão 6 Não consigo me comunicar bem gramaticalmente. As pessoas estão sendo benevolentes comigo. Eu não sei nada. No alemão tudo tem um lugar e uma explicação. O francês não tem uma estrutura rígida. Os jovens acabam aprendendo mais facilmente pelo descompromisso. Preciso desconstruir o que aprendi para aprender de novo. Se Ruth tivesse sido minha professora no primeiro ano eu não estaria com o problema que eu estou
Sessão 7 A constituição do eu é a parte mais difícil você conseguiu se ver. Um estudo de essência é fundamental para todo e qualquer conhecimento. É necessário fazer um estudo funcional da língua. Ou você tem sensibilidade ou você não tem (sobre profs.) O professor tem uma responsabilidade muito grande porque é formação.	Sessão 8 Se você não entende o mecanismo da língua, não adianta. Prestar atenção ao que o outro diz é fundamental. Uma coisa é você significar, outra coisa é você significar. A compreensão humana é uma coisa muito difícil. Sou aquele trabalhador que quer saber o que traz na marmita, a coisa tem que estar departamentalizada. Tudo que o professor pode fazer é dar ao aluno ferramenta de	Sessão 9 Eu não consigo viver o desprazer da coisa. Aprender a língua está durando tempo demais e eu não estou dando conta. Eu já devia ter um domínio quase absoluto da língua. Eu acho que eu tenho alguma deficiência em relação à língua Um guia turístico tem o domínio da língua condizente com o nível de escolaridade dele. Ter uma estrutura totalmente diferente é um facilitador. Primeiro você tem que desconstruir pra depois reconstruir. Eu estou ficando burra.

A educação hoje em dia é uma porcaria, nada tem relação com a vida.	trabalho. Se você não tem referência, ou você aprende ou não aprende. Estou dando um trabalho absurdo à prof. Ruth. Se o sujeito tem a estrutura, ele não é adestrado.	
Sessão 10 A aula deve dar conta do mínimo, dos conhecimentos básicos. Se você não acreditar absolutamente no que você faz, você não consegue fazer. Deve existir um retorno. A orientação pode e deve ser do outro. O outro vê coisas que a gente não vê. Os brasileiros admitem tudo que todo mundo diz. O caminho é uma trajetória que eu teria que ter alcançado. Nós estamos num lugar por um tempo, tudo aqui é temporário.	Sessão 11 Eu achava que eu tinha um bom conhecimento do português. Ter um bom conhecimento é ter um domínio quase que absoluto da gramática. Se você sabe três tempos de verbos e algumas palavras, você fala alemão fluentemente. Eu acho que eu não sei mais conjugar em português. A linguagem é uma coisa muito complexa, é reflexo de toda a sua confusão interior.	Sessão 12 Existe um ponto em que eu não consigo mais acompanhar. Não se pode viver pulando. O que eu tinha que aprender eu já aprendi. Eu acho que eu fossilizei.

Quadro 14- Resumo das crenças da Mila

Na próxima seção, apresentarei alguns depoimentos escritos por Mila posteriormente as sessões que complementarão o processo de busca pela resignificação da AAULE.

7.13

E a atitude exploratória continua...

Esta seção apresenta depoimentos escritos por Mila entre os meses de setembro de 2010 e março de 2012. Na ocasião da última ‘sessão exploratória’, Mila encontrava-se extremamente frustrada pela postura anti colaborativa dos seus colegas da turma de francês. Seguindo um conselho meu, Mila conversou com uma de suas colegas sobre o ocorrido, como observamos na mensagem a seguir:

Mensagem 1

- 1 Bom dia querida!!!!
- 2 Que prazer enorme recebê-la, mesmo que por e-mail.

3 Estava mesmo querendo lhe contar, mas devolvi⁴¹ o caderno com os números
 4 dos telefones. Você poderia repassá-los a mim por email. Se possível também
 5 o de Lea.
 6 Bem, lá fui eu, depois de uma conversa **muito intensa** comigo mesma. Como
 7 já lhe dito, resolvo as coisas em mim primeiro. Pensando conclui que o que
 8 estou fazendo na XX é **totalmente novo** , com **novas** exigências, **novas**
 9 propostas e resolvi investir **apenas** no tentar aprender. Dei um toque em Luiza
 10 que se desculpou e estou com **novo** ânimo. Vamos ver.
 11 Beijos e obrigada pelo carinho. Levo você no coração e, materialmente no
 12 peito⁴².

Mila

(E-mail enviado em 15/09/10)

Na mensagem 1, Mila demonstra que seu exercício reflexivo continua, quando diz:” (..) depois de uma conversa muito intensa comigo mesma” (linha 6), na qual percebemos a GRADAÇÃO/força “muito intensa”. Mila prossegue com um entendimento construído, de que necessita estabilizar-se internamente para poder dar continuidade às suas atividades. Nesta mensagem, destaco as APRECIACÕES/valor “novo” e “novas”, que também trazem o entendimento a respeito da novidade da experiência atual na escola de francês. Sublinho o movimento de resignificação de crenças presente na enunciação:” (...) e resolvi investir apenas no tentar aprender.” Se tomarmos algumas sessões exploratórias iniciais, observaremos que Mila pretendia ter na LE o mesmo domínio da língua materna, mas agora ela altera suas escolhas lexicais, como na GRADAÇÃO/força “apenas” e através do uso do verbo “tentar”. Consequentemente, há em seu discurso um tom menos exigente consigo, ou seja, indica um recuo no nível de cobrança pessoal, como podemos observar na mensagem 2:

Mensagem 2

17/09/10

1 Obrigada Fernanda!!!!!!
 2 Seguiremos nos comunicando até pelo prazer que me dá estar com você, uma
 3 pessoa que hoje me é muito cara.
 4 Creia, o sucesso de vencer cada obstáculo também é seu. Uma aula por vez...

⁴¹ No primeiro encontro, entreguei um caderno às participantes para que elas realizassem anotações caso quisessem

⁴² - Neste trecho, Mila refere-se ao pingente que lhe dei de presente ao final da última sessão exploratória.

5 Um beijinho,
6 Mila

(E-mail/resposta enviado em 17/09/10)

Na mensagem 2, as escolhas lexicais de polaridade positiva “sucesso” e “vencer” (linha 4) sugerem que Mila sente que está progredindo na aprendizagem das LE e isso lhe traz satisfação. Seu comentário” (...) também é seu” (linha 4), nos remete ao princípio da PE com relação ao desenvolvimento mútuo, na medida em que Mila compartilha o “sucesso” como algo nosso, pois Mila sempre esteve ciente dos propósitos deste trabalho no que diz respeito à qualidade de vida dentro e fora da sala de aula. Assim, com o comentário “uma aula por vez...” (linha 4), Mila esboça uma ressignificação da crença do tempo como um obstáculo a mais em sua vida. Se pensarmos no percurso da Mila como um *continuum*, podemos perceber que após as doze sessões exploratórias, ela posiciona-se do lado menos extremado, permitindo-se dar um passo por vez, permitindo-se “tentar aprender”.

Em outubro de 2010, Mila e eu reiniciamos o contato por e-mail e na mensagem a seguir, Mila esboça um pequeno sinal de contentamento em relação a aprender francês:

Mensagem 3(E-mail enviado em 18/10/10)

1 Oi Fernanda
2 Que saudade!!! Tudo bem?
3 Só rindo... o resumo irá virar resenha...saiu uma nova normativa e estamos no
4 aguardo. Falo com você assim que tiver o produto final em mãos. Acho que
5 um ou dois parágrafos.
6 O francês vai indo, **pelo menos** estou começando a **descontrair**.
7 Quero notícias do curso de ingles do qual estou em franca propaganda. Ruth
8 já quer pré-inscrição.
9 Beijos e obrigada pelo carinho!!!
10 Mila

Nesta mensagem⁴³, destaco a GRADAÇÃO/força moderada “pelo menos”, que inicia o trecho “pelo menos estou começando a descontrair”. A escolha da locução verbal “estou começando” reinicia um movimento de polaridade positiva com relação

⁴³ Para fins de contextualização, o “resumo” ao qual Mila se refere pertence à sua tese, e comprometi-me a ajudá-la com o *abstract*.

a aprender LE, e o AFETO/segurança “descontrair” corrobora a mensagem anterior, pois também apresenta um teor positivo e leve.

No início de 2011, Mila começou a ter aulas particulares de inglês comigo duas vezes por semana e em maio, pedi que me escrevesse um depoimento sobre seus sentimentos acerca da volta aos estudos da língua inglesa:

Mensagem 4

Depoimento entregue em 25/05/11

- 1 Ao vivenciar um outro modo de aprender inglês, venho paulatinamente
- 2 desmistificando mais que o simples estar em presença de uma língua
- 3 estrangeira, mas um querer por prazer.
- 4 De grande valia, o método proposto pela professora Fernanda, um método
- 5 misto, montado a partir de experiências vividas, tem trazido um despertar para
- 6 a formação de um vocabulário próprio e, em consequência, uma melhor
- 7 memorização. Este método, mais oralizado que escrito, além de introduzir
- 8 passo a passo noções gramaticais tem me permitido criar uma estrutura frasal
- 9 mais próxima do ideal.
- 11 Entretanto, de todos os ganhos, o maior foi a perda do sentimento de
- 12 incapacidade para o aprendizagem da língua estrangeira.

Na mensagem 4, Mila utiliza-se da GRADAÇÃO/força moderada “paulatinamente” (linha 1) para referir-se ao seu atual posicionamento em relação à aprendizagem da língua inglesa. Como pudemos observar nos seus comentários durante os encontros, seu contato com as LE sempre foi permeado por frustrações, medos, insatisfação e busca por perfeição e resultados imediatos. Revuz (1998) argumenta que a aprendizagem de uma LE pode representar uma ameaça à identidade do aprendiz e muitas pessoas não estão prontas para tal experiência (cf. cap. 4). Contudo, quando diz: “venho paulatinamente desmistificando mais que o simples estar em presença de uma língua estrangeira, mas um querer por prazer.” (linhas 1-3), Mila sugere estar preparada para os riscos que acompanham o processo de aprendizagem das LE. Deste fragmento, sublinho o AFETO/satisfação “por prazer”, como algo novo para Mila, já que durante toda a sua vida, as LE sempre transitaram no campo da obrigação e da cobrança pessoal.

Mila caracteriza o trabalho que temos realizado como um método “misto”, de “grande valia”, constituindo uma APRECIACÃO/composição de alta GRADAÇÃO,

do qual destaca o “despertar” do desenvolvimento de um vocabulário significativo, em oposição às listas que costumava tentar memorizar. Ela sublinha também o foco na forma, quando se refere às “noções gramaticais”, algo que sempre lhe importou muito. Em seu último parágrafo, Mila afirma que não se sente mais incapaz de aprender uma língua estrangeira, a qual avalia através da GRADAÇÃO/força “o maior”. Neste comentário, percebemos mais um movimento paradoxal, quando Mila explicita que o maior “ganho” foi a “perda” (linha 11), já que a palavra ganho normalmente representa uma adição, um acréscimo. Esta fala demonstra que houve ressignificação da AAULE, pelo viés das crenças, principalmente a crença sobre o binômio aprendizagem/tempo. Deste modo, no momento em que Mila percebeu que a desvinculação desses dois conceitos lhe traria uma melhor qualidade de vida como aprendiz de LE, seu posicionamento entra em movimento, como sugere o depoimento a seguir:

Mensagem 5 (enviada em 13/08/11)

1 Uma de nossas conversas reportou-me ao tempo **sem tempo** de Husserl,
 2 servindo-me de indicador para o aprendizagem da língua estrangeira. Ter
 3 presente o conhecimento do que é essencial no mundo da vida e do
 4 significado de constituição, levou-me à reflexão sobre o tempo distanciado
 5 do cronológico, permitindo-me questionar minha angústia. Somos todos
 6 induzidos a erro pela máquina, que ao nos impor limites
 7 com suas ofertas **mirabolantes**, gera expectativas, quase sempre **frustrantes**.
 8 Quem não foi seduzido pela proposta de falar inglês fluentemente, em um
 9 ano, e não se frustrou ao final? Compreender a estrutura primeira da língua,
 10 hoje, é a meu ver fundamental. É preciso interiorizar seu funcionamento, ter
 11 presente sua estrutura frasal, dirigir a intencionalidade a sua prática, de modo
 12 a melhor conduzir o aprendizagem. Focar a mecânica ensino/aprendizagem
 13 na área de interesse foi uma das **grandes** contribuições que recebi de você,
 14 Fernanda. Percebi que do conjunto de relações advém os limites entre o que
 15 se percebe e experiencia, pondo em movimento uma subjetividade em favor
 16 de... Contudo, foi o tempo fenomenológico a desmistificar a angústica do "ter
 17 de aprender em x tempo". **Complexa**, esta aprendizagem precisa fluir ao
 18 sabor deste tempo sem tempo e, assim, tornar-se **prazerosa**. Ao olhar para trás
 19 e ver agora passados, percebo que posso me permitir dar um passo de cada
 20 vez, já que estou disposta a caminhar em direção a... Assim, Fernanda,
 21 agradeço-lhe a oportunidade de tornar possível esta aprendizagem e, mais, ter
 22 uma **nova** percepção do que é aprender uma língua estrangeira.

23	OBRIGADA!!!!!!!!!!
----	--------------------

Esta mensagem sugere que Mila adotou uma nova perspectiva sobre a noção de ‘tempo’, sempre tão latente durante nossas sessões exploratórias. Quando a conheci e começamos a conviver durante os encontros, pude perceber que Mila cultivava uma relação conflituosa com o ‘tempo’ que, como uma ‘guilhotina’, a ameaçava pois contribuía para a crença de que já deveria dominar as LE.

Sabendo que Mila realiza pesquisas acadêmicas envolvendo o estudo da Fenomenologia, pedi que ela pensasse sobre o tema ‘ansiedade e essência’, e ela decidiu reportar-se a Husserl, um de seus autores favoritos, traçando um paralelo entre a sua noção de tempo e o “tempo sem tempo” (linha 1) de Husserl. A incorporação do conceito de “tempo distanciado do cronológico” contribuiu para a ressignificação da AAULE, assim como do conceito de aprendizagem, quando diz: “Complexa, esta aprendizagem precisa fluir ao sabor deste tempo sem tempo e, assim, tornar-se prazeroso.” Deste trecho, destaco a APRECIACÃO/composição “complexo” (linha 17) e o AFETO/satisfação “prazeroso” (linha 18), pois Mila desenvolveu o entendimento de que mesmo sendo complexo, a aprendizagem da LE pode ser prazerosa se “fluir ao sabor deste tempo sem tempo”. Relaciono este entendimento com ALLWRIGHT (2006) no que diz respeito às seis direções promissoras para a Linguística Aplicada, especialmente o movimento da simplicidade para a complexidade. A perspectiva de um “tempo sem tempo” inaugura um olhar diferente em relação à aprendizagem e sua fala sugere um alívio, por conta da redução do peso da cobrança.

Na mensagem 6, Mila volta à problemática dos “pacotes fechados” (sessão 1), quando diz:

Somos todos induzidos a erro pela máquina, que ao nos impor limites com suas ofertas mirabolantes, gera expectativas, quase sempre frustrantes. Quem não foi seduzido pela proposta de falar inglês fluentemente, em um ano, e não se frustrou ao final?

Podemos interpretar que a “máquina” (linha 6) à qual se refere corresponde às escolas de idiomas, e as APRECIACÕES/reação “mirabolantes” e “frustrantes” (linha

7) aos “pacotes fechados”, às promessas de fluência em LE após um determinado e curto tempo. Seu depoimento sugere que Mila já não pertence mais a esse grupo de pessoas que aceitam tal apelo, pois teve a oportunidade de refletir sobre inúmeros fatores envolvidos na aprendizagem das LE e vem desenvolvendo entendimentos sobre a “subjetividade” deste processo.

Sublinho o uso do verbo “permitir” (linha 19) como um importante elemento de ressignificação da AAULE, na medida em que instaura uma nova perspectiva sobre o que representa aprender e utilizar uma LE, em oposição ao verbo ‘cobrar’. Através da crença de “dar um passo de cada vez”, Mila agora percebe e aceita que o ato de aprender não tem um fim. Essa crença de aprendizagem como uma constante caminhada aparece na mensagem 6, a seguir:

Mensagem 6

Ref.: experiência com o inglês

1 Dei início a este trabalho **de resgate**, já que, como descrevi anteriormente,
 2 havia passado por um bloqueio. Por pura deferência ao empenho de Fernanda
 3 e com o intuito de enriquecer sua experiência, que sempre tão disponível e
 4 dedicada o merecia. Confesso que não apostava no resultado. Tinham sido
 5 tantas as experiências **inúteis e frustrantes**....
 6 Depois de uns seis meses, ou mais, com interrupções, confesso que me
 7 surpreendi **amando** experienciar o escrever, ler ou ouvir um pouco de inglês.
 8 Incipiente, ainda, cometo milhares de erros, tenho um vocabulário **medíocre**,
 9 mas começo a dar os primeiro passos e, **o mais importante**, sem o peso do
 10 "dever ser".

Obrigada Fernanda!! Mila (e-mail enviado em 11/03/12)

No primeiro parágrafo da mensagem 6, Mila avalia o processo reflexivo vivido através da APRECIÇÃO/valor “de resgate” (linha 1). Esta escolha avaliativa implica um movimento na vida dela em direção à uma auto-permissão para voltar a estudar inglês, após tantas situações que contribuíram para que ela desenvolvesse um “bloqueio” (linha 2). Mila avalia essas experiências utilizando-se das APRECIÇÕES/valor “inúteis e frustrantes” (linha 5). Percebemos através da sua construção narrativa que Mila decide ‘dar-se’ a oportunidade de um recomeço com o intuito de colaborar comigo, tanto como pesquisadora quanto como professora de inglês.

O segundo parágrafo da narrativa apresenta a sua avaliação (LABOV 1972), na qual observamos uma ‘virada’ em seus sentimentos iniciais. Mila diz: “me surpreendi amando experienciar o escrever, ler ou ouvir um pouco de inglês.”, na qual destaco a construção verbal “me surpreendi”, e o AFETO “amando” (linha 7), como elementos que representam uma resignificação da AAULE. Mesmo continuando a cobrar-se, julgando seu vocabulário como “medíocre” (linha 8) (APRECIÇÃO/composição), Mila tece seu caminho persistente, e “o mais importante: sem o peso do dever ser.”

Como a responsável pelo trabalho proposto e realizado nas sessões exploratórias, sinto-me plenamente satisfeita, já que o principal objetivo sempre foi contribuir, através da Prática Exploratória, para que as aprendizes envolvidas no percurso reflexivo se sentissem mais felizes consigo mesmas por estarem aprendendo uma LE. Finalizo aqui a análise das partes do discurso gerado nas sessões exploratórias e dos depoimentos escritos. Espero ter sido feliz na escolha dos fragmentos de modo a compartilhar um pouco do que vivemos durante todo esse tempo. Contudo, expresso neste momento um paradoxo meu. Por um lado encontrei o Sistema da Avaliatividade, através do qual foi possível analisar a avaliatividade prosódica do discurso, mas por outro lado ainda fica a sensação de que as palavras não são capazes de abarcar a experiência vivida. Encerro este capítulo com esta mensagem, me enviada por Mila em dezembro de 2011:

O Semeador de Estrelas é uma estátua localizada em Kaunas, Lituânia.

Durante o dia, passa despercebida.



Mas quando a noite chega, a estátua justifica seu nome...



*Que possamos ver sempre além daquilo que está diante dos ossos olhos, hoje e
sempre*

Obrigada pelas estrelas que já semeou em minha vida!

Mila

Figura 9: "O semeador de estrelas"